CONTRA A HERESIA ESPÍRITA

8

FREI BOAVENTURA, O. F. M.

# A REENCARNAÇÃO
## EXPOSIÇÃO E CRÍTICA

1955
EDITORA VOZES LIMITADA — PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

## INTRODUÇÃO.

**A palavra Reencarnação,** composta do prefixo *re* (designativo de repetição) e do verbo *encarnar* (tomar corpo), significa etimològicamente: tornar a tomar corpo. Designa a ação do ser espiritual (espírito ou alma) que já animou um corpo no passado, foi posteriormente dele libertado e agora torna a informar ou vivificar um corpo novo.

O mesmo termo é empregado também para indicar a doutrina filosófica daqueles que pensam que a alma humana (ser espiritual) passa por mais de uma existência corpórea ou terrestre e tendo à frente ainda longa série de sempre novas encarnações, para progredir sem cessar.

Muitas vezes esta mesma doutrina é designada também pelo termo grego *metempsicose* (transmigração das almas) ou ainda, e mais exatamente, pela expressão de Platão: *metensomatose:* mudança de corpo; pois não é o corpo que muda de alma, mas a alma que muda de corpo. *Palingenésia* (nova existência) é outro termo grego muito em voga.

Em sentido bastante amplo podemos, pois, considerar como *sinônimas* as seguintes palavras ou expressões: Reencarnação, Metempsicose, Metensomatose, Palingenésia, Pluralidade das existências, Vidas sucessivas, Progresso contínuo, Mudança de corpo e Transmigração da alma.

**O Reencarnacionismo no Brasil.** — O órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, *Reformador,* no fascículo de Setembro de 1953, p. 199, forneceu a seguinte notícia: "Graças à FEB (Federação Espírita Brasileira), ao seu trabalho de propaganda, 99,99% dos espíritas brasileiros aceitam a Doutrina de Kardec, incluída a realidade dos ensinamentos *reencarnacionistas*".

Com efeito, temos conhecimento apenas de um único grupo espírita do Brasil — "Jesus no Himalaia", de Niterói — que não admite a reencarnação. Todos os mais, chamem-se ou não espíritas ou espiritualistas, kardecistas ou rustenistas, ubaldistas ou ecléticos, redentoristas ou umbandistas, quimbandistas ou batuqueiros, teosofistas ou ocultistas; procla-

mem ou não seguir a Allan Kardec, a J. B. Roustaing, a Pietro Ubaldi, ao "mestre" Yokaanam, ao "Astral Superior", aos dirigentes das várias denominações umbandistas ou aos profetas da Teosofia: todos eles, aqui no Brasil, fizeram da teoria da pluralidade das existências o ponto de partida de sua filosofia, o fundamento de suas construções intelectuais, a pedra angular de todo o seu edifício doutrinário e religioso. A Reencarnação é para eles o "princípio básico da Filosofia Espírita"[1], a "base filosófica da doutrina"[2]. Sem ela, "desmorona todo o edifício espírita"[3]. Entre eles são frequentes as declarações categóricas com este teor: "A importância da Reencarnação é capital. Sem esta doutrina, o Espiritismo perderia toda a sua base filosófica... Sem a Reencarnação estaríamos diante do mais completo vazio"[4].

a) Quanto aos kardecistas, não há nenhuma necessidade de provar que eles são reencarnacionistas. Ainda teremos inúmeras ocasiões para verificá-lo. Toda a filosofia de Allan Kardec gira em torno desta idéia. Ele mesmo a teve como "uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo"[5], a tal ponto que, mais de uma vez, muito embora deteste profundamente a palavra, declara que a reencarnação é "dogma"[6]. Quando morreu, os espíritas gravaram no seu monumento, no cemitério de Père Lachaise, em Paris, as seguintes palavras: *Naître, mourir, renaître encore et progresser toujours: telle est la loi.* E' uma síntese feliz de todo o pensamento kardecista: "Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre: esta é a lei". Também Leão Denis, que foi uma espécie de sucessor de Allan Kardec, viu na reencarnação "o ponto essencial do moderno espiritualismo"[7].

b) Os mestres do incipiente Espiritismo de Umbanda, que ùltimamente vêm fazendo intensa propaganda entre nós, endossaram globalmente a filosofia reencarnacionista de Allan Kardec. Foi esta, por exemplo, a quarta conclusão unânime aprovada pelo primeiro congresso do Espiritismo de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro em Outubro de 1941: "Sua

---

1) Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo, *A Reencarnação e suas Provas,* Curitiba, 1953, p. 68.
2) Ibidem, p. 33.
3) Ibidem, p. 24.
4) Carlos Imbassahy, em *Mundo Espírita,* Curitiba, 21-5-1953, p. 1.
5) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 29. No correr do presente ensaio citaremos sempre as obras de Allan Kardec segundo as edições feitas pela Federação Espírita Brasileira (Rio de Janeiro).
6) Cf. *O Livro dos Espíritos,* 21.a ed., p. 117 e 134; *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39.a ed., p. 264.
7) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5.a ed., p. 235.

doutrina baseia-se no princípio da reencarnação do Espírito em vidas sucessivas na terra, como etapas necessárias à sua evolução planetária". O recente *Catecismo de Umbanda* (Rio 1954), que quer expor apenas "o que é aceito pela maioria dos umbandistas" (p. 5), faz na p. 66 a seguinte pergunta: "Há alguma diferença entre Umbanda e Kardecismo?" Resposta: "Doutrinàriamente, não há diferença. A doutrina de Umbanda é a mesma que a de Allan Kardec. A sua base é a evolução, o progresso espiritual, através do sofrimento, no decorrer das reencarnações". O mesmo podemos ler na obra *Doutrina e Ritual de Umbanda* (Rio 1951), que se diz "aprovada e adotada oficialmente pela Confederação Espírita Umbandista": "O Umbandista acredita na lei das reencarnações, na lei da evolução das almas" (p. 68). Também o Sr. Paulo Menezes, que se escondeu sob o pseudônimo de "Emanuel Zespo", e que por alguns já é considerado "o codificador de Umbanda", doutrina que "o Espiritismo de Umbanda aceita integralmente a revelação kardeciana"[8]; e particulariza: "Como os espíritas, o umbandista comunica-se com os desencarnados, aceita a lei das reencarnações"[9].

c) Mais veladamente embora, todavia com suficiente clareza, também Pietro Ubaldi, italiano, atualmente residente no Brasil, muito cortejado em certos ambientes espíritas e kardecistas, autor de numerosos livros que lhe foram ditados por uma misteriosa "voz", defende a reencarnação. Em *A Grande Síntese* são frequentes as alusões à pluralidade das nossas existências[10]. Assim, por exemplo, ele conclui na p. 286 um seu pensamento: "A lógica do Universo, a voz de todos os fenômenos, concordemente, vos conduzem a esta conclusão. Se, como está demonstrado, não obstante a mudança da forma, a substância é indestrutível, se é evidente a existência de um princípio psíquico, esse princípio tem que ser imortal, e imortalidade não pode ser senão eternidade, equilíbrio entre passado e futuro, isto é reencarnação. Se tudo o que existe é eterno, vós, que existis, sois eternos. Coisa nenhuma pode jamais anular-se. Não há lei ou autoridade humana que possa destruir a lógica e a evidência dos fenômenos. Sobrevivência do espírito é sinônimo de reencarnação (sic!)".

---

8) Emanuel Zespo, *O que é a Umbanda*, Rio, 1949, p. 47.
9) Ibidem, p. 51.
10) Pietro Ubaldi, *A Grande Síntese*, edição da LAKE, São Paulo (sem data), pp. 53, 91, 224, 244, 248, 285 s, 289, etc.

d) O mesmo se poderia dizer e provar do "Espiritismo Racional e Científico (Cristão)", organizado pelo "Astral Superior que dirige o Centro Espírita Redentor do Rio de Janeiro e seus filiados"; da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal do Sr. Oceano de Sá, que se persuadiu de ser a reencarnação de João Batista, pelo que se chama agora "mestre Yokaanam"; do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento", que em sua Editora *O Pensamento* publicou e continua estampando os livros mais exóticos que andam por este mundo em fora, em busca de gente crédula e supersticiosa; da Teosotia que, embora fundada contra o Espiritismo, anda, aqui no Brasil, de braços dados com os necromantes; da "Fraternidade Rosacruz", que assim o ensina expressamente em seus catecismos...

Não são, pois, poucos os que, neste Brasil católico, procuram difundir as idéias reencarnacionistas. E' necessário que, neste babel de intensa propaganda, uma voz se faça ouvir, católica e serena, para submeter a filosofia da reencarnação à luz da lógica, da história, da ciência e, sobretudo, da mensagem cristã.

## I. EXPOSIÇÃO DA DOUTRINA DA REENCARNAÇÃO.

Mostraremos mais adiante que não existe unanimidade entre os fautores da teoria da pluralidade das existências. A filosofia reencarnacionista se divide em várias escolas, havendo entre elas divergências bastante notáveis e numerosas. A exposição minuciosa de todas aquelas divergências entre os reencarnacionistas, além de nos levar para um complicado labirinto, seria desnecessária para a finalidade prática desta brochura. Basta-nos conhecer as linhas gerais da escola reencarnacionista mais propagada nos meios católicos do Brasil: a do Espiritismo kardecista. Pois, como vimos, "99,99% dos espíritas brasileiros aceitam a Doutrina de Kardec, incluída a realidade dos ensinamentos reencarnacionistas". O mesmo vale do Espiritismo de Umbanda que, segundo as declarações de seus mais destacados chefes e de suas obras oficiais, endossa plenamente a filosofia reencarnacionista da Kardec. E' a razão por que nos parece suficiente expor as principais idéias conexas com a reencarnação assim como foi concebida por Kardec e sua escola. Mas como todos os reencarnacionistas concordam no essencial, a crítica que faremos valerá substancialmente para todos eles.

**A autoridade e competência doutrinária da Allan Kardec** é reconhecida nos meios espíritas do Brasil. Nossos espíritas são incansáveis na exaltação dos méritos e das capacidades do "mestre". Eis uma das incontáveis vozes: "Para os espíritas, depois de Jesus Cristo, Allan Kardec é considerado o maior missionário que o Alto enviou ao mundo terreno para dar cumprimento às sábias e imutáveis leis de Deus"[1]. Outros sobem ainda muito mais nesta glorificação. Rangel Veloso[2], por exemplo, proclama que Kardec é o Divino Mestre (p. 12 e 15), o Revelador por excelência (p. 18),

1) *Revista Internacional do Espiritismo*, Matão, SP., Out. de 1952, p. 173.
2) Kardec Rangel Veloso, *Pseudo-sábios e Falsos Profetas*, 1947.

Personagem reconhecidamente Divina (p. 19), o Único Mestre no Espiritismo (p. 91)...

Aliás, o próprio Allan Kardec narra que foi consultar a quiromante Cardone, tendo perpetuado nas pp. 258-261 de suas *Obras Póstumas* (10 ed.) o que a vidente de Paris lhe revelou sobre sua personalidade e missão: é ele o "chefe da Doutrina, reconhecido pelos espíritas do mundo inteiro", o "proclamado Fundador", digno dos títulos de "sumo sacerdote, de pontífice, mesmo de papa", pelo que é coroado "com a tiara espiritual"...

E', pois, a esta incontestada autoridade que haveremos de recorrer principalmente para expor as linhas gerais da filosofia das vidas sucessivas e do progresso contínuo do espírito.

**O famoso Epitáfio.** — Já citamos o epitáfio do túmulo de Kardec e que sintetiza perfeitamente toda a filosofia reencarnacionista do mestre espírita: "Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre: esta é a lei". A vida que ora levamos sobre este planeta não seria, segundo esta concepção, nossa primeira existência corpórea: já temos vivido inúmeras vezes e outras muitas ainda teremos que sujeitar-nos, queiramos ou não, a idênticas condições. "A reencarnação — define Kardec — é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo"[3]. Perguntando aos "espíritos superiores"[4] se as nossas diversas existências corporais se verificam todas na terra, o codificador do Espiritismo diz ter recebido como resposta o seguinte: "Não; vivemo-las em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras, nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição"[5].

**"Vivemo-las em diferentes mundos".** — Para que os leitores não espíritas entendam bem essas referências a *outros*

---

3) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39.a ed. p. 67.

4) A. Kardec apresenta *O Livro dos Espíritos* em perguntas e respostas: as perguntas são dele e as respostas seriam dos espíritos superiores. Garante ele que esta obra básica da Doutrina Espírita "nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado"; os espíritos lhe prometeram de rever tudo quanto Kardec escrevesse, "a fim de lhe verificarmos todas as minúcias" (cf. obra citada, 21.a ed., p. 47).

5) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21.a ed. p. 118, n. 172. A mesma afirmação, que nós ainda deveremos encarnar muitas vezes, também em outros mundos, é feita multissimas vezes por A. Kardec e seus sequazes.

mundos, precisam saber que, entre os espíritas, é princípio assente e sustentado por todos os espíritos do além[6] que as estrelas são habitadas: "Transportando-nos pelo pensamento às regiões do espaço além do arquipélago da nossa nebulosa, veremos em torno de nós milhões de arquipélagos semelhantes e de formas diversas, contendo cada um milhões de sóis e centenas de milhões de mundos habitados"[7]. De acordo com a lei geral do progresso, também os mundos progridem[8]: "O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, sendo incessante, como é, a criação dos mundos e dos espíritos e progredindo estes mais ou menos ràpidamente, conforme o uso que façam do livre arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde é mais ou menos material a encarnação e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é mais ou menos rude. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que noutros orbes, havendo-os também mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra e em confronto com os quais esta seria, relativamente, um mundo ditoso"[9].

A nós, habitantes deste planeta, interessa este último ponto: é um dos menos adiantados! Povoado de espíritos relativamente inferiores! Kardec insiste várias vezes neste fato: Diz ele que na série progressiva dos mundos, o nosso "é um dos mais materializados e atrasados"[10]. Outra vez ensina que "o nosso mundo pode ser considerado, ao mesmo tempo, como escola de Espíritos pouco adiantados e cárcere de Espíritos criminosos"[11]. Assim sendo, ou somos espíritos atrasados, ou criminosos...

Havendo, pois, "centenas de milhões de mundos habitados"; sendo mui diversos os mundos em perfeição; sendo o

---

6) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10.a ed. p. 144, n. 105, pergunta se os vários mundos que circulam no espaço, terão habitantes como a Terra; e responde: "Todos os Espíritos o afirmam e a razão diz que assim deve ser". A mesma garantia nos dá A. Kardec em *O Livro dos Espíritos*, 21.a ed., p. 66, n. 55, dizendo que todos os globos que se movem no espaço são habitados.

7) A. Kardec, *A Gênese*, ed. 1949, p. 124 s., nota.

8) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed. pp. 64-65; id. *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 67 e p. 122, n. 185.

9) A. Kardec, *A Gênese*, ed. 1949, p. 206; cf. também *O que é o Espiritismo*, 10ª ed. p. 145.

10) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 145; cf. *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 123, nota 1.

11) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 153.

planeta Terra dos de habitantes menos adiantados, física e moralmente; devendo nós ainda progredir sempre, "porquanto o progresso é quase infinito"[12]; olhando para os milhões de mundos mais perfeitos do que este, pelos quais teremos forçosamente que passar, sempre progredindo e ininterruptamente nos aperfeiçoando, sem haver possibilidade de estacionar definitivamente [13], podemos imaginar o longo caminho que ainda nos resta a percorrer... "Nascer, morrer, renascer é o trabalho contínuo a que está sujeito o espírito, passando por todas essas transições, desde o minério até o homem e, daí por diante, desde o tipo boçal ao gênio. Não importa saber quantos milhares de anos foram precisos para tomar as feições humanas, o tempo que demorou na raça indígena e na preta, até chegar à branca, e nem as várias nacionalidades que adotou na sua trajetória... E o espírito passará a outro planeta mais adiantado. Daí, em escala sempre ascendente, de planeta em planeta..."[14]

**"... desde o Minério até o Homem..."** — Desta última citação queremos ressaltar uma expressão que já inclui um novo elemento e que tem certa importância na filosofia reencarnacionista: "... o espírito, passando por todas essas transições, *desde o minério até o homem...*" Reforcemos este pensamento com uma expressão mais autorizada de Leão Denis, o "filósofo inconfundível do Espiritismo", também ele incontestada autoridade em nossos meios espíritas. A importância do assunto justifica a transcrição deste passo mais longo: "Sabemos que, em nosso globo, a vida aparece primeiramente sob os mais simples, os mais elementares aspectos, para elevar-se, por uma progressão constante, de formas em formas, de espécies em espécies, até ao tipo humano, coroamento da criação terrestre. Pouco a pouco desenvolvem-se e depuram-se os organismos, aumenta-se a sensibilidade. Lentamente a vida se liberta dos liames da matéria; o instinto cego dá lugar à inteligência e à razão(...) A alma se elabora no seio dos organismos rudimentares. No animal está apenas em estado embrionário; no homem adquire o conhecimento, e não mais pode retrógradar (...) No dia em que a alma, libertando-se das formas animais e chegando ao estado humano, conquistar a sua autonomia, a sua respon-

---

12) A. Kardec, *O Livro dos Espiritos,* 21ª ed., p. 117, n. 169.
13) A. Kardec, *O Livro dos Espiritos,* 21ª ed., p. 119, n. 175 e p. 351 n. 781.
14) Alexandre Dias, *Contribuições para o Espiritismo,* 2ª ed., Rio 1950, p. 19 ss.

sabilidade moral, e compreender o dever, nem por isso atinge o seu fim ou termina a sua evolução. Longe de acabar, agora é que começa a sua obra real... Eterna viajora, a alma deve subir assim, de esfera em esfera... Através a sucessão dos tempos, na superfície de milhares de mundos, as nossas existências se desenrolam, passam, se renovam..."[15].

**E' o Evolucionismo em sua Formulação mais Extrema.** — Ele faz parte integrante da concepção reencarnacionista do Universo. Mais prudente em suas formulações e no modo de as apresentar, Allan Kardec endossou, contudo, os princípios gerais do mais extremo evolucionismo. Não nos deteremos agora na exposição de suas idéias sobre a gênese de universo[16], ou sobre a "gênese positiva", que ele irá opor à "gênese imaginária" da Bíblia[17]. Ao estudo da filosofia da reencarnação interessa mais diretamente acompanhar o desenvolvimento do espírito: Como e quando iniciou o espírito a sua longa trajetória através de sempre novas vidas?

Sempre que Allan Kardec fala expressamente sobre o problema da *origem* da alma, ele se refugia no mistério[18]. Muito embora seu racionalismo o faça repetir mais de uma vez que "para o Espiritismo absolutamente não há mistérios"[19], podemos ler em suas obras também frases assim: "Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são *mistérios* que fora inútil querer devassar"[20]. Isso foi escrito em 1857. Onze anos depois Kardec publica sua *Gênese*, com abundantes mensagens do "espírito" de Galileu Galilei. Aí já encontramos um progresso notável no pensamento do mestre reencarnacionista. O "espirito" de Galilei dá a seguinte instrução sobre a origem da alma: "O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultâneamente com o livre arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a sua individualização"[21]. Mais adiante o mesmo Kardec,

---

15) Leão Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., pp. 139-143.

16) Kardec desenvolveu suas idéias a este respeito principalmente em *A Gênese*. Publicamos sobre isso um estudo na *Revista Eclesiástica Brasileira*, 1952, pp. 803 ss.

17) Cf. *A Gênese*, ed. 1949, p. 82.

18) Cf. *O Livro dos Espíritos* 21ª ed., p. 78, n. 78 e 80; p. 294; *A Gênese*, ed. 1949, p. 110; *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 32.

19) A. Kardec, *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 201; cf. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 295, etc.

20) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 294.

21) *A Gênese*, ed. de 1949, p. 111.

falando então por conta própria, apóia a opinião dos que pensam que o princípio inteligente "se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus de animalidade... Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal"[22]. Pensa Kardec que este modo de explicar a origem da alma "corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador". E por quê? Porque "dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos".

Aliás, nem compreendemos as prudentes reservas de Allan Kardec em *A Gênese*, uma vez que já onze anos antes, em *O Livro dos Espíritos*, não obstante os já lembrados apelos ao mistério, a questão se encontrava resolvida com meridiana clareza e com plena aprovação dos "espíritos superiores". Pois aí, depois de afirmar que os animais tiram o seu princípio inteligente "do elemento inteligente universal", Kardec pergunta: "Então emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais?", ao que recebe a resposta: "Sem dúvida alguma, porém no homem passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal". E logo, à questão "onde passa o Espírito essa primeira fase de seu desenvolvimento", vem a explicação: "Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade". O que equivale a dizer que a alma humana passou "pelos diversos graus da animalidade", porquanto logo continuam os "espíritos" o seu ensino darwiniano: "Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida. E', de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização"[23], período que "começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra"[24].

O espírita patrício Leopoldo Machado compendiou, pois, muito bem a doutrina de Allan Kardec, quando escreveu: "A vida orgânica e anímica vem, não tenhamos dúvida, de

---

22) *A Gênese*, ed. de 1949, p. 204. Observe o leitor a última afirmação desta frase: "como há filiação (do animal para o homem) corporal". Pois na p. 200 Kardec já deixara sentado que o corpo humano vem provàvelmente do macaco.

23) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 290, n. 607 a.

24) Ibidem, p. 290, n. 607 a.

muito baixo e de muito longe, dos seres inorgânicos, até chegar ao homem, ao espírito, ao anjo... A espécie humana provém material e *espiritualmente* da pedra bruta, das plantas, dos peixes, dos quadrúpedes, do mono. E, de homem, ascenderá a espírito, a anjo, indo povoar mundos superiores, ou voltando à terra já transformado em mundo angelical"[25].

**Reencarnação e Metempsicose.** — Allan Kardec insiste mais de uma vez na necessidade de distinguir entre a doutrina espírita da reencarnação e a metempsicose de certos filósofos antigos. Escreve, por exemplo: "A pluralidade das existências, segundo o Espiritismo, difere essencialmente da metempsicose, em não admitir aquele a encarnação da alma humana nos corpos dos animais, mesmo como castigo. Os Espíritos ensinam que a alma não retrograda, mas progride sempre"[26]. Em *O Livro dos Espíritos,* n. 612, pergunta: "Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem?" Resposta: "Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente". Fique, pois, bem claro que o Espiritismo kardecista não concede a possibilidade de uma nova reencarnação em corpo animal. Ridicularizar a idéia espírita das vidas sucessivas com perspectivas de tornar a viver num corpo de burro, ou histórias semelhantes, é desconhecer a verdadeira doutrina kardecista. As reencarnações são progressivas, dizem eles, jamais regressivas. Pode acontecer que, por sua má vida, o espírito embarace o progresso e fique assim estacionário[27]. Mas não progredir já merece castigo. E o castigo consistirá em reencarnar-se mais uma vez na mesma condição de vida da encarnação anterior[28].

**Impelido pela Lei do Progresso,** o espírito não pode estacionar definitivamente em sua marcha à perfeição: "Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem opor-se-lhe. E' uma força viva, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada, por leis humanas más"[29]. Temporàriamente, porém, pode-se impedir o progresso: "Os Espíritos podem conservar-se estacionários, mas não retrogradam. Em caso de estacionamento, a puni-

25) Na *Revista Internacional do Espiritismo,* Matão, SP, 1941, p. 193.
26) A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 97.
27) Ibidem, p. 351, n. 781.
28) Ib. n. 872.
29) Ib. p. 351, n. 781.

ção deles consiste em não avançarem, em recomeçarem, em meio conveniente à sua natureza, as existências mal empregadas"[30]. E assim acontece que um espírito "pode viver muitas vezes no mesmo globo se não se adiantou bastante para passar a um mundo superior"[31]. Pode até reencarnar num mundo mais atrasado do que este, e isso por dois motivos: ou em castigo, ou em missão especial[32]. Regra geral, porém, é que "o homem tem que progredir incessantemente"[33]. E este progresso "é quase infinito"[34]. E, mais cedo ou mais tarde, de acordo com o esforço do espírito, a perfeição final há de ser alcançada por todos os espíritos. Muito insistem neste ponto nossos reencarnacionistas. Não só excluem a idéia dum possível regresso a um estado mais imperfeito; não apenas rejeitam a possibilidade de um definitivo estacionamento no meio da marcha à perfeição: todos excluem também vigorosamente qualquer idéia de um estado de condenação definitiva e sem fim, e que Jesus Cristo, nosso Senhor, denominou *inferno*.

**O inferno não existe.** — Muitas e muitas páginas gastaram os defensores das vidas sucessivas e do progresso contínuo em afirmar e reafirmar ser inadmissível a idéia dum lugar e estado de condenação sem fim chamado inferno. Allan Kardec, Leão Denis e nossos espíritas kardecistas, rusteinistas, redentoristas, ubaldistas e umbandistas, todos eles, a propósito e fora de propósito, se derramam em protestos para dizer que isso é impossível e inconciliável não apenas com a idéia da justiça e da bondade de Deus, mas sobretudo com o princípio básico do reencarnacionismo: a lei do progresso. Perderíamos tempo e papel, quiséssemos citar tudo e a todos. Allan Kardec fala sobre isso em todos os seus livros e particularmente na obra que dedicou em grande parte a este assunto: *O Céu e o Inferno*. Deste livro transcrevemos algumas passagens apenas, a fim de que apareça claro seu verdadeiro pensamento.

Em primeiro lugar devemos assinalar que os reencar-

---

30) Ib. p. 120, n. 178.
31) Ib. p. 118, n. 173.
32) Em *castigo:* "Se não progredistes, podereis ir para outro mundo que não valha mais do que a Terra e que talvez seja pior do que ela" (*O Livro dos Espíritos*, p. 119, n. 174); *em missão:* Pergunta: "Podem os Espíritos encarnar em um mundo relativamente inferior a outro onde já viveram?" Resposta: "Sim, quando em missão, com o objetivo de auxiliarem o progresso, caso em que aceitam alegres as tribulações de tal existência, por lhe proporcionar meio de se adiantarem" (ib. p. 120, n. 178).

nacionistas não negam o castigo depois da morte. Já o vimos. "O Espiritismo, diz A. Kardec, não nega, antès confirma a penalidade futura. O que ele destrói é o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis"[35]. "Seja qual for a duração do castigo, na vida espiritual ou na Terra, onde quer que se verifique, tem sempre um termo, próximo ou remoto. Na realidade não há para o Espírito mais que duas alternativas, a saber: punição temporária e proporcional à culpa e recompensa graduada segundo o mérito. Repele o Espiritismo a terceira alternativa, da eterna condenação. O inferno reduz-se a figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo termo é desconhecido"[36], mas virá. Pois, "a felicidade da criatura deve ser o fito do Criador, ou Ele não seria bom. Ela atinge a felicidade pelo próprio mérito, que, adquirido, não mais se perde. O contrário seria uma degeneração"[37]. "Por este dogma (do inferno) a sorte das almas, irrevogàvelmente fixada depois da morte, é, como tal, um travão definitivo aplicado ao progresso. Ora, a alma progride ou não? Eis a questão. Se progride, a eternidade das penas é impossível"[38]. "O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira insuperável. Esses dois princípios destroem-se, e a condição indeclinável da existência de um é o aniquilamento do outro. Qual dos dois existe de fato? A lei do progresso é evidente: não é uma teoria, é um fato corroborado pela experiência: é uma lei da Natureza, divina, imprescritível. E, pois, se esta lei existe inconciliável com a outra, é porque a outra não existe"[39].

Leão Denis é o porta-voz dos reencarnacionistas, quando grita: "Já não acreditamos num Deus colérico e vingativo, mas em um Deus de justiça e de infinita misericórdia. O Jeová sanguinário e terrível fez sua época. O inferno implacável fechou-se para sempre"[40]. Daí seu conselho: "Não deis, pois, crédito algum às sombrias doutrinas que vos falam de leis ferrenhas ou, então, de condenação, de inferno e paraíso, afastando uns dos outros e para sempre aqueles que se amaram"[41].

Se, não obstante, se fala em inferno, esclarecem os par-

---

33) Ib. p. 350, n. 778. 34) Ib. p. 117, n. 169.
35) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 63.
36) Ibidem, p. 64. 37) Ibidem, p. 75.
38) Ibidem, p. 77. 39) Ibidem, p. 78.
40) Leão Denis, *No Invisivel*, 5ª ed., p. 400.
41) Leão Denis, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, 6ª ed., p. 436.

tidários do progresso contínuo, isso deve ser entendido da série de reencarnações dolorosas, pelas quais o espírito imperfeito ainda deve passar e pela qual por vezes passa também um espírito já relativamente adiantado, mas que cometeu algum horroroso crime. A longa duração de semelhantes encarnações dolorosas pode dar aos espíritos a impressão de serem "sem fim": daí a idéia do eterno[42].

**A Perfeição Final.** — Pergunta A. Kardec aos "espíritos superiores": "O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?" Resposta: "Espírito bem-aventurado; puro Espírito"[43]. Para entendermos bem em que consiste este estado do puro espírito, é necessário recordar alguns princípios gerais da antropologia kardecista. Segundo a Doutrina Espírita o homem é composto de três elementos: Alma, corpo e perispírito[44]. O corpo é essencialmente temporário ou transitório e em cada nova encarnação o espírito "reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar"[45]. Este corpo é novo, "especialmente formado e que nada tem de comum com o antigo"[46]. Sua finalidade temporária é ajudar a alma na purificação: "O corpo é o alambique em que a alma tem que entrar para se purificar"[47]; "o Espírito só se depura com o tempo, sendo as diversas encarnações o alambique em cujo fundo deixa de cada vez algumas impurezas"[48]. A grande novidade na antropologia reencarnacionista é o perispírito: "E' um invólucro fluídico, leve, imponderável, servindo de laço e de intermediário entre o espírito e o corpo"[49]. Na hora da morte, quando a alma se desprende do corpo, ela não abandona o perispírito; pois, ensina A. Kardec, sem o perispírito, o espírito não seria um ser concreto, determinado, real, mas seria um ser abstrato, indefinido, só possível de ser percebido pelo pensamento, seria, em suma, um ser mental, lógico

---

42) Cf. A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 63; Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., p. 94.

43) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 117, n. 170.

44) Cf. A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 108; *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 100 s; *O Livro dos Médiuns,* 20ª ed., p. 61.

45) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 198.

46) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 67.

47) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 128, n. 196, nota de Kardec.

48) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 64.

49) A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 108; cf. também *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 101, n. 135; sobre este perispírito veja-se nosso estudo na *Revista Eclesiástica Brasileira,* 1952, pp. 814 ss.

apenas[50]. "Não se pode — declara ele — conceber o espírito isolado da matéria"[51]. Mas "a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados"[52]. Quanto mais o espírito se aperfeiçoa, menos grosseiro será o corpo e mais etéreo o perispírito. Por fim o espírito alcança um estado em que já não precisa de corpo e em que o perispírito se torna tão etéreo "como se não existisse: esse o estado dos Espíritos puros"[53]. E' a perfeição final.

**Finalidade dos Espíritos Perfeitos.** — Estes espíritos puros e perfeitos "habitam certos mundos, mas não lhes ficam presos, como os homens à Terra; podem melhor do que os outros estar em toda a parte"[54]. Parece que o habitat normal destes espíritos perfeitos é mesmo no sol. Pois A. Kardec nos garante que, segundo os Espíritos, "o *Sol* não seria mundo habitado por seres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam pensamentos para os outros mundos, que eles dirigem por intermédio dos Espíritos menos elevados, transmitindo-os a estes por meio do fluido universal... Todos os sóis como que estariam em situação análoga"[55]. A ocupação destes espíritos perfeitos está, pois, em "dirigir outros mundos". Todos os espíritos "concorrem para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus"[56]. Todos estão incessantemente ocupados, mas esta constante atividade "lhes constitui um gozo, pela consciência que têm de ser úteis"[57]. Acontece também que certos espíritos perfeitos e puros recebem de Deus uma missão especial em algum mundo particularmente atrasado[58], "com o objetivo de auxiliar o progresso" dos espíritos inferiores[59]. "A todas as raças humanas, em

---

50) Cf. A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 22; *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., pp. 107, 108, 109, 112.

51) A. Kardec, *O que é o Espiritismo,* 10ª ed., p. 109. Sobre isso veja-se o nosso estudo na *Revista Eclesiástica Brasileira* de 1952, pp. 819 ss.

52) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 264.

53) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 123, n. 186.

54) A. Kardec, Ibidem, p. 123, n. 188.

55) Ibidem, p. 123, nota 1. Nesta mesma curiosa nota ainda se lê o seguinte: "Muitos Espíritos, que na Terra animaram personalidades conhecidas, disseram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição"...

56) A.Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 272, n. 558; p. 273, n. 562.

57) Ibidem, p. 273, n. 563.

58) Ibidem, p. 99, n. 132.

59) Ibidem, p. 120.

todas as épocas da História, enviou Deus missionários, Espíritos superiores, chegados, por seus próprios merecimentos, ao mais alto grau da hierarquia espiritual. Podem acompanhar-se, através dos tempos, os sulcos dos seus passos. Suas frontes dominam, sobranceiras, a multidão dos humanos que eles têm o encargo de dirigir para as altitudes intelectuais"[60]. Assim, segundo o pensamento reencarnacionista, *Jesus Cristo,* por exemplo, foi um desses espíritos superiores e puros, enviado a esta terra com missão especial: "Jesus é um desses divinos missionários e é de todos o maior"[61]. E' assim que os espíritas entendem a natureza de Cristo que, segundo eles, não é Deus[62]. Jesus veio com a missão de proteger de modo especial os habitantes da Terra[63]: Ele é o "governador espiritual deste planeta"[64].

Com relação ao estado do espírito perfeito, devemos assinalar ainda particularmente o seguinte:

**O Espírito Perfeito não tem Corpo.** — Segundo os reencarnacionistas não há união substancial, mas, como vimos, apenas transitória e por isso acidental, entre corpo e alma. "O Espiritismo ensina-nos que a alma é independente do corpo, não passando este de temporário invólucro: a espiritualidade é-lhe a essência, e a sua vida normal é a vida espiritual. O corpo é apenas instrumento da alma para exercício das suas faculdades nas relações com o mundo material; separada deste corpo, goza dessas faculdades mais livre e altamente. A união entre alma e corpo, sem ser necessária aos primeiros progressos, só se opera no período que podemos classificar como da sua infância e adolescência; atingido, porém, que seja, um certo grau de perfeição e desmaterialização, essa união é prescindível, o progresso faz-se na sua vida de Espírito"[65]. Portanto o estado de separação do corpo "é o estado normal e definitivo" da alma[66]. "Não", escreve A. Kardec, referindo-se à união entre alma e corpo, "essa união mais não é na realidade do que um incidente, um

---

60) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., p. 81.
61) Leão Denis, ibidem, p. 81; cf. idem, *Depois da Morte,* 6ª ed., p. 66.
62) A. Kardec, *Obras Póstumas,* 10ª ed., pp. 110-141, todas estas páginas foram escritas para "provar" que Cristo não é Deus. Confira-se sobre isso também nosso estudo sobre "A Cristologia do Espiritismo", na *Revista Eclesiástica Brasileira* de 1953, pp. 87-105.
63) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 32; *O Evangelho segundo o Espiritismo* 39ª ed., p. 52.
64) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., p. 82.
65) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 108.
66) Ibidem, p. 30.

estádio da alma, nunca o seu estado essencial"[67]. E' esta a razão porque os reencarnacionistas rejeitam unânimente a idéia de uma possível futura ressurreição do corpo ou a ressurreição final de todos os homens, com o mesmo corpo em que vivem agora[68].

**O Espírito alcança a Perfeição pelo Mérito Próprio.** — E' outro ponto em que muito insistem os reencarnacionistas e que deve ser assinalado, para que se tenha uma noção nítida da filosofia das vidas sucessivas. A própria finalidade primária e objetiva das repetidas existências corpóreas exige esta conclusão. Pois, pergunta o codificador da doutrina reencarnacionista aos seus espíritos superiores, "qual é o objetivo da encarnação dos Espíritos?" E a resposta vem clara: "Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação"[69]. E mais outra vez interroga o mestre aos seus mestres do além: "Qual é o fim objetivado com a reencarnação?" E outra vez respondem: "Expiação, melhoramento progressivo da humanidade"[70]. Cada nova vida deve significar "um passo para diante na senda do progresso"[71]. Também Leão Denis repisa neste ponto: "A reencarnação, afirmada pelas vozes de além-túmulo, é a única forma racional por que se pode admitir a reparação das faltas cometidas e a evolução gradual dos seres"[72]. Pois, ensina Allan Kardec, "toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes"[73]. Reconhecem os reencarnacionistas a necessidade do arrependimento; mas esta atrição não basta ao pecador para obter o perdão divino. Segundo eles, a contrição é apenas o início da expiação e tem como consequência o desejo de "uma nova encarnação para se purificar"[74]. "O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são

67) Ibidem, p. 105.
68) Cf. A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 458; Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., p. 100 s.
69) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 99, n. 132.
70) Ibidem, p. 116 s. n. 167.
71) Ibidem, p. 117, n. 168.
72) Leão Denis, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, 6ª ed., p. 180 s.
73) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 88.
74) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 446, n. 991.

precisas a expiação e a reparação"[75]; mas expiação ou reparação, como se viu, *feitas pelo próprio espírito:* "Cada qual deve resgatar-se a si mesmo; resgatar-se da ignorância e do mal. Nada de exterior a nós poderia fazê-lo", insiste Leão Denis[76]; e ele acrescenta expressamente: "O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém". Sintetizando seus pensamentos a este respeito, escreve Kardec: "Arrependimento, expiação e reparação, constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências. O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário, o perdão seria uma graça, não uma anulação"[77], e a graça é coisa que, para os reencarnacionistas, não existe, porque, como qualquer outro privilégio ou preferência, ela "seria uma injustiça"[78], visto que, segundo eles, não pode haver "nem favores, nem privilégios que não sejam o prêmio ao mérito; tudo é medido na balança rigorosa da justiça"[79]. Deve-se por isso dizer que "todos são filhos de suas próprias obras"[80]. Quando o homem "torna melhor o caminho, é por sua vontade (e não pela graça) e porque reconheceu os inconvenientes dos outros"[81]. "Quis Deus que o homem ficasse sujeito à lei do progresso e que o progresso resulte do seu trabalho"[82]; o Criador "quis que a perfeição resulte da depuração gradual do Espírito e seja obra sua"[83]. A criatura, pois, "atinge a felicidade pelo próprio mérito"[84]. "As almas não atingem o grau supremo senão pelos esforços que façam por se melhorarem e depois de uma série de provas adequadas à sua purificação"[85].

Se persistimos com repetidas citações nesta tecla, é porque estamos aqui diante dum ponto de doutrina muito importante e prenhe de consequências para toda a filosofia reencarnacionista e também porque, como se pode fàcilmente verificar, os próprios fautores das vidas sucessivas repisam neste assunto. Allan Kardec pensa mesmo que a doutrina da

---

75) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 90, n. 16.
76) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo,* 5ª ed., p. 88.
77) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 90, n. 16.
78) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 76.
79) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 32.
80) A. Kardec, *A Gênese,* ed. de 1949, p. 28.
81) Ibidem, p. 28.
82) Ibidem, p. 70.
83) Ibidem, p. 70, nota.
84) A. Kardec, *O Céu e o Inferno,* 16ª ed., p. 75.

inevitabilidade da expiação própria é inexistente nas outras religiões e foi pela primeira vez apresentada pelo Espiritismo: "A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça que se pode considerar verdadeira lei de reabilitação dos Espíritos. Entretanto, essa doutrina, religião alguma ainda a proclamou"[86].

**Imediatamente depois da Morte** a alma "volve ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentâneamente"[87], conservando, porém, sua individualidade[88]. Mas a separação entre alma e corpo não se realiza instantâneamente[89]: "Os laços que prendem a alma ao corpo não se rompem senão aos poucos, e tanto menos ràpidamente quanto mais a vida foi material e sensual"[90], podendo a separação durar "algumas vezes dias, semanas e até meses", coisa que se verifica particularmente com alguns suicidas[91]. Desprendida do corpo, a alma não adquire logo a consciência de si mesma, mas "passa algum tempo em estado de perturbação"[92]: "No momento da morte tudo se apresenta confuso; é-lhe preciso algum tempo para se reconhecer; ela conserva-se tonta, no estado do homem que sai de profundo sono e que procura compreender sua situação"[93]. Mas este tempo é muito variável: "Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos"[94]. Depois de deixar o corpo a alma "vai perder-se na imensidade do infinito... erra no

---

85) A. Kardec, *O Livro dos Médiuns*, 20ª ed., p. 15.
86) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 91, nota 1.
87) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos* 21ª ed., p. 108, n. 149.
88) Assim, ao menos, segundo A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 108-109, nn. 150-152; *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 160, n. 148. Mas o primeiro congresso do Espiritismo de Umbanda, em sua quinta conclusão unânimente aprovada, ensina que o ser humano é uma "partícula da divindade" e como tal "emanou" de Deus e nele deve ser reintegrada (cf. nossa brochura *Posição Católica perante a Umbanda*, Ed. Vozes, 1954, p. 18). Semelhante teoria há de ser defendida também pelos chamados "espíritas do Redentor", que também são panteistas e para os quais o "Grande Foco" (Deus) é "parcelado por todo o universo", sendo a nossa alma uma "partícula da Inteligência Universal" (cf. a obra *Espiritismo Racional e Científico (Cristão)*, 4ª ed., 1926, pp. 44, 45, 47, 52, 76, 112). Também a Teosofia é panteista; Annie Besant, continuadora da obra de Blavatsky, declara sem rebuços: "A Teosofia em matéria religiosa é panteista... Deus é tudo e tudo é Deus".
89) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos* 21ª ed., p. 110, n. 155.
90) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 158, n. 144.
91) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 111.
92) Ibidem, p. 113, n. 163.
93) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 158; *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 114.
94) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 114.

espaço"[95]. E' o que os reencarnacionistas denominam estado de *erraticidade*. No intervalo das encarnações a alma é um "Espírito errante"[96]. Estes intervalos podem durar "desde algumas horas até alguns milhares de séculos"[97], dependendo isto geralmente do livre arbítrio do próprio espírito[98]. E' desde já manifesto que este modo de conceber o estado e a atividade da alma depois da morte exclui a idéia muito corrente entre os cristãos de que nossa alma, depois da morte, deverá comparecer perante o tribunal de Deus para prestar contas de sua vida passada e ser julgada pelo Divino Juiz.

**As Divergências entre os Reencarnacionistas.** — São esses os elementos que julgamos essenciais para uma exata noção da filosofia da reencarnação codificada por Allan Kardec e que está sendo agora amplamente divulgada entre a gente católica do Brasil. Dissemos logo de início não haver unanimidade completa entre os reencarnacionistas. Não queremos desenvolver agora amplamente todos os pontos divergentes. O que principalmente nos interessa, é conhecer os princípios fundamentais deste reencarnacionismo apregoado entre nós. Mas, para que os leitores tenham ao menos uma visão de conjunto, indicaremos a seguir brevemente os pontos em que os fautores da teoria da pluralidade das existências divergem. Assim, uns dizem que a reencarnação é lei geral para todos os espíritos, outros querem-na apenas para os espíritos muito atrasados ou para os perfeitos que devem cumprir alguma missão especial na terra; uns ensinam que a reencarnação tem lugar apenas na terra, outros admitem que se verifica também nas demais estrelas e planetas; uns sustentam que o ser humano se reencarna constantemente no mesmo sexo, outros reclamam uma variação alternativa; uns pensam que a gente reencarna imediatamente depois da morte, outros chegam a exigir um intervalo de exatamente mil e quinhentos anos; para uns a reencarnação seria um castigo de Deus em expiação de pecados cometidos em existência anterior, para outros não seria necessàriamente nem castigo nem expiação, mas um fenômeno de natureza puramente física sem relação alguma com a ordem moral; uns sustentam que a reencarnação é absolutamente livre, de sorte que só reencarna quem e quando quiser, outros pretendem que ela é de

---

95) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 162.
96) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 141, n. 224.
97) Ibidem, p. 149, n. 224.
98) Ibidem, p. 150, n. 224b.

todo necessária, como são inevitáveis as leis naturais; uns ensinam que a série de reencarnações é ilimitada, outros pensam que se pode chegar a um estado definitivo e estável com um número de vidas relativamente pequeno; uns querem que a reencarnação seja não só progressiva, mas também regressiva, de modo que se poderia dar o caso que um espírito que animou um corpo humano passe a tomar um corpo animal ou até vegetal, outros negam em absoluto que possa ser regressiva, mas apenas estacionária por algum tempo; uns ensinam que o espirito chegado à perfeição conserva sua individualidade, outros sustentam que ele torna a reintegrar-se em Deus; etc.

**Os Argumentos em Favor da Reencarnação.** — E' evidente que a doutrina reencarnacionista nos atinge a cada um de nós pessoalmente e bem de perto. Temos por isso o direito a que se nos diga quais as razões em que se apóia tão estupenda e exorbitante doutrina que nos joga impiedosamente através de um número ilimitado de sempre novas provações e vidas difíceis. Esses argumentos, ademais, não devem ser apenas meras ou vagas conjeturas, mas provas apodíticas, às quais ninguém pode resistir racionalmente. Só assim poderíamos decidir-nos a reconhecer uma doutrina com tão graves consequências pessoais.

Considerando a questão da reencarnação em si e a priori, por ser de inegável importância para a vida do homem, por ser uma questão fundamental para a reta orientação de todo o ser racional e pensante, dever-se-ia supor que o Criador, que assim teria disposto a carreira de suas criaturas racionais, também tivesse dado aos homens certeza total a esse respeito, fornecendo-lhes argumentos absolutamente decisivos e irrefragáveis, que evidenciassem de modo inegável a pluralidade das nossas vidas terrestres ou planetárias. Mas já o mero fato de existirem numerosos homens que aprenderam a exercitar largamente a arte de pensar e que filosofaram durante toda a vida sobre o destino do homem e o sentido da vida terrestre e, todavia, não chegaram à conclusão das vidas sucessivas, só este fato já vem a destruir pela base esta suposição apriorística, que em si pareceria tão natural.

Vejamos, no entanto, as razões que os partidários da reencarnação alegam em seu favor. Se bem entendemos a linguagem nem sempre clara e sistemática dos reencarnacionistas, são seis os grandes argumentos por eles aduzidos.

Deles daremos primeiro um conspecto geral, deixando seu desenvolvimento ulterior para depois.

1) O argumento especificamente espírita: Consiste essencialmente no seguinte: Os Espíritos, mensageiros da Terceira Revelação, são unânimes em revelar a lei da pluralidade das existências e do progresso contínuo depois da morte. Uma das principais finalidades desta Terceira Revelação[99] seria precisamente esclarecer a humanidade sobre a reencarnação. Nos meios espíritas é este o argumento decisivo e mais comum. E todo o Espiritismo Nacional, em qualquer de suas formas, gira em torno dele. Deveremos, pois, estudá-lo com muita atenção.

2) O argumento histórico: A reencarnação teria sido, na antiguidade, ensino comum de todos os povos e dos filósofos mais destacados, que dela fizeram um postulado fundamental da religião do universo. Pois, escreve Allan Kardec, "ensinando o dogma (sic!) da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo"[100]. E uma doutrina comum, de todos os tempos e povos, deve ter origem divina.

3) O argumento cristão: O próprio Cristo teria ensinado formalmente a pluralidade de nossas existências corporais. Porquanto, doutrina Kardec, "o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos Judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras de Cristo"[101]. Para nós, que nos professamos seguidores fiéis de Jesus e que fazemos absoluta questão de não negar uma só palavra de Nosso Senhor e Deus, este argumento tem importância especial e por isso haveremos de passá-lo pelo crisol da mais rigorosa crítica.

4) O argumento patrístico: Também o Cristianismo primitivo, nomeadamente os Santos Padres, escritores cristãos dos primeiros séculos desta era, teriam ensinado abertamente a reencarnação.

5) O argumento psicológico: Alguns fatos inegáveis dos anais do psiquismo seriam provas incontestáveis

---

99) Os espíritas consideram o Espiritismo a terceira das grandes revelações: a primeira teria sido feita por Moisés (Mosaísmo), a segunda por Cristo (Cristianismo) e a terceira pelos espíritos em geral (Espiritismo).

100) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 138, n. 222.

101) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 71.

de vidas anteriores. Assim: certas crianças que teriam reminiscências do passado; os chamados meninos prodígios; inteligências precoces; o fenômeno da paremnésia; as recordações de alguns "iniciados"; os gênios; os instintos; as simpatias e antipatias "naturais"; as aspirações e tendências "inatas"; etc.

6) O argumento filosófico: O problema do mal, das desigualdades sociais e individuais, os sofrimentos, etc., só teriam sua explicação cabal como castigos de vidas anteriores e, por conseguinte, seriam provas destas mesmas vidas.

São esses os argumentos. Passemos agora a examinar e analisar, com o rigor da lógica e a imparcialidade da crítica objetiva, o valor real e probativo destas razões. Vejamos se, de fato, nos levam necessàriamente a admitir como verdade insofismável a conclusão tão desejada pelos advogados da palingenésia.

## II. O ARGUMENTO ESPECIFICAMENTE ESPÍRITA.

**Em que Consiste.** — O nome que damos a este argumento é nosso. Mas não é arbitrário. Quando os reencarnacionistas dizem que a lei da pluralidade das existências foi revelada pelos espíritos, ou "pelo Espiritismo"[1], eles recorrem precisamente a este argumento. Quando, por exemplo, Allan Kardec diz que "o dogma (sic!) da reencarnação se funda na justiça de Deus *e na revelação*"[2], explicando depois que "a razão no-la indica *e os Espíritos a ensinam*"[3], estamos precisamente diante daquilo que denominamos "argumento especìficamente espírita". Nossos reencarnacionistas dão-lhe um valor extraordinário. Assim escreve, por exemplo, Carlos Imbassahy, fecundo defensor e propagador da filosofia reencarnacionista no Brasil: "A reencarnação não nos veio dos povos orientais, visto que não foi dos povos orientais, nem foi de quaisquer povos que recebemos a doutrina. Veio do ensino dos Espíritos. Os Espíritos é que nos falam nas diversas existências. São eles que nos dizem ter encarnado em vários corpos. Não inventamos nada, nem a doutrina pode sair de nossas cabeças"[4]. Não foi por causa das quatro mentiras aí contidas que citamos este passo, mas para mostrar o alto valor que os reencarnacionistas dão ao argumento que ora focalisamos. Para responder à objeção de que "o fato do Espírito dizer que vai reencarnar não é prova", o mesmo Sr. Carlos Imbassahy faz a seguinte ponderação: "Mas o que é prova, então, em matéria doutrinária? Serão as opiniões pessoais, a maneira especial por que cada um encara o assunto? Teríamos, então, os consequentes pontos de fé, os dogmas, os princípios sem base (sic!). O que forma a doutrina espírita não é a declaração de um Espírito. Ela provém do ensino concordante, simultâneo, universal, que os Espíritos nos trazem. Di-lo Allan Kardec: "A garantia única e séria da Doutrina dos Espíritos está na concordância existente entre as revelações feitas espontâneamente por meio de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em diversas regiões". Imbassay continua seu comentário: "A doutrina da

1) A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 29.
2) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 117, n. 171.
3) Ib., p. 118.
4) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 37.

reencarnação apresentada pelo codificador tem, pois, esta base: a concordância, a espontaneidade, a multiplicidade". E conclui: "Só pelo ensino espírita é que se conhece a doutrina espírita. Sem manifestação espírita não há Espiritismo nenhum"[5].

Aí está a prova. Aí está também o Espiritismo. Examinar a fundo o valor deste argumento, seria investigar as bases de toda a doutrina espírita. Já fizemos este estudo[6]. Por isso contentamo-nos aqui com uma recapitulação sumária dos pontos principais. Pensamos poder resumir nossa crítica nos seguintes ítens:

**Princípios para uma sã Crítica do Argumento.**

1) O argumento espírita, como, aliás, toda a doutrina espírita, depende das seguintes quatro questões: a) se a evocação dos espíritos é um fato indiscutìvelmente demonstrado; b) se o médium ou os médiuns que servem ou serviram de instrumento para a revelação espírita eram pessoas de absoluta confiança e credibilidade, transmitindo apenas e exclusivamente as mensagens recebidas dos espíritos, sem recorrer, nem consciente, nem inconscientemente, ao depósito dos conhecimentos próprios; c) se para a codificação da doutrina espírita foram aproveitadas apenas as mensagens dos espíritos certamente sinceros, bons, sábios e competentes; d) se o codificador (Allan Kardec) era homem intangìvelmente honesto, correto e leal, codificando apenas as comunicações recebidas de espíritos superiores, bons e sábios, recebidas exclusivamente por médiuns moralmente inatacáveis e mediùnicamente competentes.

2) O próprio fato da evocação dos espíritos, isto é: o fato de estarem os nossos reencarnacionistas em comunicação direta com os espíritos desencarnados, ainda não foi aceito pelo mundo dos cientistas e especialistas como fato comprovado. O máximo que até hoje se poderá conceder é que se trata de uma *hipótese* muito discutível. Por isso, tudo que se construir sobre esta hipótese, não pode, evidentemente, ser mais do que hipotético. Donde se infere que o argumento espírita é apenas hipotético, dependendo ainda de uma futura comprovação científica da evocação dos espíritos.

---

5) Ibidem, p. 59.

6) Cf. *Revista Eclesiástica Brasileira* (1952): Os Fundamentos da Doutrina Espírita, pp. 273-303; veja também nossa brochura *O Livro Negro do Espiritismo,* Petrópolis 1955, pp. 7-59, onde desenvolvemos mais o assunto.

3) Admitindo mesmo a realidade da comunicação com o além-túmulo, permanece a dificuldade de encontrar um médium probo e capaz. Pois consta pela experiência que os médiuns recorrem com demasiada facilidade às fraudes conscientes e sobretudo — o que é muitíssimo mais comprometedor — às fraudes inconscientes, apresentando suas próprias idéias e conhecimentos subconscientes como mensagens de espíritos do além.

4) Suposto que os reencarnacionistas receberam de fato mensagens dos espíritos desencarnados; dado ainda que eles trabalharam apenas com médiuns absolutamente dignos de confiança e que transmitiram exclusiva e certamente comunicações de espíritos e não doutrinas hauridas do próprio inconsciente ou subconsciente (duas suposições que ainda esperam documentação cientìficamente aceitável), ficamos, todavia, com uma terceira dificuldade muito séria e que também compromete a aceitabilidade do argumento espírita: é que, segundo os próprios reencarnacionistas, há espíritos bons, sábios e superiores e também espíritos atrasados, ignorantes, brincalhões, zombeteiros e mesmo maus e todos eles — bons e maus, sábios e ignorantes — teriam contribuído com suas mensagens para o material que serviu de base para codificar a doutrina espírita. Ora, comprovamos com abundantes documentos[7], que os três critérios adotados por Allan Kardec (o critério da linguagem digna e nobre, o critério da concordância dos espíritos e o critério da lógica e do bom senso), para discernir as mensagens boas das más, as comunicações sérias das mentirosas, são insuficientes e levam, quando muito, ao mais extremo, puro e crasso racionalismo.

5) O próprio codificador, Allan Kardec, apesar de se apresentar constantemente como homem sério, estudioso, científico e interessado em resolver os problemas mais fundamentais da humanidade, não merece nossa adesão, não só porque, como homem, era falível, não só porque não encontrou um critério seguro de seleção das mensagens, não só porque não nos deixou intactos todos os originais das comunicações recebidas, mas sobretudo porque ele mesmo confessa ter remodelado muitas vezes as respostas recebidas do além[8].

---

7) Cf. *O Livro Negro do Espiritismo*, Petrópolis 1955, pp. 48-58.

8) Em suas *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 243, Allan Kardec fala da confecção do *Livro dos Espíritos*, e confessa o seguinte: "Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas *e muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação*, foi que elaborei a primeira edição".

6) Os partidários das vidas sucessivas proclamam que uma doutrina só merece a qualificação de "espírita", quando é ensinada concordemente pelos espíritos desencarnados[9]. Allan Kardec insiste muito nesta condição. Permitam-nos os leitores que recordemos algumas incisivas passagens do codificador: "Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina (espírita), a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. *Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado.* Sòmente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal"[10]. Aqui estamos, pois, diante de um ponto de capital importância para podermos avaliar o valor do "argumento especificamente espírita": Só quando a coletividade dos espíritos concordemente ensinar certa doutrina, só então ela é e pode ser chamada "espírita"! Demos mais uma vez a palavra a Allan Kardec, para que este ponto fique bem claro: "*Generalidade e concordância* no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, *a condição mesma da sua existência,* donde resulta que *todo princípio, que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade, não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina.* Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade. Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade"[11]. As palavras são de Kardec; os grifos são nossos.

7) Aplicando este princípio geral da epistemologia espírita à doutrina particular da reencarnação, temos evidentemente a seguinte conclusão: a pluralidade das existências só será doutrina espírita se resultar do ensino coletivo e concorde dos espíritos; se não for ensinada pela generalidade dos espíritos, não poderá ser considerada parte integrante da doutrina espírita: "Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade".

8) Pois bem, supondo mesmo (dato, non concesso!) que

---

9) Veja a já citada página de C. Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 59 (cf. também p. 37).

10) A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 10.

11) Ib. p. 11. Veja também *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 21.

o codificador teve com certeza comunicações reais do além; supondo ainda (dato, non concesso!) que Kardec se serviu exclusivamente de médiuns competentes e dignos e que provadamente não recorreram ao próprio inconsciente ou subconsciente; supondo ainda (dato, non concesso!) que o ilustre "fundador da doutrina espírita"[12] soube efetivamente separar as mensagens dos espíritos bons e sábios dos maus e galhofeiros; supondo também (dato, non concesso!) que o próprio senhor Hipólito Leão Denizart Rivail não modificou substancialmente as mensagens recebidas; — tudo isso gratuitamente admitido e dado, provaremos a seguir que, de fato, *não houve concordância unânime e geral dos espíritos no ensino da reencarnação.*

9) Documentaremos nossa afirmação com três séries de provas. Demonstraremos: a) que boa parte do Espiritismo Internacional, baseada também nas mensagens do além, não aceita a teoria da pluralidade das existências terrestres; b) que o próprio Allan Kardec recebeu mensagens espíritas contrárias à reencarnação; c) que este mesmo senhor Kardec não deu valor especial às mensagens dos espíritos. Apresentamos os seguintes documentos:

**A Falta de Unanimidade entre os Espíritas.** — Por estranho que pareça a um leigo em doutrinas espíritas, a verdade é que uma grande porção do rebanho espírita mundial não admite a reencarnação. Precisamente sob este aspecto o Espiritismo Internacional se divide em dois grandes grupos: os espíritas anglo-saxões, que não admitem a pluralidade das existências e os espíritas latinos, que fizeram da reencarnação a pedra angular de toda sua filosofia. Os próprios espíritas concedem esta profunda divisão em dois campos[13]. Lembremos alguns documentos:

a) O conhecido espírita Stainton Moses, que foi para o Espiritismo inglês o que foi Allan Kardec para o francês, guiado pelos dois espíritos *Kabilla* e *Imperator*, pronunciou-se definitiva e decididamente contra a reencarnação[14].

b) Outro famoso espírita inglês, Daniel Douglas Home, médium admirado por espíritas de todas as nações e que foi chamado por Conan Doyle "o maior dos missionários do

---

12) Cf. A. Kardec, *Obras Póstumas*. 10ª ed., p. 260.

13) Veja-se, por exemplo, a este respeito, a *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, editada pela Federação Espírita Brasileira em 1946. pp. 144-149.

14) Cf. Palmés, *Metapsíquica y Espiritismo*, 2ª ed., p. 444.

Espiritismo", declarou-se abertamente contrário à doutrina reencarnacionista proposta por Kardec. Em sua obra *Lights and Shadows of Spiritualism* (1877, p. 224) diz até que Allan Kardec não era médium, nem soube servir-se bem dos médiuns e por isso tudo quanto deixou escrito em *O Livro dos Espíritos* não tem valor nenhum, porquanto reflete não a doutrina dos espíritos, mas seu próprio pensamento consciente ou subconsciente[15]. O mais curioso, entretanto, é que o principal argumento de Daniel Home é uma espécie de retratação feita pelo próprio Kardec no instante de sua morte. Home afirma, com efeito, ter recebido telepàticamente, em presença do conde de Dunkraven, uma mensagem de cuja autenticidade não pode duvidar, na qual o mesmíssimo Kardec, ao entrar no outro mundo, teria dito textualmente: "Arrependo-me de ter ensinado a doutrina espírita". Aduz, em seguida, Home, vários argumentos para provar a autenticidade desta mensagem telepática...

c) Guilherme Howitt, em seu tempo reputado líder do Espiritismo inglês, condenou a teoria da reencarnação em termos veementes[16]. E o autor da *Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita* acrescenta: "Quase todos os espíritas do mundo anglo-saxônio receberam mal *O Livro dos Espíritos*. Os periódicos usavam de certa linguagem, às vezes violenta, contra os ensinos que Kardec anunciara, principalmente quanto ao que chamavam dogma da reencarnação".

d) O antagonismo entre os espíritas tornou-se particularmente notável no Congresso Espírita Internacional de Liège (26-29 de Agosto de 1923). Foi aí que M. Drouville levantou a seguinte questão filosófica: "Em geral se diz que a Reencarnação é uma lei graças à qual o espírito evolui, se eleva, expiando as faltas cometidas em existências anteriores. Agora, o que eu queria saber é o seguinte: por que o espírito teria necessidade da matéria para evoluir e elevar-se (falo do espírito consciente); e sobretudo como pode ser admitido por alguns que, não havendo recordação do passado, seja possível uma expiação? Esta última dificuldade sempre chamou a minha atenção. Se não há recordação, isto é, se o Eu consciente passado não existe, então o Eu atual de fato não

---

15) Do mesmo modo severo Kardec foi criticado por outro autorizado espírita, Aksakof; veja-se o importante texto na já citada *Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita*, ed. de 1946, p. 144 s. Mais adiante transcreveremos a grave acusação de Aksakof.

16) Cf. *Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita*, ed. de 1946, p. 144.

tem relação nenhuma com o passado e, por conseguinte, não pode expiar". Comentando a questão levantada por Drouville, outro espírita, o Sr. A. Dragon, responde no mesmo Congresso: "Posso dizer que a Reencarnação, tal como tem sido exposta até agora, não passa de teoria boa para crianças de escola primária. Ùltimamente, nas Sociedades Sábias, manifestei-me contra esta filosofia, dizendo que a Reencarnação não é mais do que uma metáfora que jamais foi entendida por ninguém. E digo ainda: é impossível compreendê-la, enquanto não soubermos o que é o subconsciente do homem..., visto que o subconsciente, a natureza da alma humana e a reencarnação estão relacionados entre si e só podem ser explicados conjuntamente, pois separadamente são incompreensíveis"[17].

e) Mas o quinto Congresso Internacional de Espiritismo (Barcelona, 1934) manifestou de modo mais oficial e evidente a profunda cisão nos meios espíritas internacionais. Transcrevemos o original da última conclusão, aprovada pela secção de Filosofia do mencionado Congresso: "Previsto que existen diferencias irredutibles, entre los que consideran la reencarnación como proceso necesario para la Evolución y entre los que creen que puede efectuarse la Evolución sin este proceso, ha sido aprobada transaccionalmente y como prueba de tolerancia la conclusión siguinte: Los espiritistas de todo el mundo, reunidos en Congreso, afirman unánimemente la supervivencia de la personalidad humana después de la muerte corporal, considerándola científicamente probada como un hecho. Los espiritistas latinos e indúes, representados en este Congreso por los delegados de Bélgica, Brasil, Cuba, España, Francia, India, Méjico, Portugal, Puerto Rico, Argentina, Colombia, Suiza y Venezuela, afirman la Reencarnación como ley de vida progresiva, según la frase de Allan Kardec: *Nacer, morir, renacer e progresar siempre;* y la aceptan como una verdad de hecho. Los espiritistas no latinos, representados en el Congreso por los delegados de Inglaterra, Irlanda, Holanda y Sud-África, estiman que la demonstración no es suficiente para establecer la doctrina de la Reencarnación formulada por Kardec. Cada escuela, por tanto, queda en libertad para proclamar sus convicciones respecto a la Reencarnación"[18].

---

17) Veja estes textos em Poodt, *Los Fenómenos Misteriosos del Psiquismo,* Barcelona 1930, p. 362.

18) Cf. o texto em F. M. Palmés, *Metapsiquica y Espiritismo,* 2ª ed., 1950, p. 443.

Assim, pois, podemos considerar como bem documentada a falta de unanimidade entre os espíritas, num ponto essencial e fundamental da doutrina. Ora, também os espíritas anglo-saxões praticam a comunicação com os espíritos desencarnados e pretendem haurir suas doutrinas das mensagens recebidas do além. Se eles todos, ou ao menos a absoluta e representativa maioria deles, negam a pluralidade das vidas corpóreas, é porque os espíritos que aí se manifestam são contra a reencarnação. Já em 1905 observava Richet este curioso fato: "Quando o médium é de origem inglesa, o espírito não crê na reencarnação; quando o médium é francês, ou alemão, ou italiano (ou brasileiro, acrescentamos), nos países de influência de Allan Kardec, o espírito admite a reencarnação"[19].

Admitindo mesmo que tanto os espíritas latinos como os anglo-saxões têm comunicações reais com o além e apenas se servem de médiuns capazes e probos, devemos inferir de tudo isso que a doutrina da reencarnação não é ensinada pela generalidade dos espíritos e, por conseguinte (apliquemos agora o postulado fundamental da epistemologia espírita!) a reencarnação "não pode ser considerada parte integrante da doutrina espírita". Se é verdade que a doutrina espírita deve provir, como ensina Carlos Imbassahy, "do ensino concordante, simultâneo, universal, que os Espíritos nos trazem por médiuns diferentes"[20], então deve ser verdade também que a reencarnação não é doutrina "espírita", já que não foi ensinada nem concordemente, nem simultâneamente, nem universalmente pelos espiritos desencarnados. Ao menos não na Inglaterra e nos Estados Unidos. E veremos mais:

**O próprio A. Kardec recebeu Mensagens Contrárias à Reencarnação.** — Provaremos esta nossa segunda afirmação com três documentos:

a) Em *O Livro dos Espíritos,* capítulo V, n. 222, p. 139, Allan Kardec fala da pluralidade das existências, e escreve incidentalmente o seguinte: "Talvez fosse aqui o caso de examinarmos por que *os Espíritos não parecem todos de acordo sobre esta questão*". O grifo é nosso.

b) No capítulo 27, n. 8, p. 338 de *O Livro dos Médiuns* revela Allan Kardec: "De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais frisantes é a

19) Cf. *Annales des sciences psychiques,* 1905, p. 33.
20) Veja o leitor a citação na parte correspondente à nota 8, deste capítulo.

que diz respeito à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como se explica que *nem todos os Espíritos a ensinam?"* O grifo é nosso. A pergunta de Kardec é dirigida diretamente ao "Espírito da Verdade" (sic!), prometido por Cristo e com quem o ditoso Allan Kardec pretendia estar em habitual contacto. Temos, portanto, que o próprio codificador do Espiritismo concede que "nem todos os Espíritos ensinam a reencarnação". Por conseguinte, a reencarnação não possui aquele imprescindível "caráter essencial da doutrina espírita", que consiste, como vimos, na "generalidade e concordância no ensino"; e nem é "a resultante do ensino coletivo e concorde dado pelos Espíritos". Portanto, sempre segundo os postulados teóricos do codificador[21], esta teoria "não pode ser considerada parte integrante da doutrina espírita", mas será apenas "uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade"...

c) O espírita Aksakof pôs em dúvida a seriedade científica e a própria lealdade e sinceridade de Allan Kardec, quando escreveu: "Vê-se claramente que a propagação dessa doutrina (reencarnacionista), por Allan Kardec, foi assunto de sua maior predileção; a reencarnação não está em seus livros como tema de estudo, mas como dogma. Para sustentá-la recorreu sempre a médiuns escreventes, os quais, como é sabido, são fàcilmente influenciados por idéias preconcebidas, e o Espírito as há engendrado em profusão; no entanto, através dos médiuns físicos, as comunicações são objetivas, e não se tem notícia de que alguma tenha sido favorável à reencarnação. Kardec prescindiu sempre desta classe de mediunidade, sob o pretexto de sua inferioridade moral. Os poucos médiuns físicos, franceses, que desenvolveram as suas faculdades, apesar de Kardec, jamais foram por ele mencionados; ao contrário, permaneceram desconhecidos aos espíritas, só porque em suas comunicações não sustentavam a doutrina da reencarnação"[22]. A acusação é grave e não reclama maiores esclarecimentos. Aliás, o codificador do Espiritismo nem sequer deu tão decisiva importância às mensagens espíritas. Leia-se com atenção o seguinte:

---

21) Recorde o leitor os ensinamentos acima mencionados e que estão em *A Gênese*, ed. de 1949, pp. 10 e 11.

22) Veja-se este gravíssimo lance no livro publicado pela Federação Espírita Brasileira: *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, ed. de 1946, p. 144 s.

**Allan Kardec julga-se superior aos Espíritos.** — No capítulo quinto de *O Livro dos Espíritos,* n. 222, pp. 138-148, Allan Kardec intercala considerações próprias, não recebidas dos Espíritos, sobre a reencarnação. Abstraindo de qualquer comunicação espirita, ele quer examinar apenas os motivos da razão pró ou contra a pluralidade das existências. Na p. 147 conclui suas considerações com palavras notáveis e que bem revelam a mentalidade do autor. "Temos raciocinado, diz ele, abstraindo, como dissemos, de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade. *Não é sòmente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. E' porque esta doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis* . O grifo é nosso. Destacamos estas palavras porque elas nos dizem que Allan Kardec é reencarnacionista não porque os espíritos revelaram, mas por razões de ordem filosófica. Estas e não o valor dos espíritos é que decidiram o codificador a aceitar a reencarnação! Isso é importantíssimo. O "sumo pontífice do Espiritismo"[23] continua ainda, para não deixar dúvidas a este respeito. Atenda o leitor às palavras que seguem: "Ainda quando (a idéia da reencarnação) fosse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos, igualmente, adotado e não houvéramos hesitado um segundo mais em renunciar às idéias que esposávamos. Em sendo demonstrado o erro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor próprio, com o se obstinar na sustentação de uma idéia falsa. *Assim, também, tê-la-íamos repelido,* **mesmo que provindo dos Espíritos,** *se nos parecera contrária à razão, como repelimos muitas outras...*" Os grifos e negritos são outra vez nossos. Portanto, "mesmo que provindo dos Espíritos", Kardec teria rejeitado a reencarnação se lhe parecera contrária à razão dele, Kardec. O que vale é a razão, esta razão humana, da qual diz o mesmíssimo Kardec, quando lhe convém, que "tem um limite que não nos é possível transpor; querer ir além é, simultâneamente, perder tempo e cair em erro"[24]; esta razão que, segundo Kardec, deve conceder que "há muitas coisas que não compreendemos, porque temos limitada a inteligência; isso, porém, não é motivo para que as repilamos"[25]; esta razão, à qual em outra oportunidade Kardec dera o conselho de "procurar em tudo a justiça de Deus e de curvar-

23) Cf. A. Kardec, *Obras Póstumas,* 10ª ed., p. 259.
24) A. Kardec, *Obras Póstumas,* 10ª ed., p. 31.
25) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos,* 21ª ed., p. 79.

se diante do que ultrapasse o seu entendimento"[26]; é a essa razão que Allan Kardec vai apelar contra o ensino dos Espíritos. As supracitadas e grifadas palavras mostram quanto valem para Kardec as comunicações dos espíritos: exatamente nada! Revelassem eles a reencarnação ou afirmassem eles o contrário, o codificador do Espiritismo, de qualquer jeito, seria reencarnacionista. Ele próprio o diz. Isso equivale a declarar a absoluta falência, a bancarrota total do valor doutrinário das mensagens do além e, portanto, do Espiritismo como tal. Para que ainda comunicações dos espíritos? O melhor que eles poderão fazer é confirmar a nossa opinião pessoal: se concordarem conosco, está bem; se não consentirem, repelimo-los... O exemplo vem de cima, da suprema autoridade em Espiritismo.

Os espíritas costumam apresentar sua doutrina como ciência e filosofia, sim, mas com este característico que a distinguiria de todas as outras filosofias puramente humanas: é que se trata, dizem eles, duma filosofia revelada e confirmada pelo mundo dos espíritos superiores! Agora já sabe o leitor, instruído não por nós, mas pelo mestre dos mestres espíritas, quanto vale esta alegação. Agora o leitor está também capacitado para entender a mentira e a mistificação que vai na frase de Carlos Imbassahy, citada no início deste capítulo: "A reencarnação não nos veio dos povos orientais, visto que não foi dos povos orientais, nem foi de quaisquer povos que recebemos a doutrina. Veio do ensinamento dos Espíritos. Os Espíritos é que nos falam nas diversas existências. São eles que nos dizem ter encarnado em vários corpos. Não inventamos nada, nem a doutrina pode sair de nossas cabeças"[27]. A estas palavras do mestre espírita brasileiro opomos outras do "papa do Espiritismo"[28]: Não aceitamos a reencarnação porque nos veio dos espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica; e tê-la-íamos repelido, mesmo que provindo dos espíritos, se nos parecera contrária à razão...

* * *

Conclusão: O argumento especificamente espírita para provar a realidade das vidas sucessivas não tem valor demonstrativo e deve ser riscado do rol dos argumentos em favor da filosofia da reencarnação.

---

26) A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 78.
27) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 37.
28) Quanto à expressão "papa" do Espiritismo, veja A. Kardec, *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 259.

## III. O ARGUMENTO HISTÓRICO.

**Exposição do Argumento.** — Quando Allan Kardec escreveu que a reencarnação "é uma das mais importantes leis *reveladas pelo Espiritismo*"[1], ele proferiu uma colossal mentira. Já o verificamos. E veremos agora que ele pronunciou outra inverdade de igual calibre nas seguintes palavras: "Ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo"[2].

O mesmo Sr. Carlos Imbassahy que categòricamente nos quis convencer que "a reencarnação não nos veio dos povos orientais, visto que não foi dos povos orientais, nem foi de quaisquer povos que recebemos a doutrina", mas que ela "veio do ensino dos Espíritos"[3], nem vinte páginas adiante vai sustentar não menos peremptòriamente que esta doutrina não só floresceu na Índia (portanto entre os povos orientais), mas "existiu de todos os tempos, em todas as regiões e em todas as seitas"[4]. Na p. 202 deste mesmo livro, outro reencarnacionista, amigo de Imbassahy, o Sr. Mário Cavalcanti de Melo[5], defende o seguinte: "Por mais longe que possamos sondar o passado, aí encontraremos o princípio das reencarnações como base de fé". E depois informa: "Os Caldeus, os Hebreus, Jesus Cristo, e os primeiros cristãos, os filósofos gregos, Pitágoras, Esopo, Platão, Aristóteles, os Pais da Igreja, Orígenes, Clemente de Alexandria a tinham escrito como postulado fundamental da religião do universo. Saiu fora de forma, apenas, o Catolicismo que, para assegurar à Igreja a dominação, substituiu a palingenésia por uma vida única, acrescida da legenda do céu e do inferno para coroamento. Isto se deu no ano de 533, no concílio realizado em Constantinopla. Foi nesta data que a Igreja cometeu essa

---

1) A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 29.
2) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 22ª ed., p. 138.
3) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 37.
4) Ibidem, p. 56.
5) que, como nos revela, na p. 12, o prefaciador da obra, por sua "excessiva modéstia faz com que esconda os trabalhos... no fundo das gavetas", onde, a nosso ver, estariam muito bem guardadas...

imprudência... A Índia, o Tibet, o Mongol, a Pérsia, a China, o Egito, todos povos isolados uns dos outros, professavam a mesma crença". Eis aí, de uma só tirada, muita afirmação do insigne discípulo de Voltaire e Leão Denis. Tudo isso merece detido exame. Mas a afirmação relativa a Jesus Cristo será examinada separadamente no próximo capítulo; e o que se diz dos primeiros cristãos, dos Pais da Igreja, de Orígenes e Clemente de Alexandria e do Catolicismo em geral, será assunto para o capítulo subsequente. Pois não nos podemos conformar com a impossível mistura feita pelo citado autor.

Semelhantes afirmativas são repetidas pelos demais defensores das vidas sucessivas. Assim, para darmos mais um exemplo, também o Sr. Campos Vergal, Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, insiste neste argumento: "Podemos assegurar, escreve ele, que a idéia da pluralidade das existências foi sempre o farol orientador de toda a Antiguidade espiritualizada. Nunca se eclipsou em qualquer religião"[6].

Suspeitamos que todos eles foram inspirar-se principalmente em Leão Denis, *Depois da Morte* e em outras obras do mesmo autor francês[7].

Ora, argumentam os defensores das vidas sucessivas com Allan Kardec, "a ancianidade e a universidade da doutrina da metempsicose e, bem assim, a circunstância de a terem professado homens eminentes, provam que o princípio da reencarnação se radica na própria Natureza"[8]. Pois, pensa o falecido espírita Leopoldo Cirne, "um princípio que atravessa os séculos revela nesse mesmo fato a sua origem divina"[9].

Examinemos o argumento. Detenhamo-nos um pouco nas "primeiras idades do mundo" a ver se em "todos os tempos, em todas as regiões e em todas as seitas" a idéia da pluralidade das existências era de fato um postulado tão geral e

---

6) Campos Vergal, *Reencarnação ou Pluralidade das Existências*, São Paulo 1936, p. 9.

7) Leão Denis estudou este assunto principalmente em *Depois da Morte*. Temos desta obra a 6ª edição.

8) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 22ª ed., n. 613; p. 293; veja também a p. 138, n. 222, onde Kardec argumenta assim: "O que não padece dúvida é que uma idéia não atravessa séculos, nem consegue impor-se à inteligência de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade desta doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor". Mas, acrescentamos nós, "ter algo de sério", ainda não se identifica com a verdade: o critério da seriedade nunca foi critério de verdade.

9) Encontramos o texto citado em Jerônimo Gueiros, *O Espiritismo Analisado* 2ª ed., p. 313. Não possuímos, infelizmente, todas as obras de Leopoldo Cirne, de modo que não nos foi possível verificar a argumentação.

antigo como os modernos reencarnacionistas nos querem fazer crer.

**O Testemunho dos Vedas.** — Concede-se geralmente que o testemunho escrito mais antigo sobre a reencarnação se encontra nos hinos dos Vedas, na Índia[10]. A cronologia dos Vedas ainda é desconhecida. Mas sabe-se hoje ao certo que só no fim da época védica foi que definitivamente se estabeleceu na Índia a crença nas transmigrações[11]. Esta crença manifesta-se claramente nos hinos *Upanischads*, dos quais os mais antigos datam dos séculos 7° e 6° antes da era cristã[12]. O célebre orientalista Oldenberg declara ser um fato incontestável que a religião antiga da Índia, a qual se manifesta nos hinos do *Rig-Veda*, sempre se conservou alheia à idéia da transmigração e da alternação da morte e do renascimento[13].

Uma conclusão de particular interesse para o nosso caso é esta: a doutrina da metempsicose era totalmente estranha à religião primitiva dos hindus, estava ausente na primeira parte da época védica e é, portanto, de introdução relativamente recente. Discutem os autores sobre os fatores a que se deve atribuir esta introdução. Alguns pensam que a teoria da metempsicose teria sido introduzida pela casta dos *Brâmanes*, a fim de proteger seus privilégios e sua hegemonia: pois invocando as próprias reencarnações anteriores, eles pretenderiam atribuir antiguidade imemorial à sua origem. Outros orientalistas suspeitam que essa doutrina tenha sido transmitida aos poetas dos hinos Upanischads por algum outro povo ariano[14].

**O Budismo.** — Gautama ou Siddhârta, posteriormente denominado Çâkya-Muni (o sábio dos Çakya) ou *Buda* (o

---

10) Também Leão Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., p. 22, o concede: "Os primeiros livros em que se encontra exposta a grande doutrina (da pluralidade das existências) são os Vedas".

11) R. Grousset, *Hist. de la philosophie orientale*, p. 48; cf. Paulo Siwek, S. J., *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1946, p. 31.

12) R. Grousset, ibidem, p. 39; *Histoire de l'Asie*, II: *L'Inde et la Chine*, p. 10, nota 2.

13) Oldenberg, *Le Boudha*, Paris 1934, p. 32; cf. Siwek, op. cit. p. 30. Emile Senart, *Les Castes dans l'Inde*, p. 8, observa o seguinte: "A metempsicose está completamente ausente dos Hinos. Quando a vemos aparecer, a princípio mais ou menos encoberta, mais ou menos explícita nos mais antigos Upanischads, estaremos diante dos primeiros ensaios de uma doutrina que tacteia ao se elaborar? Estaremos diante da infiltração parcial, no meio esotérico, de uma crença que já dominava lá fora?".

14) Cf. Paulo Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos*, S. Paulo 1946, p. 31 s.

iluminado), nasceu pelo ano de 560 antes de Cristo e faleceu pelo ano 480 a. C. E' o fundador do chamado Budismo. Sua filosofia depende do Bramanismo, donde colheu também a doutrina da metempsicose. Com a introdução do budismo na China, entrou também nesta grande nação a filosofia da reencarnação. Mas antes dessa época semelhantes idéias eram completamente desconhecidas na China. Ora isso aconteceu no quarto século depois de Cristo[15], portanto também em época relativamente recente. No ano 372 depois de Cristo o bonzo Choen-tau introduziu o Budismo na Coréia, donde passou ao Japão[16]: também aqui, pois, em épocas bastante recentes.

**No Egito.** — Com muita ênfase sublinham os modernos advogados das vidas sucessivas as idéias reencarnacionistas que teriam florescido com particular vigor no antigo Egito[17]. No entanto, a verdade é que, no *antigo* Egito, não se conhecia a filosofia das várias existências terrestres. A escatologia egípcia já é bem conhecida e não permite semelhantes doutrinas[18]. A. Mallon, depois de descrever minuciosamente a primitiva escatologia daquele povo, condensa nestas palavras o resultado de seus estudos: "Em resumo, vida solitária no túmulo, vida em sociedade no *Amenti*[19], vida com os deuses no céu, eis as três fases percorridas pela escatologia egípcia. Estes três édenes não se excluem, como se poderia pensar, mas coexistem e completam-se. Sem dúvida, de um a outro há evolução, marcha para diante, mas o progresso realiza-se sem detrimento das primeiras crenças, sem perda nem empobrecimento; a doutrina enriquece-se, não abandona coisa al-

---

15) R. Hedde, *Métempsycose*, ed. no Dict. de Théol. Cath., X, col. 1575. Veja também o excelente estudo de L. Wieger, *Religiões e Doutrinas na China*, publicado nas pp. 153-210 da coleção *Christus*, vol. I (Porto 1941).

16) Cf. L. Wieger, *Religiões e Doutrinas na China*, p. 183. Sobre o Budismo em geral pode consultar-se também o estudo de L. de la Vallée Poussin, *Budismo e Religiões na India*, traduzido para o português e publicado na coleção *Christus*, II, 65-147.

17) Confira-se, por exemplo, L. Denis, *Depois da Morte*, 6º ed., pp. 35-42.

18) Veja-se o interessante estudo de A. Mallon, *A Religião dos Egípcios*, traduzido para o português e publicado na coleção *Christus*, III, pp. 7-131; sobre a escatologia egípcia cf. pp. 66-84.

19) O *Amenti* dos egípcios era o lugar onde imaginavam vivessem as almas dos falecidos, e era considerado como um Novo Império, um segundo Egito, feliz e florescente, onde os antepassados, reunidos sob o governo de Osiris, se entregam às distrações preferidas. Pensavam os egípcios que o Amenti se estendia debaixo da terra em regiões indeterminadas, onde cresciam mesmo enormes cereais "com haste de cinco côvados e espigas de dois côvados"... (cf. A. Mallon, op. cit. p. 75).

guma. Para o primitivo, o defunto está na sepultura como em casa; depois, enquanto Faraó sobe diretamente ao céu, os seus vassalos vão formar um reino no ocidente; enfim, a todos os justos sem distinção se abrem as portas do olimpo azulado. Mesmo então é facultativo ao bem-aventurado rever o seu túmulo e nele habitar, e aí provar as ofertas dos amigos; é-lhe permitido circular por onde lhe apraz, entre os espíritos e os deuses"[20].

Está claro que nesta escatologia não cabe a idéia de sempre novas vidas terrestres. Só poucas vezes e excepcionalmente algumas almas eram condenadas por Osiris a retornar à terra, tomar o corpo dum porco e viver miseràvelmente. O famoso *Livro dos Mortos,* que todo egípcio queria levar consigo, depois da morte, e que é invocado pelos modernos teóricos da metempsicose, não é reencarnacionista: expõe apenas as regras da metamorfose, que permite à alma tomar, à vontade, a forma de qualquer espécie animal e até mesmo a do corpo que abandonou à hora da morte. Só em época posterior, "sob a influência da religião hindu", a doutrina da reencarnação entrou no Credo egípcio, o que também explica por que alguns historiadores e escritores gregos (Heródoto, Platão, Teofrasto, Plutarco) puderam dizer que os egípcios professavam a doutrina da metempsicose[21].

Portanto, também no Egito, é relativamente recente a filosofia reencarnacionista. O Egito antigo, primitivo, ortodoxo, não a conheceu.

**Na Grécia.** — "Na aurora de sua existência — escreve Siwek — a Grécia ignora por completo a doutrina da reencarnação. Só pelo ano 543 a. C. é que nela a introduziu um certo Ferécides, segundo consta, mestre de Pitágoras. E' porém o próprio Pitágoras[22] que geralmente passa por ser o verdadeiro introdutor da teoria da reencarnação na Grécia. Esta teoria foi depois difundida por Empédocles, a base doutrinária do culto de *Dionisios,* dos hinos órficos e do mito fantasista da misteriosa roda da Fortuna[23]. Na realidade, na

---

20) A. Mallon, op. cit. p. 78.

21. P. Siwek. *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo 1946, p. 13.

22) Não só a tradição popular como também os sábios gregos consideravam Pitágoras como verdadeiro introdutor da teoria da reencarnação na Grécia. Cf. Aristóteles, *De Anima,* 1. 3, 407 b 22. Segundo os ensinamentos de Pitágoras, os animais possuem alma semelhante à nossa. Só lhes faltam os órgãos necessários à manifestação de sua vida psíquica superior; a alma humana pode entrar também nas plantas.

Grécia a teoria da reencarnação deve a forma científica a Platão; com variedade incomparável, para expô-la e defendê-la, ele despende tesouros de aguda observação psicológica, de poesia e de arte. E', porém, difícil averiguar até que ponto as belas imagens empregadas pelo grande filósofo-poeta correspondem às suas convicções íntimas. O que há de certo é que nem sempre devem ser tomadas ao pé da letra. Em todo o caso, Platão soube evitar todas as extravagâncias que nos seus discípulos, sobretudo em Plotino[24], caracterizam a exposição da teoria da reencarnação"[25].

Mas antes de Ferécides (543 a. C.), por mais que nos embrenhemos no passado da Grécia, não encontramos nem vestígios de idéias reencarnacionistas. Homero revela-nos as doutrinas de seu tempo relativas à sobrevivência das almas, mas nele não damos com um só texto que favoreça a metempsicose[26].

E, por conseguinte, mais uma vez devemos concluir pela relativa novidade da reencarnação também na Grécia.

**Em Roma.** — Os antigos romanos acreditavam na sobrevivência da alma. Mas "nunca aceitaram com simpatia a teoria da reencarnação"[27]. Apenas nos poetas Horácio, Vergílio e Ovídio encontramos referências a essa doutrina. Os escritores sérios, porém, não se ocuparam com ela. Só de Lucrécio sabemos que ele a combateu, como também investiu contra a imortalidade da alma[28].

**Na Pérsia.** — Não se conhece absolutamente a metempsicose ou outra semelhante doutrina na filosofia ou religião da Pérsia antiga[29]. A própria Annie Besant, fundadora do reencarnacionismo teosofista, que procurou e mandou buscar sôfregamente idéias reencarnacionistas entre os povos antigos, viu-se obrigada a confessar: "A reencarnação não é ensinada

---

23) Cada vez que a roda da Fortuna dá uma volta completa, todas as mudanças no mundo repetem-se na mesma ordem em que acabam de se produzir.

24) Assim como depois os Cabalistas, Plotino gostava de pôr em evidência a lei do talião: quem abusar da fortuna, será pobre na reencarnação seguinte.

25) P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos, São Paulo* 1946, p. 14 s.

26) Cf. R. Hedde, *Métempsycose,* Dict. Théol. Cath., tom. X, col. 1578.

27) P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo 1946, p. 16.

28) Cf. R. Hedde, *Métempsycose,* Dict. Théol. Cath. tom. X, col. 1585,

29) Cf. A. Carnoy, *A Religião dos Persas,* trad. port. publicada na czoleção *Christus,* II, p. 7-64; cf. também R. Hedde, *Métempsycose,* Dict. Théol. Cath. tom. X, col. 1575; P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos,* São Paulo, 1946, p. 13.

nas obras traduzidas até o presente e esta crença também não se encontra entre os persas modernos"[30]. E' verdade que ela acrescenta: "Mas encontramos entre eles a idéia de que o Espírito, no homem, é uma centelha destinada a transformar-se algum dia em chama e a reunir-se ao Fogo supremo. E isto deve supor uma certa evolução, para a qual é indispensável o renascimento". Mas é preciso ter o dom de simplificar as coisas, para ver aí o reencarnacionismo: neste caso deveríamos dizer que todos os panteístas admitem a palingenésia...

**Conclusão.** — São estes os principais povos antigos, geralmente citados pelos reencarnacionistas e que seriam em favor da doutrina da pluralidade das existências. Vimos resumidamente o que o conhecimento atual das fontes nos permite afirmar a este respeito. Do que acabamos de ver, tiramos as seguintes conclusões:

1) A doutrina das sucessivas vidas corpóreas foi, realmente, defendida por vários povos antigos, muito antes do Espiritismo e da Teosofia de nossos dias: Encontramo-la antes da era cristã na Índia, no Egito, na Grécia e em alguns poetas de Roma; depois de Cristo, no século IV, foi introduzida pelo Budismo também na China, na Coréia e no Japão. Por conseguinte os "espíritos" do Espiritismo, que vieram para ensinar a doutrina reencarnacionista, não trouxeram nada de essencialmente novo.

2) Há vários povos antigos que, muito embora aceitassem a imortalidade da alma, jamais admitiram a doutrina da pluralidade das vidas terrestres[31].

3) O documento escrito mais antigo de que temos conhecimento e que manifesta claramente idéias reencarnacionistas, data do século 7º ou 6º antes de Cristo e assinala o fim da época védica, na Índia. Não há notícia de um só documento que nos permita recuar mais[32].

---

30) Annie Besant, *La Sagesse Antique*, 1912, p. 41.

31) Não estudamos, evidentemente, as doutrinas de todos os povos: limitamo-nos a inspecionar os mais citados pelos reencarnacionistas. E mesmo entre eles vimos que os *persas* e os mais destacados pensadores de *Roma*, como, aliás, também grande número dos melhores filosofos *gregos* (como por exemplo Aristóteles, indubitàvelmente o maior de todos eles), não são reencarnacionistas. P. Siwek, *A Reencarnação dos* Espiritos, São Paulo 1946, p. 12, escreve: "São *muitos* os povos que *sempre* se conservaram refratários às concepções reencarnacionistas".

32) Os 58.000 anos antes da nossa era, de que fala Mario Cavalcanti de Melo na p. 202 de *A Reencarnação e suas Provas* (Curitiba 1953), não passam de pura fantasia do autor. Provàvelmente ele se inspirou numa mal digerida nota de Leão Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., p. 22, nota 2 (que, por sua vez, se apóia em Paul Gibier).

4) Mesmo entre os povos antigos apregoados como adeptos da palingenésia, as idéias reencarnacionistas foram introduzidas em épocas relativamente recentes: Pois toda a literatura filosófica e religiosa da Índia pré-védica e do período inicial da época védica; toda a vasta literatura da China até a introdução do Budismo no século IV depois de Cristo; a escatologia do Egito antigo e ainda aquela da época florescente dos faraós; o pensamento da mais antiga literatura grega (Homero e tudo que foi anterior a ele) até o ano de 543 a. C.; os escritos sérios da Roma pagã; — todos ignoram completamente a doutrina das vidas sucessivas do homem sobre a terra.

5) Há, pois, notáveis exageros e mesmo lamentáveis generalizações nas apressadas e otimistas afirmações dos modernos defensores da reencarnação e que citamos no início deste capítulo:

a) Allan Kardec excedeu-se muito quando escreveu que a doutrina da pluralidade das existências "teve origem nas primeiras idades do mundo";

b) Carlos Imbassahy enganou-se certamente quando declarou que a reencarnação "não nos veio dos povos orientais"; e proferiu mais três erros quando pretendeu sustentar que esta doutrina "existiu de todos os tempos, em todas as regiões e em todas as seitas";

c) e o "excessivamente modesto" Sr. Mário Cavalcanti de Melo teria feito muitíssimo melhor em deixar "no fundo de suas gavetas"[33] as páginas em que escreveu o seguinte: "Por mais longe que possamos sondar o passado, aí encontraremos o princípio das reencarnações como base de fé"[34]; e aquelas outras em que lemos "que a doutrina das vidas sucessivas existe desde a mais remota antiguidade e pertencia a todos os povos" e que "não houve, sequer, um só missionário de nosso mundo que não pontificasse com a certeza da fé que nos dá o raciocínio, a doutrina da pluralidade das existências"[35]. Sic!

Concluir agora desta relativa ancianidade da doutrina reencarnacionista que ela deve provir de Deus, consoante o citado axioma de Leopoldo Cirne: "um princípio que atravessa os séculos revela nesse mesmo fato a sua origem divina",

---

33) Cf. *A Reencarnação e suas Provas*. Curitiba 1953, p. 12.
34) Ibidem, p. 202.
35) Ibidem, p. 218 e 219.

seria uma ilação inédita na história da filosofia[36]. Se assim fosse, teríamos, na judiciosa observação de J. Gueiros[37], que o sabeísmo dos egípcios, caldeus e demais povos pagãos da antiguidade, tendo atravessado os séculos, de modo que ainda hoje é praticado na Índia e noutros lugares do Oriente, seria de origem divina; ou que o materialismo, profligado já pelo Salmista e professado formalmente pela antiguidade clássica, por Epicuro, Lucrécio e outros, tendo atravessado os séculos, seria de origem divina; ou ainda que a idolatria, a feitiçaria e a demonolatria, praticadas já nos remotos tempos de Moisés, tendo atravessado os séculos, de modo que ainda hoje é florescente nos terreiros do Espiritismo umbandista do Brasil, seria de origem divina...

---

36) Não se pode comparar este argumento com o que em filosofia é denominado "argumento etimológico".

37) Jerônimo Gueiros. *O Espiritismo Analisado,* 2ª ed., p. 313. O autor é pastor protestante (presbiteriano), mas defende contra os ataques espíritas a inspiração divina da Bíblia, a Ssma. Trindade, a Divindade de Jesus, a eternidade do Inferno, e outras verdades básicas da fé cristã que os protestantes crentes ainda conservaram com fidelidade.

## IV. O ARGUMENTO CRISTÃO.

**Em que Consiste.** — Este argumento apresentado pelos defensores da reencarnação, que, por viva força, querem ter as aparências de cristãos, resume-se essencialmente no seguinte: Jesus Cristo teria ensinado a pluralidade das nossas existências terrestres.

Falem-nos primeiramente os advogados da palingenésia. Allan Kardec insiste diversas vezes neste ponto: "O princípio da reencarnação, escreve ele, ressalta de muitas passagens das Escrituras, achando-se especialmente formulado, de modo explícito, no Evangelho"[1] e cita Mt 17, onde Cristo teria declarado que João Batista é a reencarnação de Elias. Particularmente no *Evangelho segundo o Espiritismo* quer Kardec evidenciar que Cristo ensinou a pluralidade das existências corporais. Começa por dizer que "a reencarnação fazia parte dos dogmas dos Judeus, sob o nome de *ressurreição*... Eles designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*"[2], e, para prová-lo, outra vez vem a história de João Batista como reencarnação de Elias e o colóquio entre Jesus e Nicodemos, onde encontramos estas palavras de Cristo: "Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer de novo não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3, 3). E com mais alguns vagos textos, segue então a triunfante conclusão: "Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos Judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que *negar a reencarnação é negar as palavras de Cristo*"[3]; e mais: "Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho"[4].

Sistematizando, temos nas citadas palavras do mestre reencarnacionista cinco teses: 1) que a reencarnação fazia

1) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos* 22ª ed., p. 146.
2) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 67.
3) Ibidem, p. 71. O grifo é nosso.
4) Ibidem, p.72.

parte dos dogmas dos judeus; 2) que a palavra "ressurreição" é apenas outro termo para "reencarnação"; 3) que, em sua maioria, as máximas do Evangelho são ininteligíveis sem o princípio da reencarnação; 4) que João Batista era a reencarnação do profeta Elias; e 5) que em Jo 3, 3 Jesus ensinou formalmente a necessidade da reencarnação e que, por conseguinte, "negar a reencarnação é negar as palavras de Cristo". Admitidas como verdadeiras estas cinco proposições, teríamos provada a reencarnação como parte essencial da doutrina cristã e, logo, sancionada pela autoridade divina.

Como Cristo e Sua mensagem é para nós o ponto central de nossa vida, de nossos interesses, de nossas ocupações e preocupações; como estamos sincera e lealmente resolvido a seguir a Jesus e Suas doutrinas, para o que, a Seu expresso convite, abandonamos pai e mãe, irmão e irmã, casa e bens; como, por isso, fazemos absoluta questão de não negar um só ensinamento do Mestre Divino; e já que a doutrina reencarnacionista está sendo propagada, "por todas as maneiras que oferece a palavra escrita e falada"[5], nos meios católicos do Brasil *como doutrina cristã*; por todas essas razões é necessário que o presente argumento seja por nós estudado e analisado com particular atenção. E' o que tentaremos fazer nas seguintes páginas.

Note bem o leitor o que estudaremos agora: Queremos verificar se Cristo, nosso Mestre, era ou não reencarnacionista, se ensinou ou não a doutrina da pluralidade das nossas existências terrestres. Esta é a questão.

Já expusemos, na primeira parte, as linhas gerais da filosofia reencarnacionista. Para podermos saber agora se Cristo ensinou ou não esta doutrina, *será necessário verificar nos próprios ensinamentos de Jesus aquelas mesmas linhas gerais e essenciais da doutrina reencarnacionista*, expostas na primeira parte. Se o resultado de nosso inquérito for afirmativo, teremos que Cristo ensinou de fato a reencarnação; se for negativo, teremos que Jesus era contra a filosofia das vidas sucessivas. Vamos, pois, primeiramente, recordar os pontos essenciais da doutrina reencarnacionista, para verificar em seguida se eles estão ou não contidos na mensagem de Jesus.

---

5) Pois é esta a primeira finalidade da Federação Espírita Brasileira, como se lê em seus Estatutos, capítulo 1, artigo 1, parágrafo 1 e em quase todos os Estatutos das Sociedades Espíritas, dos Centros Espíritas e das demais agremiações espíritas, como documentamos em nossa brochura *Resposta aos Espíritas*, 2ª ed., pp. 123-126.

**Conspecto dos Pontos Essenciais da Doutrina Reencarnacionista.** — Atendendo à exposição que já fizemos na primeira parte, basta-nos agora formular brevemente os princípios básicos da filosofia da reencarnação. O leitor que desejar comprovação, poderá encontrá-la com facilidade nas documentadas páginas da primeira parte. Eis, pois, os elementos fundamentais da filosofia reencarnacionista:

1) Pluralidade das existências terrestres: nossa vida atual não é a primeira nem será a nossa última existência corporal; já vivemos e ainda teremos que viver inúmeras vezes em sempre novos corpos materiais;

2) Progresso contínuo para a perfeição: a lei do progresso impele a alma para sempre novas vidas e não permite não só nenhum regresso, mas nem mesmo um estacionamento definitivo a meio caminho e muito menos comporta um estado definitivo de condenação sem fim: mais século, menos século, todos chegarão à perfeição final;

3) Conquista da meta final por méritos próprios: em cada nova existência a alma avança e progride na proporção de seus esforços; todo o mal cometido será reparado com expiações pessoais, sofridas pelo próprio espírito em novas e difíceis encarnações;

4) Definitiva independência do corpo: na proporção em que avança na incessante conquista para a perfeição final, a alma, em suas novas encarnações, assumirá um corpo sempre menos material, até chegar ao estado definitivo, em que viverá, para sempre, livre do corpo e independente da matéria.

Poderíamos lembrar outros pontos (por exemplo: evolucionismo lento e constante do espírito, passando pelo reino mineral, vegetal e animal; pluralidade dos mundos habitados, etc.). Mas bastam antes, que nos parecem ser os essenciais. Sem os quatro mencionados elementos não há doutrina reencarnacionista, ao menos não no sentido em que ela é propagada entre nós. Quem proclama a reencarnação, também afirma a pluralidade das existências terrestres, sustenta o progresso contínuo para a perfeição, garante a conquista da meta final por méritos próprios e defende uma vida definitiva independente da matéria. Mas quem nega estes pontos, quem contesta as vidas sucessivas do homem sobre a terra, a marcha irreprimível e certa para o fim supremo, a necessidade de adquirir a perfeição final só por esforços

pessoais e a definitiva independência da matéria, com isso mesmo recusará também a idéia da reencarnação. Por conseguinte, para sabermos se alguém é ou não reencarnacionista, teremos o seguinte infalível e necessário critério: basta verificar se o indivíduo aceita ou não aqueles quatro pontos. Quando, pois, queremos saber se Cristo era reencarnacionista, deveremos investigar se Ele ensinou a pluralidade das existências terrestres, o progresso contínuo para a perfeição, a conquista da meta final por méritos próprios e vida do espírito definitivamente livre da matéria e independente do corpo.

**Ensinou Cristo a Pluralidade das Vidas Terrestres?** — Quem conhece, lê e medita habitualmente as sagradas páginas do Evangelho, verificará fàcilmente que Jesus, Nosso Senhor e Deus, quando fala desta nossa atual vida terrestre, costuma atribuir-lhe um valor decisivo para toda a existência posterior à morte; verificará ainda que Jesus insiste, e muito, na importância culminante da hora da morte, advertindo-nos frequentemente de estarmos sempre prontos e preparados para prestarmos conta da nossa vida ao Juiz Divino, prometendo aos justos recompensa imediata depois do desenlace e contestando abertamente a possibilidade de arrependimento e perdão, passados os umbrais da eternidade; verificará ainda que Jesus desconhece quaisquer vagabundeios pelos espaços ou na erraticidade, para "progredir continuamente". Vejamos alguns dos mais frisantes exemplos.

a) Em Lc 16, 19-31 lemos a parábola do pobre Lázaro e do rico epulão. São palavras de Cristo. Aí se oferece a Nosso Senhor uma excelente oportunidade para dar ensinamentos sobre o que acontecerá aos homens depois da morte. Ambos morrem: primeiro o pobre Lázaro, que "foi levado pelos anjos ao seio de Abraão". A expressão "seio de Abraão" era corrente entre os judeus para significar o céu. E Cristo continua: "Morreu também o rico e foi sepultado no inferno. Aí ergueu os olhos, no meio dos tormentos, e avistou ao longe a Abraão e Lázaro no seio dele. E pôs-se a clamar: Pai Abraão, tem piedade de mim! e manda a Lázaro para molhar na água a ponta do dedo e refrescar-me a língua; porque sofro grandes tormentos nestas chamas. Replicou-lhe Abraão: Lembra-te, filho, que recebeste bens em tua vida, enquanto Lázaro sofreu males. Além disso, medeia entre nós e vós um grande abismo, de sorte que ninguém pode passar daqui para vós, nem daí para cá, ainda que quisesse".

Paremos aqui. A parábola ainda continua, rica em ensinamentos sobre as relações entre os falecidos e os que ainda vivem cá na terra. Vemos aí vários pronunciamentos diretamente contrários aos princípios da palingenésia. Se Jesus fosse reencarnacionista, teria agora uma boa ocasião para insistir nesta doutrina: diria que a alma se desprende lentamente do corpo, permanecendo ainda por algum tempo em estado de perturbação e confusão; explicaria como ela readquire aos poucos um estado de consciência, lembrando as existências passadas; como vai depois perder-se na imensidade dos espaços, na erraticidade; como procura novas oportunidades para reencarnar; etc. Mas nesta parábola não encontramos nada disso: ambos morrem, ambos são julgados, um vai para o céu, outro para o inferno. Nada de sempre novas vidas, nada de andar pela erraticidade, nada de ininterruptos progressos depois da morte, nada de esperar novas vidas terrestres, nem mesmo nada de se comunicar com os vivos, como tanto queria o falecido epulão... E' que Jesus, ao menos nesta parábola, não era nem reencarnacionista, nem espírita...

b) Em Lc 23, 39-43 contemplamos Jesus pregado e suspenso no alto da cruz, no meio de dois ladrões. Note-se que ambos tinham sido muito maus. Um deles, o do lado direito, confessa-o abertamente, quando repreende seu colega com estas palavras: "Nem tu temes a Deus, quando sofres o mesmo suplício? Nós, é verdade, sofremos o que é justo, porque estamos recebendo a paga merecida das nossas obras" (Lc 23, 40 s). Pois bem, este mesmo ladrão, depois daquele público reconhecimento de seus crimes, contrito e arrependido, dirige-se a Jesus com estas palavras: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino". E Jesus responde com a seguinte solene e extraordinária promessa: "Em verdade, te digo que ainda hoje estarás comigo no paraíso". Naquele mesmo dia! "Ainda *hoje*"! Fosse reencarnacionista, Jesus não poderia ter falado assim. Poderia ter consolado e animado o ladrão arrependido mais ou menos com estas palavras: "Fazes bem em arrepender-te, pois o arrependimento é o primeiro passo para a regeneração. Mas não basta. Deves ter paciência contigo mesmo. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo. Tu cometeste muitos crimes: toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída e que deverá ser paga. Já não o podes nesta existência: terás que reencarnar mais vezes, deverás voltar a esta terra, em novo corpo, para expiar e resgatar teus

crimes". Já vimos esses e semelhantes textos de Allan Kardec na primeira parte. Mais ou menos assim deveria ter falado Cristo, se fosse reencarnacionista. Mas falou de modo muito diferente. O que Cristo disse, não entra na filosofia das vidas sucessivas. E' que Jesus não era reencarnacionista...

c) Do mesmo modo poderíamos analisar outras muitas passagens da mensagem cristã. Por exemplo a parábola das dez virgens, das quais cinco eram prudentes e vigilantes e cinco tolas e indolentes e que não estavam preparadas quando "chegou o esposo". Depois bateram à porta e disseram: "Senhor, Senhor, abre-nos!" Ele porém replicou: "Em verdade vos digo, que não vos conheço!" E Cristo tira a conclusão: "Estai, pois, alerta, porque não sabeis nem o dia nem a hora" (Mt 25, 13) da morte. E outra vez admoesta: "Estai, pois, alerta! Vigiai e orai! Porque ignorais quando chegue esse momento... se de tarde, se à noite, se ao canto do galo, se de madrugada. Que não apareça de improviso e vos encontre a dormir! O que digo a vós, digo-o a todos: Estai alerta!" (Mc 13, 33 ss). E ainda: "Vigiai, portanto, e rezai sem cessar, a fim de que vos torneis dignos de evitar todos estes males, e de aparecer com confiança diante do Filho do homem" (Lc 21, 36). Pois, dirá Ele em outra oportunidade: "Se não vos converterdes, perecereis todos" (Lc 13, 3).

d) Particularmente claro é São Paulo, fiel discípulo e zeloso Apóstolo de Cristo e que nos assegura de ter recebido seu evangelho diretamente de Jesus (Gál, 1, 12). Eis o que ele escreve aos hebreus: "Está decretado que o homem morra uma só vez, e depois disto é o julgamento" (Heb 9, 27). *Morra uma só vez!* Não mais vezes, não muitas vezes, não um número indefinido de vezes: *uma só vez!* E' a afirmação explícita da unicidade da vida terrestre, contra o princípio reencarnacionista da pluralidade das existências. E', em outras palavras, a condenação formal, explícita, clara da teoria da reencarnação[6]. Por isso diz ainda a Sagrada Escritura:

---

6) O Sr. Carlos Imbassahy, em *A Reencarnação e suas Provas* (Curitiba 1953), p. 29 vê e reconhece a força deste ensino do insigne Apóstolo das Gentes. "Mas, escreve ele, se se compreende o texto, não se compreende porque Paulo nos deva obrigar. Qual a razão por que devemos segui-lo?" Respondemos ao temerário reencarnacionista de Niterói que ele, evidentemente, pode deixar de segui-lo, como também pode deixar de seguir a Cristo (em Cafarnaum, ao anunciar a instituição da Eucaristia, Cristo permitiu que os cafarnaitas e os discípulos, que não queriam acreditar em suas palavras, porque a julgavam "linguagem dura", cf. Jo 6, 60, se retirassem). Mas quem assim abandona o ensino de Cristo seja consequente e não queira continuar a chamar-se cristão.

"A cada um, *no dia de sua morte*, o Senhor retribuirá, conforme as suas obras" (Ecle 11, 28). E' o que Nosso Senhor repete sem cessar: desde que o homem se arrependa sinceramente dos pecados cometidos, por maiores que tenham sido, e receba o perdão divino, "entra no gozo do Senhor"; mas se morrer impenitente: vê-lo-emos logo mais.

Unicidade da vida terrestre, julgamento imediatamente depois da morte, recompensa ou castigo posterior, sem liberdade de vaguear pela erraticidade, sem promessa de novas vidas terrestres, — eis o que Cristo opõe ao princípio reencarnacionista da pluralidade das existências; e eis, também, o que os reencarnacionistas não podem admitir na mensagem de Cristo.

**Ensinou Jesus a Lei do Progresso Irreprimível e Universal para a Perfeição?** — A lei do progresso, assim como os reencarnacionistas a entendem[7], é universal, uma força viva da natureza, e não pode ser frustrada. O homem pode, talvez, fazer-lhe oposição por algum tempo, pode estacioná-la temporàriamente: mais dia, menos dia, porém, ele terá que continuar em sua marcha à perfeição final. Todos, absolutamente todos chegarão a ela: Não existe, nem mesmo é possível coexistir com a lei do progresso, um estado definitivo de condenação sem fim e sem esperança de conseguir esta meta. E' por isso que todos os reencarnacionistas, com uma unanimidade rara, rejeitam decididamente a tradicional doutrina cristã sobre o *inferno*. E' a razão por que Allan Kardec, num texto expressivo que já vimos na primeira parte, declara que "o dogma da eternidade absoluta das penas é incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira insuperável. Esses dois princípios (a eternidade do inferno e o constante progresso das almas) destroem-se, e a condição indeclinável de existência de um é o aniquilamento do outro"[8]. O dilema proposto pelo patriarca dos nossos reencarnacionistas é claro e incisivo: ou admitimos a lei do progresso (e, portanto, a reencarnação), ou admitimos o dogma da eternidade do inferno (e, portanto, rejeitamos a palingenésia); os dois não podem coexistir: quem afirma a eternidade das penas negará a reencarnação, será contra a palingenésia. Assim sendo, querendo saber se Cristo era ou não reencarnacionista, podemos, agora, formular nossa pergunta da seguinte maneira: qual destes dois princípios (eter-

7) Cf. supra, na primeira parte, nossa exposição.
8) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 78.

nidade das penas ou progresso irreprimível e universal das almas) foi ensinado por Cristo? E a resposta nos parece absolutamente certa e indiscutível: *Cristo, de fato, ensinou a eternidade das penas do inferno*. Logo, concluirá o próprio Allan Kardec, se quiser ser consequente, a mensagem de Jesus é incompatível com a filosofia da reencarnação.

Já em várias oportunidades escrevemos sobre a questão do inferno[9]. Arrolamos uma longa série de pronunciamentos de indubitável clareza, todos eles palavras textuais de Jesus, assim como nos foram conservados pelos Evangelistas, e em que Cristo fala do inferno como de um "suplício eterno", "fogo eterno", "fogo inextinguível, onde o verme não morre, nem o fogo se apaga", onde há "trevas", "choro e ranger de dentes" e "grandes tormentos", etc. Respondemos também às principais dificuldades que se podem fazer contra a doutrina da eternidade do inferno[10]. Como não é possível resumir em duas palavras a teologia do inferno e como nos parece fastidioso repetir aqui o que em outro lugar foi conscienciosamente estudado, remetemos o leitor interessado para as páginas indicadas das nossas outras brochuras. Ressaltamos apenas que Cristo, de fato, não podia usar de palavras mais evidentes e incisivas para nos ensinar a existência e a eternidade do inferno. Pois, quase em cada sermão que fazia, Jesus apontava para os tremendos castigos depois da morte. Basta lembrar que, no Juízo Final, a sentença definitiva do Divino Juiz sobre os maus será: "Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado ao demônio e seus companheiros" (Mt 25, 41); e Jesus acrescenta que "estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna" (Mt 25, 45). E mais uma passagem, aliás pouco lembrada, sirva de exemplo. Está em Lc 13, 23-28. Leia-se o texto:

"Perguntou-lhe alguém: Senhor, são poucos os que se salvam? Respondeu-lhe Ele: Esforçai-vos para entrar pela porta estreita; porque vos digo que muitos procurarão entrar, *e não o conseguirão*. Uma vez que o dono da casa se tenha levantado e cerrado a porta, ficareis vós da parte de fora, batendo à porta e clamando: Senhor, abre-nos! Ele, porém, vos responderá: Não sei donde sois vós. Então começareis a dizer: Nós comemos e bebemos em tua presença,

---

9) Veja no segundo ciclo de *Material para Instruções sobre a Heresia Espírita*, Petrópolis 1954 (2ª ed.), os capítulos 17, 18, 19 e 20. Veja também nossa *Resposta aos Espíritas*, Petrópolis 1954 (2ª ed.), pp. 90-101.

10) Veja *Resposta aos Espíritas*, 2ª ed., pp. 94-101.

e tu andaste ensinando pelas nossas ruas. Ele todavía vos tornará: Não sei donde sois vós; apartai-vos de mim, todos vós, malfeitores! Então haverá choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus a Abraão, Isaac e Jacob e todos os profetas e vós serdes expulsos".

Não adianta negar tão claros ensinamentos divinos. Contra aqueles que negam a reencarnação, Allan Kardec teceu, do seu ponto de vista, uma mui judiciosa ponderação: "Como quer que opinemos acerca da reencarnação, quer a aceitemos, quer não, isso não constituirá motivo para que deixemos de sofrê-la, desde que ela exista, mau grado a todas as crenças em contrário"[11], pois, considera ele no mesmo contexto: "Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos para regular o Universo". E' isso mesmo. Parafraseando, diremos: Como quer que se opine acerca do inferno, quer o aceitemos, quer não, isso não constituirá motivo para não sermos condenados a ele, desde que ele exista, mau grado todas as vontades humanas em contrário, pois Deus sabe o que faz e não consulta nosso parecer. As admoestações divinas estão aí, nos Evangelhos. Deus, evidentemente, quer a salvação de todos. A todos dá as graças necessárias e a ninguém nega os auxílios suficientes. E' certo que só vai para o inferno quem voluntária, consciente e gravemente ofende a Deus e neste estado morrer impenitente. Mas estes irão mesmo. Não adiantará choramingar. Deus lhes dirá, como lemos no Sagrado Livro dos Provérbios, 1, 24 ss: "Mas, visto que eu vos chamei, e vós não quisestes ouvir-me; visto que estendi a mão, e não houve quem olhasse para mim; visto que desprezastes todos os meus conselhos, e não fizestes caso das minhas repreensões, também eu me rirei da vossa ruína, e zombarei de vós, quando vos suceder o que temíeis. Quando vos assaltar a calamidade repentina e colher a morte como um temporal; quando vier sobre vós a tribulação e a angústia, então me invocarão e eu não os ouvirei; levantar-se-ão de madrugada, e não me encontrarão; porque eles aborreceram as minhas instruções, e não abraçaram o temor do Senhor, nem se submeteram ao meu conselho e desprezaram todas as minhas repreensões. Comerão, pois, os frutos de seu mau proceder e fartar-se-ão dos seus conselhos"...

Muito iludidos estão os que pensam que o Cristianismo é a religião da comodidade e do puro sentimentalismo: "Não

---

11) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., p. 147.

penseis — disse Cristo — que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, senão a espada. Vim para fazer separação entre filho e pai, entre filha e mãe, entre nora e sogra... Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim. Quem não tomar a sua cruz e me seguir, não é digno de mim. Quem procurar possuir a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa, possuí-la-á" (Mt 10, 34-39).

Allan Kardec ilude-se conscientemente a si mesmo e a todos os seus sequazes, quando escreve que Cristo "limitou-se a falar vagamente da vida bem-aventurada, dos castigos reservados aos culpados, *sem referir-se jamais nos seus ensinos a castigos e suplícios corporais*"[12]. *Sic!* Iludem-se também nossos espíritas, quando anunciam triunfalmente que "o Espiritismo forneceu a chave que permite ler o Evangelho sem calafrios e provou que Deus é, em verdade, justo e bom"[13]. Iludem-se ainda tremendamente, quando não apenas sustentam que a Bíblia não se refere ao sofrimento eterno do condenado; mas ainda blasfemam da seguinte maneira: "Se conseguissem convencer-nos de que é isso o que a Bíblia afirma, nós a renegaríamos como falsa; e se nos provassem que ela é autêntica (isto é: que ela vem de Deus), nós renegaríamos o próprio Deus, porque não podemos adorar uma entidade cujos sentimentos de amor, justiça e misericórdia sejam inferiores aos nossos. E se há um Deus capaz de condenar uma de suas criaturas e sofrer eternos horrores por uma falta momentânea, cometida contra quem for, então esse Deus está muito abaixo das solas dos nossos sapatos. Nós nos julgaremos, por isso, muito superior a um tal Deus!..."[14].

Aí já não há remédio:..

Mas, perguntamos, isso ainda é Cristianismo?

**Ensinou Cristo a Necessidade de Conquistar a Perfeição Final por Esforços e Méritos Pessoais?** — Segundo os reencarnacionistas[15], a alma deve reencarnar primàriamente por dois motivos: para expiar seus pecados e para progredir sem cessar. Aí está toda a razão de ser das vidas sucessivas. Tanto a expiação, como também o progresso devem ser

12) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 41.
13) *Almenara* (jornal kardecista e reencarnacionista), Rio, Janeiro de 1954, p. 8.
14) Cf. Carlos Imbassahy, *A Margem do Espiritismo*, 2ª ed., p. 162.
15) Cf. o que escrevemos na primeira parte sob o título: "O espírito alcança a perfeição pelos méritos próprios".

méritos pessoais, conquistados por esforços próprios e não pelo interesse, pelo amor ou pela misericórdia alheia, mesmo que esse outro seja Deus. Leão Denis o enuncia cruamente: "Não, a missão de Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da Humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. E' o que os Espíritos, aos milhares, afirmam em todos os pontos do mundo"[16]. E a revista oficial, órgão máximo da propaganda reencarnacionista no Brasil, *Reformador*, ensina: "A salvação não se obtém por graça nem pelo sangue derramado por Jesus no madeiro", mas "a salvação é ponto de esforço individual que cada um emprega, na medida de suas forças"[17].

Para os nossos espíritas há ainda uma razão de ordem sentimental para corroborar a mesma tese: "A nós espíritas, nos estarrece que a divindade tenha podido encarnar e morrer para resgatar uma humanidade tão pouco digna de tamanho benefício. Não compreendemos uma tamanha solicitude (refere-se à doutrina cristã da redenção dos homens pela paixão e morte de Cristo) para com os habitantes de uma esfera das menos importantes do universo"[18].

Em resumo, diria A. Kardec, "toda a falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes"[19]. Cada qual deverá expiar suas próprias culpas: não há salvação vicária ou redenção feita por outrem; todos deverão conquistar a perfeição por esforços e merecimentos pessoais: a graça divina e os méritos de Cristo seriam privilégios e injustiças[20]. Deus não perdoa nem mesmo pode perdoar pecados sem que preceda expiação e reparação feita pelo próprio pecador[21]. E' esta a essência da soteriologia reencarnacionista[22].

Ora, todos esses postulados são, outra vez, totalmente incompatíveis com a grande novidade do Evangelho, com a

---

16) L. Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., p. 88.
17) *Reformador*, Outubro de 1951, p. 236.
18) *Revista Internacional do Espiritismo* (Matão, SP), Janeiro de 1954, p. 257.
19) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 88.
20) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 76.
21) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 90; *O Livro dos Espíritos*, 21ª ed., pp. 446-450.
22) Além do que escrevemos a este respeito na primeira parte desta brochura, veja também nosso estudo sobre "a soteriologia espírita" na *Revista Eclesiástica Brasileira*, 1953, pp. 98 ss.

própria medula da "boa nova" (é o sentido da palavra "evangelho", de origem grega), que consiste precisamente nisso: Cristo, por sua vida, paixão e morte, reconciliou a humanidade com Deus, satisfazendo superabundantemente pelos pecados de todos os homens e de todos os tempos. E' o cerne da mensagem cristã. Nossa redenção por Cristo é a medula do Evangelho e da vida neo-testamentária. Está em todas as páginas. E' a mensagem que os profetas predisseram; é a mensagem que os anjos anunciaram na primeira noite de Natal; é a mensagem de João às margens do Jordão; é a mensagem em que o próprio Cristo insistiu; é sobretudo a mensagem que os Apóstolos foram depois levar a todos os povos do mundo; é a mensagem mais cara que a Igreja nos conservou dos séculos; é a mensagem que se tornou como o símbolo do Brasil religioso e cristão: Cristo Redentor no alto do Corcovado.

Vejamos ao menos algumas das passagens mais expressivas[23], porquanto é impossível transcrever para estas páginas toda a "boa nova" do Evangelho:

a) Já o profeta Isaías predisse, falando do Messias (e Jesus expressamente aplicou a si esta passagem, cf. Lc. 22, 37): "Verdadeiramente ele foi o que tomou sobre si as nossas fraquezas, e ele mesmo carregou com as nossas dores... foi ferido por causa de nossos crimes; foi atribulado por causa de nossas maldades... Deus pôs nele as iniquidades de todos nós" (Is 53, 4-6).

b) Quando nasceu Jesus, os anjos o anunciaram aos pastores: "Eis que venho comunicar-vos uma grande alegria: Nasceu o Salvador!" (Lc 2, 10). E João Batista o apresentou com estas palavras: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1, 29).

c) Também o próprio Jesus declarou diversas vezes ter vindo para "dar a sua vida como preço de resgate por muitos" (Mc 10, 45; Mt 26, 28; Lc 19, 10; 22, 20; Jo 10, 15).

d) E São Pedro nos admoesta: "Fostes remidos não pelo ouro e prata corruptíveis, mas pelo sangue de Cristo imaculado"; "o qual lavou no seu corpo os nossos pecados sobre o lenho, a fim de que, mortos para o pecado, vivamos para a justiça" (1 Ped 1, 18; 2, 24).

---

23) A importância do assunto nos obriga a repetir o que já dissemos nas pp. 45-46 do segundo ciclo de nosso *Material para Instruções sobre a Heresia Espírita* (2ª ed.).

e) As epístolas de São Paulo, então, só se entendem à luz desta idéia, animada, ademais, pelo conceito do Corpo Místico de Cristo, pelo qual a paixão, a morte e a ressurreição de Cristo se tornam nossos, como é nosso o pecado de Adão. A epístola aos hebreus é toda uma teologia da redenção. Aos efésios escreve: "E' n'Ele que temos a redenção, devido à riqueza da sua graça, que em torrentes derramou sobre nós" (1, 7). "Foi do agrado do Pai que residisse nele toda a plenitude, e que por ele fossem reconciliados consigo todas as coisas, pacificando, pelo sangue da sua cruz, tanto as coisas da terra, como as coisas do céu" (Col 1, 20). E a Timóteo, depois de lhe lembrar que Jesus "se entregou como resgate por todos", escreve o grande Apóstolo das gentes: "Tal é a mensagem da salvação que em boa hora se anunciou e da qual fui eu constituído arauto e apóstolo — digo a verdade e não minto — para ser doutor dos gentios, fiel e verídico" (1 Tim 2, 5-7). E aos romanos declara que "fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho" (5, 10).

f) Também São João é claro e explícito: "Ele mesmo é a propiciação pelos nossos pecados, não pelos nossos sòmente, mas também pelos de todo o mundo" (1 Jo 2, 2).

g) Foi assim também que a Igreja o entendeu sem interrupção. Já o discípulo de João, São Policarpo, escreve aos filipenses: "Cristo Jesus que tomou os nossos pecados sobre o Seu corpo no lenho da cruz, ele que não fez pecados, tudo sofreu por nossa causa, para que nele vivamos" (cap. 8). E ainda hoje o ensino oficial da Igreja é que Nosso Senhor Jesus Cristo, "pela nímia caridade com que nos amou" (Ef 2, 4), "satisfez por nós ao Eterno Pai com Sua santíssima Paixão no lenho da Cruz"[24].

E' a soteriologia cristã.

Estamos assim diante de duas soteriologias opostas: a cristã e a reencarnacionista. Uma defende a hetero-redenção e outra a auto-redenção. Ambas se excluem por natureza, sendo de todo impossível sua coexistência. Quem afirma uma, contestará a outra. E' por isso que os reencarnacionistas estão também unânimes em negar a nossa redenção por Cristo. A filosofia da reencarnação revela-se desta maneira como um sistema radicalmente contrário ao próprio cerne da mensagem de Cristo. E por isso é uma filosofia anticristã, pagã.

---

24) Concílio de Trento, Sessão VI, cap. 7 (D. B. 799).

E mais uma vez devemos concluir: Cristo não era reencarnacionista.

**Ensinou Jesus uma Vida Definitivamente Independente do Corpo?** — Sustentam os reencarnacionistas que a alma ou, como eles preferem dizer, o espírito, chegado afinal à perfeição, viverá para sempre livre do corpo material. Isso já foi exposto na primeira parte. Coerentes com seus princípios, eles rejeitam decididamente a doutrina da ressurreição da carne[25]: que a alma tornará a vivificar *o mesmo corpo* para, assim, unida ao corpo, viver eternamente. De fato, também estas duas doutrinas (vida definitivamente independente do corpo ou vida definitiva no corpo ressuscitado) excluem-se mùtuamente: quem sustenta uma, contestará lògicamente a outra.

Ora, ainda nesta questão Jesus falou claro: todos, bons e maus, bem-aventurados e condenados, hão de ressuscitar com seus próprios corpos. "Virá a hora — ensina Jesus — em que todos os que jazem nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus e ressurgirão para a vida os que praticaram o bem e ressurgirão para a condenação os que praticaram o mal" (Jo 5, 28-29). Outra vez Cristo defende a ressurreição contra as objeções ridículas dos saduceus (Mt 22, 23-33). Também os Apóstolos pregaram abertamente e muitas vezes a ressurreição[26]. São Paulo dedica todo o longo capítulo 15 da primeira epístola aos coríntios à defesa e explicação da ressurreição. "Se não há ressurreição dos mortos — argumenta o Apóstolo — também Cristo não ressuscitou[27]. Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, vã é também a vossa fé; e nós aqui estamos como falsas testemunhas de Deus, porque contra Deus depusemos que ressuscitou a Cristo... Pois se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou". E depois o Apóstolo passa a explicar a transformação por que há de passar o corpo ressuscitado: "O que se semeia é (um corpo) corruptível, o que ressuscita é (um corpo) incorruptível; o que se semeia é humilde, o que ressuscita é glorioso; o que se semeia é fraco, o que ressuscita é forte; o que se semeia é um corpo material, o que ressuscita é um corpo espiritual".

---

25) Veja A. Kardec, *O Livro dos Espiritos*, 21ª ed., p. 458; L. Denis, *Cristianismo e Espiritismo* 5ª ed., p. 100 s.

26) Cf. At 4, 2; 17, 18; 17, 32; 23, 6 ss; 24, 15; 26, 6, 23; etc.

27) Os reencarnacionistas, de fato, negam também a ressurreição de Cristo; cf. A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 333.

Convém adiantar aqui rápida explicação sobre uma dificuldade que os reencarnacionistas não se cansam de repetir. Querendo ridicularizar a fé e a esperança cristã na ressurreição, lembram que os corpos se desfazem, se transformam e passam a constituir outros corpos... Leão Denis recorda que, segundo este nosso dogma, "os átomos do nosso corpo carnal, disseminados, dispersos por mil novos corpos, devem reunir-se um dia, reconstituir nosso invólucro e figurar no juízo final"[28]. Ora, conclui ele muito bem, isso é impossível. Em outra ocasião já respondemos a semelhante objeção[29]. Resumindo agora nossa resposta, queremos lembrar apenas que, de fato, sustentamos a identidade entre o corpo ressuscitado e o corpo que a alma deixou na hora da morte. Pois o ensino de Cristo é demasiado explícito a este respeito e não pode ser violentado ou contestado. Mas não precisamos ir logo ao extremo de afirmar também uma identidade de átomos e moléculas! Dizem muito bem os teólogos que basta sustentar uma identidade relativa. E' conhecido o fenômeno biológico do metabolismo, segundo o qual o corpo humano, pela contínua assimilação e desassimilação dos substâncias, de tempo em tempo, se renova inteiramente, de tal modo que os átomos ou as moléculas que anos atrás integravam o nosso corpo, já hoje estão totalmente substituídos por outros. Não obstante, costumamos dizer, e com razão, que o nosso corpo de hoje é o *mesmo* de dez ou vinte anos atrás. E' uma identidade material relativa, mas real. Por conseguinte, para conservarmos uma verdadeira identidade corporal, não é necessário reter sempre os mesmos elementos materiais. A dispersão da matéria não impossibilita a identidade material do corpo humano.

Precisamos referir-nos a mais uma curiosa alegação de Allan Kardec. Vimos no início deste capítulo que, segundo Kardec, os judeus, "designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação"[30].

---

28) L. Denis, *Cristianismo e Espiritismo* 5ª ed., p. 100.

29) Cf. nossa *Resposta aos Espíritas*, 2ª ed., pp. 137-140.

30) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 67. — A respeito da outra alegação de Allan Kardec, de que a reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, lembramos as seguintes observações de P. Siwek (*A Reencarnação dos Espíritos*, S. Paulo 1946, p. 14): "Os livros sagrados dos judeus mencionam várias vezes a prática da evocação dos espíritos (Lev 20, 6. 27; 19, 31; Deut 18, 9. 10. 11. 12; I Reis 28, 3; 4 Reis 21 6). Mas esta não tem relação nenhuma com a reencarnação. Só se excetua a *Cabala:* os livros desta, *Zohar* (ou Livro dos Esplendores), *Zohar-Haddach*, *Tiqqunim* expõem a doutrina da reencarnação, que assim faz parte integrante do esoterismo místico da Cabala. Mas é preciso notar que o Zohar só foi acrescentado à Cabala no fim do

Eis aí uma afirmação simplesmente arbitrária. Não há seriedade nisso. Nem podemos imaginar como pôde Kardec chegar a semelhante asserção. Não conhecemos um só elemento que nos permita estabelecer esta identidade. E' evidentíssimo que as ressurreições narradas na Bíblia, a de Elias ressuscitando o filho da viúva de Sarepta, a de Eliseu ressuscitando o filho da Sunamitis, as de Jesus ressuscitando o jovem de Naim, a filha de Jairo ou a Lázaro, tudo isso nada tem a ver com o que hoje os espíritas entendem por reencarnação. Nem os judeus pensavam em reencarnação, quando Jesus lhes anunciava que depois de três dias haveria de ressuscitar, visto que mandaram pôr guardas no sepulcro. Basta ler o capítulo 15 da primeira carta aos coríntios, para saber o que os judeus entendiam quando falavam em ressurreição. Basta ler atentamente as palavras de Jesus em Jo 5, 28-29 e que acabamos de citar. Enfim, seria suficiente recordar que a reencarnação se faz, como ensina Kardec, em sempre novos corpos "que nada têm de comum com o antigo"[31], enquanto a ressurreição, assim como era entendida pelos judeus, consiste na revivificação deste mesmo corpo abandonado pela alma na hora da morte.

* * *

Afoitamente, com a esperança de encontrar leitores bastante simplórios e que acreditassem ingênuamente em suas afirmações, Allan Kardec pontificou certa vez que, "sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do

---

século XIII e que nela a reencarnação se apresenta como um episódio fragmentário, sem conexão íntima com o resto do sistema filosófico da Cabala; mais ainda, acha-se em contradição flagrante com os dogmas fundamentais da religião judaica, admitidos pela Cabala". — A este respeito pode-se consultar também R. Hedde, *Métempsycose*, Dict. Théol. Cath., X, 1585. — Sobre a Cabala, veja-se também a col. 1586.

Em outra ocasião Allan Kardec concede que Jesus não falou muito claro a respeito da reencarnação, pois, diz ele, Cristo "não pode desenvolver o seu ensino de maneira completa", porque "faltavam aos homens (daquele tempo) conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo, sem os quais não o compreenderiam" (*A Gênese*, ed. de 1949, p. 26) e por esse motivo Jesus não insistiu muito na pluralidade das existências: "A grande e importante lei da reencarnação foi um dos pontos capitais que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não se achavam suficientemente preparados para idéias dessa ordem e para as suas consequências" (ib. p. 368). Ora, se é verdade, como quer Kardec, que a doutrina das vidas sucessivas era comumente ensinada pelos povos antigos e era até "ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus" (veja o texto acima), não se compreende absolutamente tanta prudência da parte de Cristo no ensino duma verdade tão difundida...

31) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 67.

Evangelho"[32]. Estamos agora habilitados a inverter a frase e declarar que, se admitimos a pluralidade das existências terrestres, a garantida salvação final de todos os seres racionais, a necessidade de conquistar a perfeição por esforços e méritos próprios e a vida espiritual definitivamente independente do corpo, se, em suma, admitimos o princípio da reencarnação, então, sim, são de fato ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho.

**Mas João Batista seria a Reencarnação do Profeta Elias!** — E' o argumento mais explorado pelos reencarnacionistas para dizer que também Jesus foi partidário das vidas sucessivas. Que diremos a isso? Pensamos que as seguintes considerações respondem cabalmente à dificuldade proposta:

1) O que acabamos de ver acerca da soteriologia e da escatologia de Jesus, garante-nos com certeza que Cristo era positivamente contrário à palingenésia. Diremos por isso a priori que esta simples e superficial objeção não destrói o valor probativo das doutrinas opostas à reencarnação e que acabamos de estudar.

2) Concedemos que, de fato, existe alguma relação entre o intrépido João Batista, precursor da primeira vinda de Jesus e o corajoso profeta Elias, o anunciado precursor do segundo advento de Cristo. Já o anjo que veio anunciar a Zacarias o nascimento de João explicou: "Seguirá diante dele no espírito e na virtude de Elias" (Lc 1, 17). Referindo-se a este texto, escreveu S. Agostinho que só a "perversidade herética" pode ver aí uma afirmação da reencarnação[33]. Sabiam os fariseus e escribas que, segundo a profecia de Malaquias (4, 5), a aparição de Cristo seria preparada por Elias. Ora, Jesus de Nazaré declarava ser o Messias: como era isso possível se Elias ainda não apareceu? Eis a formidável objeção que os fariseus alegavam contra a autenticidade da missão messiânica de Jesus (cf. Mt 17, 10). Eles confundiam de fato as duas aparições efetivas de Cristo: a primeira como Redentor e a segunda como Juiz. Malaquias profetizara a vinda de Elias "antes que venha o dia grande e terrível" do Juízo Final, referindo-se, pois, ao segundo advento de Cristo. O precursor da primeira aparição seria João Batista que, consoante as citadas palavras do anjo, apareceria "no espírito e na virtude de Elias". Daí

32) Ibidem, p. 72.
33) S. Agostinho, *In Heptateuchen*, IV, 18; PL 34, 725

dizer Jesus, para refutar a objeção dos fariseus e tranquilizar os discípulos: "*Se quiserdes compreender*, ele mesmo (João Batista) é Elias que deve vir. Quem tiver ouvidos, ouça" (Mt 11, 14-15). Portanto, uma afirmação bastante enigmática. E S. Agostinho explica: "Quia quod Elias secundo, hoc Joannes primo adventi fui"[34]. As palavras de Cristo: "Elias já veio" (Mt 17, 12), têm realmente no contexto o sentido de que o enviado de Deus, que devia preceder a primeira vinda do Messias (e que os judeus confundiam com Elias), já apareceu. E o evangelista acrescenta: "Então compreenderam os Apóstolos que Jesus se referia a João Batista" (Mt 17, 13).

3) Outra vez Jesus mesmo se encarrega de dizer que João não era Elias, pois João era seu contemporâneo e Elias "há de vir" (Mt 11, 14), portanto ainda não veio.

4) Aliás, conforme a tradição dos judeus, o profeta Elias ainda não morreu, não "desencarnou", e por isso nem mesmo poderia "reencarnar".

5) Note-se também que no monte da transfiguração, apareceu, ao lado de Jesus, Moisés e Elias; ora naquele tempo João já fora executado por Herodes, já morrera e, portanto, segundo as regras reencarnacionistas, deveria aparecer João e não Elias. Pois o espírito, quando aparece ou se "materializa" (segundo eles dizem), sempre se apresenta na forma da última encarnação.

6) Afinal, o próprio Batista, diretamente interrogado por uma comissão de judeus se era Elias, respondeu categoricamente: "Não o sou" (Jo 1, 21), com o que ele mesmo, João Batista, dirimiu a questão[35].

**Mas Jesus disse a Nicodemos:** "Se alguém não nascer de novo, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3, 3). Este texto é o segundo argumento apresentado pelos reencarnacionistas para mostrar que Cristo estaria do lado deles. Podemos encontrar estas palavras nos cabeçalhos de revistas e jornais espíritas, como se fossem a mais insofismável afirmação da reencarnação. No entanto, a coisa não é tão evidente. E primeiramente chamamos a atenção para a tradução, que não

---

34) S. Agostinho, *In Iannis Evang.* IV, 1, n. 6; PL 35, 1408.

35) Os reencarnacionistas respondem a isso que João Batista *esquecera* ser a reencarnação de Elias (cf. C. Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 57 e p. 208). Aliás, nesta página, como também na p. 211, o autor (Cavalcanti de Melo) mostra que conhece muito mal a cena no Jordão: não foi Elias o interrogado (como diz o autor), mas João.

é de todo exata. São João escreveu seu Evangelho em grego. A palavra que interessa no caso é o "nascer de novo". No original grego diz *ánoothen* que quer dizer: nascer do alto. Por isso a tradução exata da passagem seria assim: "Quem não nascer do alto, não pode entrar no reino de Deus". Já se vê que assim a dificuldade é sensivelmente menor, se é que já não desapareceu de todo. E se lermos o texto inteiro, em seu contexto, veremos que o próprio Nicodemos não o entendera bem e ele pediu maiores esclarecimentos. E então Jesus explica seu pensamento: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do alto (outra vez: *ánoothen*), por meio da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do espírito é espírito". Jesus insiste: é preciso nascer do alto, sim, mas "por meio da água e do Espírito". E isso, evidentissimamente, não é reencarnação. Também em outros lugares a Sagrada Escritura fala desta necessidade de "nova" vida, da regeneração espiritual: "*Renovai-vos* pois no espírito do vosso entendimento, e vesti-vos do *homem novo,* criado segundo Deus na justiça e na santidade verdadeira" (Ef 4, 23-24); "despojando-vos do *homem velho* com todas as suas obras e *revestindo-vos do novo,* aquele que *se renova* para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Col 3, 9-10); "se não vos converterdes e vos não fizerdes como crianças, não haveis de entrar no reino dos céus" (Mt 18, 3). Por isso o sacramento do Batismo, instituído por Cristo (cf. Mt 28, 19; Mc 16, 16), mas negado pelos reencarnacionistas, foi sempre chamado de "sacramento da regeneração".

**Conclusão.** — Em 1953 publicamos na *Revista Eclesiástica Brasileira* um artigo sobre a teoria espírita da reencarnação, mostrando que esta teoria não encontra fundamento nenhum na Sagrada Escritura, mas que, pelo contrário, as doutrinas centrais da mensagem cristã são positivamente contra a palingenésia. Um dos dirigentes da Federação Espírita Nacional, o Sr. Ismael Gomes Braga, escreveu-nos então uma carta (datada de 17 de Dezembro de 1953) muito lacônica, porém marcante e expressiva, que, com o generoso perdão de seu autor, vale a pena arquivar:

"Li nas páginas 581 a 611 da "Revista Eclesiástica Brasileira", de Setembro deste ano, o erudito artigo de V. Revma., e me parece que será necessário corrigir as velhas escrituras, para que se tornem mais claras a favor da reencarnação. Respeitosamente de V. Revma. I. G. Braga".

As "velhas escrituras", a que se refere nosso reencarnacionista, são, evidentemente, os livros da Sagrada Escritura. Nesta carta está bem claramente manifestada a atitude geral dos reencarnacionistas perante a Bíblia. No recente livro de Imbassay-Cavalcanti de Melo, *A Reencarnação e suas Provas* (Curitiba 1953), mais de uma vez por nós citado[36], damos constantemente com semelhante atitude de soberano desdém. Eis alguns exemplos: "O Espiritismo não se baseia na Bíblia, que não tem consistência"[37]. "E' preciso dizer a coisa como é. E' preciso provar que os textos não têm nenhum valor probante; que não há por onde justificar a intangibilidade bíblica; que se trata de um livro como outro qualquer; que não existe motivo que nos obrigue a segui-lo, mormente quando os maiores bíblicos proclamam que a verdade não existe no que está escrito, mas no que se acha oculto"[38]. São palavras de C. Imbassahy[39]. Seu colega, Mário Cavalcanti de Melo, anda em boa companhia: a Bíblia, grita ele, "tem que ser posta à margem, pois não progrediu, não satisfaz mais as exigências da ciência contemporânea e se, como a Igreja romana, tomarmo-la como padrão de moral e de conhecimentos, estaremos expostos a cometer os mesmos erros e a manchar-nos com as mesmas nódoas"[40].

---

36) A respeito desta obra lemos em *Mundo Espirita* (jornal reencarnacionista publicado agora em Curitiba) de 28 de Fevereiro de 1955, o seguinte: "Grande obra escrita no Brasil e para o mundo, grande obra do século, a este livro sòmente se pode, sem chalcirismo fanático, dizer que é "o cisne de longo voo do século"...

37) p. 32. Entretanto, neste mesmo livro os autores pretendem sustentar que a reencarnação é doutrina bíblica, lamentando apenas falta de tempo para mostrá-lo: "Não nos é possível, pela absoluta falta de tempo, pôr em ordem cronológica as citações que comprovam a existência da doutrina reencarnacionista no velho e no Novo Testamento" (p. 214).

38) p. 47. Esta última afirmação é simples e ousada mentira do Autor.

39) O mesmo Autor, em outras obras e numerosos artigos de jornais, aproveita todas as oportunidades para manifestar seu desprezo pela Bíblia. Eis, por exemplo, uma confissão muito preciosa: "Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos à Bíblia como probante. O Espiritismo não é um ramo do Cristianismo como as demais seitas cristãs. Não assenta os seus princípios nas Escrituras. Não rodopia junto à Bíblia... A nossa base é o ensino dos Espíritos, daí o nome — Espiritismo" (*À Margem do Espiritismo*, 2ª ed., p. 219). E mais isso, no mesmo livro: "Gostamos pouco da Bíblia, porque, além de a conhecermos mal (concordamos inteiramente com tão singela confissão), encontramos nela, como já dissemos e provamos, de mistura com os mais santos e sábios ensinamentos, os mais descabidos e inaceitáveis absurdos". Num de seus artigos define a Bíblia como "traço do estado salvagem de uma época, reflexos de impulsos e instintos, onde se identificam incisos bárbaros, ferozes, cruéis" (*O Poder*, jornal espírita de Belo Horizonte, 20-3-1953, p. 1).

40) *A Reencarnação e suas Provas*, p. 173. Na p. 175 lemos: "Se o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, segundo a Bíblia,

E' por isso que o órgão oficial do reencarnacionismo kardecista no Brasil define a posição dos espíritas perante a Bíblia nos seguintes termos: "Do Velho Testamento já nos é recomendado sòmente o Decálogo e do Novo Testamento apenas a moral de Jesus: Já consideramos de valor secundário, ou revogado e sem valor algum, mais de 90% do texto da Bíblia. Só vemos na Bíblia toda um livro respeitável pelo seu valor cultural, pela força que teve na formação cultural dos povos do Ocidente"[41].

Já Allan Kardec iniciou esta campanha de revolta contra a Bíblia nos meios espíritas e reencarnacionistas. Em outro estudo tivemos oportunidade de denunciar as numerosas passagens deste mestre reencarnacionista e de seu fiel discípulo Leão Denis[42]. Não diferem, no modo de falar, da linguagem de Imbassahy e de Cavalcanti de Melo.

Quando, no último capítulo, falaremos do problema do mal e da existência do pecado, veremos como Deus permite que os homens possam revoltar-se contra Ele, possam pecar e abusar da liberdade. A vida do homem sobre a terra é passageira e provisória e visa primordialmente colocar o homem num ambiente de provação. O Criador quer ver a boa vontade de suas criaturas racionais. O homem deve decidir-se pró ou contra Cristo. Mas deve ser uma decisão *livre*, não imposta por coação física. Podemos aceitar e podemos também rejeitar a mensagem de Jesus. Podemos usar e podemos abusar da liberdade que Deus nos deu. O essencial é que a nossa adesão seja um ato nosso, pessoal, resolução livre de nossa vontade. Só assim pode haver decisão. Vemos no Evangelho que Cristo, mais de uma vez, colocou os homens diante desta alternativa tremenda e decisiva: crer ou não crer nele[43]. Quando enviou seus Apóstolos pelo mundo para anunciar a todos os povos o seu Evangelho, Jesus salientou o seguinte:

---

*cujos ensinamentos são quase sempre suspeitos e contraditórios..."* O grifo é nosso.

41) *Reformador*, órgão da Federação Espírita Brasileira, Jan. de 1953, p. 23. Note-se ainda a seguinte declaração da Redação da mencionada Revista: "O Diretor de nossa revista assume a responsabilidade de tudo o que nela é publicado, ainda mesmo do que se contém nos artigos redigidos e assinados pelos nossos colaboradores" (*Reformador*, Set. de 1953, p. 199).

42) Veja-se o que escrevemos e documentamos a este respeito no artigo "Visão Espírita do Cristianismo", na *Revista Eclesiástica Brasileira* de 1952, pp. 549-558, onde apresentamos numerosas passagens de Allan Kardec e Leão Denis.

43) Leia-se, por exemplo, o capítulo sexto do Evangelho de São João. Mas os que em Cristo só querem ver o "doce Jesus", o "meigo Nazareno", o "divino modelo da tolerância", estão proibidos de ler este capítulo... Sofreriam tremenda desilusão...

"Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado" (Mc 16, 16). Os homens, portanto, têm liberdade de crer ou não crer, de seguir ou não seguir a Cristo. "Quem não está comigo, disse Jesus, está contra mim" (Lc 11, 23). Concedemos, por isso, também aos reencarnacionistas a liberdade de não aceitar a mensagem de Cristo, de divergir dos ensinamentos de Jesus e até de desprezar os Sagrados Livros do Evangelho e, mesmo, de revoltar-se contra o próprio Deus. Podem continuar a gritar e a blasfemar, como vimos: "Se há um Deus, capaz de condenar uma de suas criaturas a sofrer eternos horrores... então esse Deus está muito abaixo das solas dos nossos sapatos: nós nos julgaremos, por isso, muito superior a um tal Deus"[44]. E' o clássico "non serviam" dos revoltados. Isso também é uma espécie de decisão... Mas não lhes concedemos a liberdade de, apesar dessas negações e revoltas abertas, continuarem a proclamar-se pùblicamente cristãos e fiéis seguidores de Cristo. Isso não! E' contra essa deslealdade, contra tão grave falta de sinceridade, que reagimos.

Os reencarnacionistas não são cristãos, não têm a seu favor nenhum argumento cristão: são negadores do cristianismo. A filosofia da reencarnação não é cristã: é anticristã, é uma filosofia de oposição, de sublevação, de rebeldia contra Cristo Jesus, Nosso Senhor e Deus.

---

44) Quando, em Janeiro de 1954, pronunciamos em Curitiba uma conferência sobre a reencarnação e recordamos a doutrina de Cristo sobre o inferno, houve verdadeiras cenas de revolta contra Deus por parte dos espíritas que aí estavam. Um deles, major-aviador da Aeronáutica, o Sr. Rafael de Sousa Pinto, repetiu numa alocução radiofônica uma série das blasfêmias que já tivéramos o desgosto de ouvir no salão. Esta mesma alocução foi publicada no dia seguinte na *Gazeta do Povo* (12-1-1954). Eis aí apenas algumas amostras, transcritas do mencionado jornal: "Quando Deus criou as penas eternas lá os lançou (fala dos demônios), o que demonstrou? Ser cruel, vingativo, injusto, arrogante e covarde". Mais adiante, dirigindo-se a mim: "O seu Deus também é incompreensivo e estúpido... Deus na sua onciência é um monstro ou um louco". No final fala do "Deus católico que hoje eu renego com todas as forças da minha alma"...

## V. O ARGUMENTO PATRÍSTICO.

**Exposição do Argumento.** — O Sr. Campos Vergal, atualmente deputado federal por São Paulo e pelos espíritas, resumiu uma insinuação muito comum entre os reencarnacionistas, quando escreveu: "A Igreja primitiva não repele absolutamente o ensino reencarnacionista. Os primeiros padres e, entre eles, S. Clemente de Alexandria, S. Jerônimo e Rufino, afirmam que ele era ensinado como verdade tradicional a um certo número de iniciados"[1]. Infelizmente, seguindo nisso, aliás, um método muito comum entre os autores reencarnacionistas, o Sr. Campos Vergal esqueceu-se de citar os textos ou ao menos de indicar exatamente as obras dos três mencionados escritores da Igreja primitiva. Em seguida traz um texto de Orígenes, outro de S. Gregório de Nissa e, saltando por cima de quinze séculos, recorda um bispo francês, Mons. de Montal, que teria falado da realidade das vidas sucessivas numa carta pastoral publicada em 1842. A passagem de S. Gregório de Nissa não recebe nenhuma indicação de fonte. Do texto de Orígenes diz que é tirado do *De Princípiis*, sem indicar nem capítulo, nem edição, nem página. De forma que se torna difícil nosso controle.

O Sr. Mário Cavalcanti de Melo, depois de pontificar que, "por mais longe que possamos sondar o passado, aí encontraremos o princípio das reencarnações como base de fé" (tese que já demonstramos ser criticamente insustentável), num agrupamento imperdoável de nomes, sem ordem cronológica nem lógica, propõe mais a seguinte tese: "Os Caldeus, os Hebreus, Jesus Cristo, e os primeiros cristãos, os Evangelhos, os filósofos gregos, Pitágoras, Esopo, Platão, Aristóteles (sic!), os Pais da Igreja, Orígenes, Clemente de Alexandria a tinham escrito como postulado fundamental da religião do universo. Saiu fora de forma, apenas, o Catolicismo que, para assegurar à Igreja a dominação, substituiu a palingenésia por uma vida única, acrescida da legenda do céu e do inferno para coroamento. Isto se deu no ano de 533, no

---

1) Campos Vergal, *Reencarnação ou Pluralidade das Existências*, São Paulo 1936, p. 41.

concílio realizado em Constantinopla. Foi nesta data que a Igreja cometeu essa imprudência"[2]. Mais adiante, na p. 216, cita e endossa um passo da teosofista A. Besant, em que se diz o seguinte: "Foi em vão que a Igreja romana tentou apagá-la (isto é: a verdade da reencarnação) do espírito dos fiéis, pois se conservou em várias seitas, voltando a surgir depois de Orígenes e Boaventura, seus advogados na Idade Média".

Estamos aí diante de muita afirmação e incrível mistifório. O que aí se diz dos filósofos gregos, dos hebreus, de Jesus Cristo e dos Evangelhos, foi reexaminado criticamente nos dois capítulos precedentes. Já sabe o leitor o que deve reter como verdadeiro e o que há aí de exagerado, de falso e mesmo de mistificado. No presente capítulo interessa-nos estudar o que nosso reencarnacionista afirma a respeito da Igreja primitiva, dos Pais da Igreja, de Orígenes, de Clemente de Alexandria, do infortunado concílio de Constantinopla em 533 e do tal Boaventura. Que Orígenes e Boaventura tenham sido os advogados da palingenésia na Idade Média, seja apenas anotado aqui a título de curiosidade histórica: Orígenes na Idade Média! Por "Boaventura" deve provàvelmente entender-se o grande franciscano São Boaventura de Balneorégio, falecido em 1274 e posteriormente declarado Doutor da Igreja. E' supérfluo lembrar que, de nenhum destes mencionados autores, é citado ao menos um texto, nem se indica uma obra ou algum escrito deles, que nos facilitasse o controle crítico. Em que página dos dez grandes tomos in-folio de S. Boaventura defenderia ele a reencarnação? Impossível saber também até que limite devem ser entendidas as duas afirmações genéricas a respeito da "Igreja primitiva" e dos "Pais da Igreja": será reencarnacionista toda a "Igreja primitiva"? serão todos os "Pais da Igreja" defensores da palingenésia? Para impressionar mais ainda seus leitores, o Sr. Cavalcanti de Melo chega ao auge da generalização, dizendo na p. 218 s. que "não houve, sequer, um só dos missionários do nosso mundo que não pontificasse, com a certeza da fé que nos dá o raciocínio, a doutrina da pluralidade das existências".

Já Leão Denis é mais modesto e também mais concreto. Ele insiste por duas vezes no argumento patrístico[3]. Em vez

2) M. Cavalcanti de Melo, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953. p. 202 s.

3) L. Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., pp. 83-87; *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., pp. 289-292.

de generalizar e dizer simplesmente "a Igreja primitiva" ou "os Pais da Igreja", ele é mais comedido e sustenta que "entre os padres da Igreja muitos participavam dessas opiniões"[4] e menciona: Orígenes, Tertuliano, São Jerônimo, S. Agostinho, São Clemente de Alexandria, São Gregório de Nissa e mais, passando também por cima de quinze séculos, o Bispo Montal. E' só. De Orígenes cita o *De Princípiis*, livro 1º[5]; de Tertuliano traz um texto do *Apologética*, sem outras indicações; de S. Jerônimo, só afirma, nada comprova; de S. Agostinho lembra as *Confissões*, sem ulterior indicação de livro ou capítulo; de S. Clemente de Alexandria não alega nenhum texto, mas indica o seguinte: *Stromat.* Liv. VIII, Oxford, 1715; de São Gregório de Nissa traz um texto do *Grande Discurso Catequético*[6]; o bispo Montal teria escrito: "Visto não ser proibido acreditar na preexistência das almas, quem saberá o que em épocas vindouras virá a suceder entre as inteligências?".

E' o que os advogados das vidas sucessivas alegam em seu favor.

Passemos agora a examinar o valor do argumento patrístico.

**Algumas observações gerais.** — A simples análise das afirmações dos reencarnacionistas revela superficialidade, falta de precisão e total ausência de rigor científico no método empregado. Abundam alegações não comprovadas e conclusões generalizadas. Querem impressionar com longa série de nomes. Mas, olhando bem, não custará verificar que a "Igreja primitiva" do Sr. Campos Vergal, os "pais da Igreja" do Sr. Cavalcanti de Melo e os "muitos entre os Padres da Igreja" de Leão Denis, se reduzem a seis nomes apenas. Note, porém, o leitor, desde já, que o total da literatura patrística, grega e latina, não se limita a estes seis nomes: só na grande edição feita no século passado por Migne, por exemplo, há 382 grossos volumes. Depois desta edição foram descobertos e editados ainda muitos outros livros, como, por exemplo, na grandiosa coleção *Monumenta Germaniae Historica*, no *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, na

---

4) L. Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., p. 83.

5) As palavras de Orígenes, citadas por L. Denis, são apenas estas: "A justiça do Criador deve patentear-se em todas as coisas".

6) O texto citado de S. Gregório é claramente em favor da reencarnação; é o seguinte (assim como foi lembrado por Denis): "A alma imortal deve ser melhorada e purificada; se ela não o foi na existência terrestre, o aperfeiçoamento se opera nas vidas futuras e subsequentes".

*Bibliotheca Orientalis* e, agora, no novíssimo *Corpus Christianorum*, do qual já foram publicados alguns volumes e que publicará, só na série latina, 175 volumes de 600-800 páginas, contendo ao todo 2348 obras. São, pois, milhares de livros, tratados, opúsculos, cartas e outros documentos epigráficos, de centenas e centenas de autores antigos, em que os estudiosos poderão verificar qual era, de fato, a doutrina de fé na Igreja primitiva. Os livros estão aí, à disposição de todos. A biblioteca deste nosso Convento Franciscano de Petrópolis possui todas as mencionadas coleções. Dizer que a Igreja esconde as fontes, para que não possam ser investigadas, não passa de vil calúnia. No entanto, é essa uma versão muito comum nos meios reencarnacionistas. Dizem que o Cristianismo primitivo era uma perfeita comunidade espírita, com crença explícita nas vidas sucessivas; e que só mais tarde a Igreja introduziu a idéia do inferno, do demônio e outras histórias semelhantes, para poder dominar melhor sobre as consciências[7]. Eis o que a este respeito escreve Leão Denis[8]:

Depois de apresentar a Igreja primitiva como comunidade perfeitamente espírita e feliz, continua Leão Denis: "Essa comunhão pouco durou. As paixões terrenas, as ambições, o egoísmo, bem cedo a destruíram. A política se introduziu no sacerdócio. Os bispos, de humildes adeptos, de modestos vigilantes que eram a princípio, tornaram-se poderosos e autoritários. Constituiu-se a teocracia; a esta pareceu de interesse colocar a luz debaixo do alqueire e a luz se extinguiu. O pensamento profundo desapareceu. Só ficaram os símbolos materiais. Essa obscuridade tornava mais fácil governar as multidões. Preferiram deixar as massas mergulhadas na ignorância, a elevá-las às eminências intelectuais. Os mistérios cristãos cessaram de ser explicados aos membros da Igreja. Foram mesmo perseguidos como hereges os pensadores, os investigadores sinceros, que se esforçavam por adquirir novamente as verdades perdidas. Fez-se a noite cada vez mais espessa sobre o mundo, depois da dissolução do Império Romano. A crença em Satanás e no inferno adquiriu lugar preponderante na fé cristã. Em vez da religião do amor pregada por Jesus, o que prevaleceu foi a religião do terror". E depois: "Velou-se o ideal divino; o culto se tornou material. Para impressionar a imaginação das multidões, voltou-se às práticas idolátricas, próprias das primeiras épocas da Humanidade. A fim de dominar essas almas e as dirigir pelo temor ou pela esperança, estranhos dogmas foram combina-

7) Leia-se, por exemplo, o que publica o *Mundo Espírita* de Curitiba, em seu número de 28 de Fevereiro de 1955, na apreciação sobre o livro *A Reencarnação e suas Provas*.

8) Em *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., p. 40 s.

dos. Não se tratou mais de realizar no mundo o reino de Deus e de sua justiça, que fora o ideal dos primeiros cristãos". E neste estilo continua em suas acusações. Mais adiante, na p. 112, diz: "Fez-se a obscuridade no santuário. Não há um único bispo que pareça conhecer, acerca das condições da vida de além-túmulo, o que sabia o menor iniciado dos antigos tempos, o diácono mais humilde da primitiva Igreja". Etc.

As calúnias, as aleivosias, as mentiras e as generalizações são evidentes e irritantes. E' preciso ser muito ignorante em questões de história ou inqualificàvelmente mau e perverso, para reduzir a isso o Cristianismo através dos séculos. E Leão Denis, note-se, ele "só quer falar do Catolicismo com moderação"[9]...

No fundo, pois, o grande crime da Igreja se resumiria nisso: para poder dominar melhor sobre as consciências, ela jamais quis admitir a filosofia da reencarnação; porquanto, se consentisse na teoria da pluralidade das vidas terrestres, do progresso contínuo depois da morte, da conquista da perfeição por méritos e esforços pessoais, cairiam por terra seus dogmas e suas práticas: com a negação do demônio e do inferno, ela perderia o freio que lhe permite governar com ameaças e terrores; com a negação da redenção por Cristo e da consequente economia de distribuição das graças divinas, ela perderia o sacerdócio e toda a hierarquia, os sacramentos e sua administração. Em suma e por tudo: A aceitação da palingenésia significaria a derrocada total e completa da Igreja e de suas instituições. E' esta a razão mais profunda, dizem os reencarnacionistas, por que a Igreja se opõe tão tenazmente à doutrina das vidas sucessivas. E é este também o motivo porque inventou o dogma do inferno, do demônio, do céu, do pecado original, da redenção, do batismo, etc.

Crassa ignorância ou perversa malícia dos que assim falam ou escrevem. Não é este o lugar para elaborar uma apologia da história e das doutrinas do Cristianismo. Outros já tomaram a si a defesa contra tão injustos ataques[10]. Nem é este o lugar para mostrar que a doutrina do inferno, do demônio, do céu, dos anjos, do pecado original, da redenção, da graça divina, do batismo e dos demais sacramentos e meios de santificação têm seu fundamento inabalável não em alguma invenção humana, mas na própria mensagem de Nosso Senhor e Deus. No capítulo em que analisamos o ar-

---

9) L. Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., p. 77.

10) Recomendamos particularmente a obra de Mons. Dr. Emílio José Salim, *Ciência e Religião* (dois volumes), Editora Vozes (Caixa Postal 23), Petrópolis, R. J.

gumento cristão já vimos alguns desses elementos claramente ensinados por Jesus. Na nossa *Resposta aos Espíritas* detivemo-nos em outros, respondendo às principais dificuldades levantadas pelos reencarnacionistas.

O Evangelho de S. Mateus fecha com esta ordem solenissima que Jesus dirigiu aos Apóstolos: "A mim me foi dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo *e ensinando-os a observar tudo o que eu vos tenho mandado*. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28, 18 20). A missão dos Apóstolos é a mesma missão de Cristo: "Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio" (Jo 20, 21). E mais: "Quem vos ouve a mim me ouve; quem vos despreza a mim me despreza; mas quem me despreza, despreza aquele que me enviou" (Lc 10, 16). E: "Se alguém não ouvir a Igreja, seja para vós um pagão e um publicano" (Mt 18, 17). Como a missão de Cristo não acabou com sua morte, mas continuou nos Apóstolos, assim também não terminou com os Apóstolos o solene encargo que haviam recebido: estendeu-se aos seus sucessores a mesma incumbência sagrada de prolongar através dos séculos a obra de Cristo: "Eis que estou convosco todos os dias, *até a consumação dos séculos*". Para isso os Apóstolos (e seus sucessores) receberiam "a virtude do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1, 8). Munidos por esta misteriosa força do Cristianismo, eles percorreram o mundo e anunciaram por toda a parte o Evangelho de Cristo. Os *Atos dos Apóstolos*, as epístolas apostólicas, a literatura posapostólica, do fim do primeiro século, do segundo século e daí por diante, tudo isso aí está, à disposição dos que queiram investigar sinceramente o que a Igreja primitiva e a posterior, sempre assistida pela "virtude do Espírito Santo", creram e ensinaram. E aí encontrarão, desde o início, aqueles mesmos princípios doutrinários frontalmente opostos aos postulados reencarnacionistas e que já assinalamos no capítulo anterior: unicidade da vida terrestre, redenção dos homens pela paixão e morte de Cristo, possibilidade de condenação definitiva ao inferno e vida eterna num corpo ressuscitado[11].

---

11) A natureza do presente estudo não nos permite desenvolver todos estes pontos na patristica. Mas já existem interessantissimas investigações feitas a este respeito. Particularmente em relação ao interno, que os reencarnacionistas querem ver apenas numa literatura muito

Essas considerações gerais sobre a literatura patrística, mais aquela fúria com que os reencarnacionistas investem contra a doutrina geral da Igreja, provam por si que o invocado argumento patrístico é inconsistente em si mesmo. Não obstante, passemos agora a examinar os nomes mais explorados por eles.

**Orígenes** (ca. 185-253). — Escreve Leão Denis: "De todos os Padres da Igreja, foi Orígenes que afirmou de modo mais positivo, em numerosas passagens dos seus *Princípios* (livro 1°), a reencarnação ou renascimento das almas"[12].

Orígenes ensinou, de fato, em sua obra *Peri Archon* (De Principiis, "sobre os princípios") a doutrina da preexistência das almas, tendo-a, todavia, apresentado com bastantes reservas[13]. Segundo ele, todos os espíritos foram criados desde toda a eternidade e iguais em perfeição inicial. Ele pensa ainda que muitos destes espíritos abusaram de sua liberdade e pecaram. E este pecado, diz ele, teria sido para Deus a ocasião de criar um mundo material, a fim de servir de lugar de castigo e purificação. Conforme o pecado cometido, cada espírito devia tomar, em castigo, um corpo mais ou menos grosseiro. Os que não se purificaram suficientemente nesta vida, deverão continuá-la depois da morte "num lugar de fogo". Mas no fim, todos os seres seriam reintegrados na suprema felicidade com Deus. E' a famosíssima doutrina da *apokatástasis ton pánton*. Negou, portanto, também a eternidade do inferno.

E' esta, em suas linhas gerais, a doutrina antropológica, soteriológica e escatológica de Orígenes. Em dois pontos sua doutrina se identifica com a filosofia reencarnacionista de Allan Kardec: em afirmar a preexistência da alma e em negar a eternidade do inferno. Porém, a falar com rigor, nem uma nem outra e nem as duas juntas envolvem necessàriamente a doutrina da palingenésia. Pois, contestar a eternidade do inferno não implica uma pluralidade de vidas, e afirmar a preexistência da alma pode significar simplesmente que as almas, antes de se unirem com um corpo, viviam uma vida puramente espiritual. Mas para a doutrina reencarnacionista é imprescindível dizer que as almas devem tor-

---

posterior, lembramos o excelente ensaio do patrólogo Gustave Bardey: *I Padri della Chiesa di fronte ai Problemi posti dall'Inferno*, publicado na coletânea de estudos sob o título *L'Inferno* (Morcelliana, Brescia 1953).

12) Leão Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed., p. 290.

13) Leia-se o texto todo na Patrologia Grega de Migne, tom. XI, col. 224.

nar a viver em sempre novas vidas corpóreas ou aqui sobre a terra, ou em outros mundos materiais. Há, pois, diferença essencial entre a teoria da reencarnação e a doutrina da preexistência das almas ou a negação da eternidade do inferno.

Aliás, contra um certo Basílides, que pretendera deduzir a idéia da reencarnação das palavras de São Paulo ("vivi outrora sem lei..."), Orígenes terá oportunidade de pronunciar-se explicitamente sobre o problema da pluralidade das vidas terrestres, que ele, então, vai qualificar como "fábulas ineptas e impias"[14], manifestando-se, por conseguinte, diretamente contra a metensomatose de certos filósofos de seu tempo.

Todavia, mesmo a afirmação da preexistência das almas e a negação da eternidade do inferno, encontraram pronta reação no tempo do notável alexandrino. Ainda trezentos anos depois, em 543, o Papa Virgílio aprovou a condenação da doutrina da preexistência das almas e da reconciliação de todos os seres. Esta condenação fora promovida pelos patriarcas Efrém de Antióquia e Pedro de Jerusalém e publicada pelo imperador Justiniano I, de Constantinopla[15]. Quando o Sr. M. Cavalcanti de Melo acusa a Igreja de ter substituído a palingenésia por uma vida única, acrescida da lenda do céu e do inferno, e isso no ano de 533, num concílio realizado em Constantinopla[16], pensamos que ele queria referir-se provàvelmente a esta condenação de Orígenes (feita em 543), pois em 533 não houve nenhum concílio na mencionada cidade; houve um, sim, em 553, mas lemos e relemos as atas deste concílio e não pudemos encontrar absoluta-

---

14) *In Epist, ad Romanos*, V, PG 14, 1015: "... Sed haec Basilides non adverten de lege naturali debere intelligi, ad ineptas et impias fabulas sermonem apostolicum traxit et in *metasomatoscos* dogma, id est, quod animae in alia atque alia corpora transfundantur, ex hoc Apostolico dicto conatur astruere". Veja também *In Evang. Joan.* V, PG 14, 220.

15) O texto exato da condenação é este:

*Cân. 1:* Si quis dicit aut sentit, *praeexistere hominum animas*, utpote quae antea mentes fuerint et sanctae virtutes, satietatemque cepisse divinae contemplationis, et in deterius conversas esse, atque idcirco refrixisse a Dei caritate, et inde *psychás*, graece, id est, animas esse nuncupatas, demissasque esse in corpora supplicii causa: anathema sit.

*Cân. 9:* Si quis dicit aut sentit, ad tempus esse daemonum et impiorum hominum supplicium, eiusque finem aliquando futurum, sive restitutionem et redintegrationem fore daemonum aut impiorum hominum: anathema sit.

16) Já citamos o texto; ele se encontra em *A Reencarnação e suas Provas* (Curitiba 1953), p. 202 s.

mente nenhum pronunciamento a respeito destas questões escatológicas: só foram ventilados assuntos trinitários e cristológicos.

**Clemente de Alexandria** (ca. 150-215). — Inevitàvelmente este ilustre mestre de Orígenes torna a figurar entre os defensores das vidas sucessivas. No entanto, não lhe citam uma só passagem decisiva. E' verdade que Clemente de Alexandria falou da reencarnação, mas apenas para dizer que ela é uma doutrina "arbitrária", porque não se baseia nem nas sugestões de nossa consciência[17], nem na fé católica: pois, diz ele, nunca é a Igreja quem a professa e sim apenas os hereges e mais especialmente Basílides e os Marcionitas[18]. Assim falava um insigne representante da cultura cristã, que não era nem bispo nem padre, no fim do segundo século! Filho de família pagã, nascido em Atenas, pelo ano de 150. Convertido ao Cristianismo, empreendeu longas viagens pela Grécia Magna, Síria, Palestina e pelo Egito, sempre estudando e procurando, como cristão, porfiar com o paganismo no campo das ciências e da literatura.

**Tertuliano** (160-220), também citado como partidário da pluralidade das existências, persegue a teoria da reencarnação com aquela paixão que lhe é peculiar[19]. Pitágoras, diz ele, que pretende lembrar-se tão bem das existências precedentes, mentiu de modo torpe e temerário[20]. Afirmava ter tomado parte na guerra de Tróia: e como explicar então que ele, depois, se tenha mostrado tão pouco valente? Pois não fugiu da guerra até a Itália? E se foi, como ele afirma, o pescador Pirro em vida anterior, como se lhe justificaria a aversão pelo peixe?[21]. E Empédocles? Não pretendeu ter sido peixe

---

17) S. Clemente de Alexandria, *Eclogae ex Scripturis Propheticis*, XVII. PG 9, 705: "Deus quidem nos creavit, cum prius non essemus. Oportuit enim et nos scire ubi eramus, si modo prius fuissemus; et quomodo et quam ob causam hunc in mundum venerimus".

18) S. Clemente de Alexandria. *Excerpta ex scriptis Theodoti*, XXVII. PG 9, 674; *Stromatum*, lib. III, c. 3, PG 8, 1114 s; lib. IV, c. 12, PG 8, 1290 s. Cf. P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos*, S Paulo 1946, p. 47 s.

19) C. P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos*, S. Paulo 1946, p. 46. Estes textos, como os demais que adiante citaremos, nós os pedimos ao ilustre jesuíta, que fez um interessante estudo sobre a idéia da reencarnação na patrística.

20) Tertuliano, *Liber de Anima* 28, PL 2, 740: "Pythagoras... non turpi modo, verum etiam temerario mendacio incubuit..."; depois: "Quomodo credam non mentiri Pythagoram, qui mentitur, ut credam".

21) Ibidem, c. 31. PL 2, 744: "Ecce enim Euphorbum militaren et bellicam animam satis constat vel de ipsa gloria clypeorum consecratorum. Pythagoram vero tam residem et imbellem, ut praelia tunc

numa existência anterior? Deve ser por isso que se atirou na cratera de um vulcão: com certeza quis ser frito[22]. E' tão absurda, escreve ele, a migração das almas para corpos de animais, que nem os próprios hereges ousaram defendê-la[23]. Mas, continua ele, nem no sentido em que alguns dentre eles apresentam a metensomatose, ela pode ser aceita: porquanto é contrária à justiça divina, a qual exige que a punição vá ferir o próprio corpo que cometeu o pecado e nenhum outro[24]. Além disso, recorda Tertuliano, a palingenésia é inconciliável com a doutrina cristã da ressurreição, que exige a volta da alma ao próprio corpo de que se separou no momento da morte[25].

**S. Gregório de Nissa** (m. em 394), simpatizou, de fato, com as idéias de Orígenes. Mas já vimos que estes conceitos não se identificam sem mais com a reencarnação. E assim como o alexandrino se pronunciou decididamente contra a pluralidade das existências, assim também o insigne capadócio sustenta que a "fábula"[26] da reencarnação é uma doutrina que ofende o gênero humano[27], porque não leva em conta a dignidade do homem.

**S. Jerônimo** (ca. 346-420) seria outro reencarnacionista entre os Santos Padres. Mas nenhuma passagem é citada. Nem mesmo é imaginável, na obra do grande dálmata, intré-

---

Graeciae vitans, Italiae maluerit quietem... alienus studio et affectu Euphorbi. Sed et Pyrrhus ille fallendis piscibus agebat; Pythagoras contra nec edendis, ut animalibus abstinens..." Sabe-se que Pitágoras nunca comia peixe.

22) Ibidem, c. 32, PL 2, 745: "Sed et Empedocles, quia se deum delirarat, idcirco, opinor, dedignatus aliquem se heroem recordari: Thamus et piscis fui, inquit, cur non magis et pepo, tam insulsus, et chamaeleon, tam inflatus? Plane ut piscis, ne aliqua sepultura conditiore putesceret, assum se maluit, in Aethnam praecipitando. Atque exinde in illo finita sit metensomatosis, ut aestiva coena post assum".

23) Ibidem, c. 34, PL 2, 751: "Nulla quidem in hodiernum dementiae huiusmodi sententia erupit sub nomine haeretico, quae humanas animas refingat in bestias".

24) Ibidem, c. 35, PL 2, 710.

25) Tertuliano, *De Ressurrectione Carnis*, c. 1, PL 2, 841.

26) S. Gregório de Nissa, *De Hominis Opificio*, c. 28, PG 44, 232: "... qui fabulas quasdam de animorum ex aliis in alia corpora migrationibus commenti sunt.. Profecto enim ranarum graculorumque more garriebat, consentaneamque brutae piscium naturae et quercuum sensus expertium doctrinam proferebat, qui unum eumdemque animum in res adeo multas ("virum... feminam... avem... arbustum... piscem...") immigrasse diceret. Est autem absurdae huius opinionis haec causa, quod ante corpora existere animos credebant".

27) Ibidem; "Nam nonnulli quidem rem communicando contumelia afficiunt, ac dehonestant humanum genus, eamdem animam censentes invicem tum hominis tum ratione carentis ac bruti fieri animalis, alia post alia subinde corpora induentium..."

pido defensor da ortodoxia cristã, uma filosofia que negasse a nossa redenção por Cristo e sustentasse que, cada um, através de iteradas vidas difíceis, deveria redimir-se a si mesmo. Nem a tanto chegaram os palagianos, no tempo de Jerônimo e de seu amigo da África, Agostinho de Hipona, e já o rijo asceta de Belém se levantava contra eles. Mas sabemos de uma passagem, em que ele falou da metempsicose. E' no comentário ao Evangelho de S. Mateus, precisamente no capítulo explorado pelos modernos reencarnacionistas, em que João é chamado Elias. E Jerônimo comenta: João é Elias não no sentido "de alguns filósofos estúpidos e de certos hereges, que defendem a metempsicose", mas no sentido de se apresentar na virtude e no espírito de Elias[28].

**S. Agostinho** (354-430). E' o último dos seis nomes da patrística, invocados pelos reencarnacionistas. Afirma Allan Kardec que "S. Agostinho é um dos maiores vulgarizadores do Espiritismo"[29]. Justamente Santo Agostinho! O Doutor que, contra os pelagianos, mais defendeu a graça, o pecado original e a redenção. Ele seria reencarnacionista: dos maiores vulgarizadores do Espiritismo... Com efeito, o Bispo de Hipona fala das vidas sucessivas. Ele conhece exatamente as teorias de Platão, Plotino e Porfírio. E escreve: "Se pensamos ser indigno corrigir o pensamento de Platão, por que então Porfírio modificou sua doutrina em mais de um ponto e que são de não poucas consequências? E' certíssimo que Platão ensinou que as almas dos homens retornam até mesmo para animar corpos de animais. Esta opinião foi também adotada por Plotino, mestre de Porfírio. Mas não lhe agradou, e com muita razão. E' verdade que Porfírio admitiu que as almas entram em sempre novos corpos. Pois ele sentia vergonha em admitir que sua mãe pudesse algum dia carregar às costas o filho, se lhe acontecesse reencarnar no corpo de uma mula; mas não tinha vergonha de acreditar que a mãe pudesse transformar-se numa jovem e desposar o seu próprio filho! Oh! quanto mais nobre é a fé que os santos e verazes Anjos ensinaram, fé que os Profetas dirigidos pelo espírito de Deus anunciaram, fé que os Apóstolos anunciaram por todo o orbe. Quanto mais nobre é crer que

---

28) S. Jerônimo, *In Ev. Matthaei,* lib. II, cã 11, PL 26, 74: "Elias ergo Joannes dicitur non secundum stultos philosophos et quosdam haereticos, qui metempsychosim introducunt: sed quod iuxta aliud testimonium Evangelii venerit in spiritu et virtute Eliae, eamdem sancti Spiritus vel gratiam habuerit vel mensuram".

29) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo,* 39ª ed., p. 48.

as almas voltam uma só vez aos seus próprios corpos (no momento da ressurreição final), a admitir que elas retornam tantas vezes para sempre nòvos corpos"[30].

Uns capítulos adiante, no mesmo livro, S. Agostinho expõe a teoria de Orígenes e exclama: "Estou muitíssimo admirado que um homem tão douto e versado nas doutrinas da Igreja não tivesse percebido quanto tudo isso é contrário à Sagrada Escritura"[31].

São estes os seis autores da patrística geralmente apresentados pelos advogados da palingenésia como favoráveis às vidas sucessivas. E verificamos que não só nenhum deles é decididamente a favor da reencarnação, mas todos eles falam até explicitamente contra. E assim poderíamos recordar uma longa lista dos nomes mais eminentes e representativos da Igreja primitiva rejeitando formalmente a filosofia da pluralidade das nossas existências terrestres. Eis alguns exemplos:

**S. Hipólito,** do século segundo, caracteriza bem a atitude da Igreja primitiva quando escreve que os cristãos não esperam a "ensomatosis" (reencarnação) e sim a ressurreição do seu próprio corpo[32].

**Minucius Felix,** o primeiro dos cristãos do ocidente a escrever em latim, também do século segundo, sustenta que a idéia da reencarnação não passa de miserável corruptela do dogma da imortalidade da alma[33].

---

30) Queremos oferecer também este texto no original, ele está no cap. 30 do décimo livro do *De Civitate Dei* (PL 41, 109 s). Eis o que escreve "o maior vulgarizador do Espiritismo: "Si post Platonem aliquid emendare existimatur indignum, cur ipse Porphyrius nonnulla et non parva emendavit? Nam Platonem animas hominum post mortem revolvi usque ad corpora bestiarum, scripsisse certissimum est. Hanc sententiam Porphyrii doctor tenuit et Plotinus: Porphyrio tamen iure displicuit. In hominum sane, non sua quae demiserant, sed alia nova corpora redire humanas animas arbitratus est. Puduit scilicet illud credere, ne mater fortasse filium in mulam revoluta vectaret: et non puduit hoc credere, ubi revoluta mater in puellam filium forsitan nuberet. Quanto creditur honestius quod sancti et veraces angeli docuerunt, quod prophetae Dei Spiritu acti locuti sunt, quod ipse quem venturum Salvatorem praemissi nuntii praedixerunt, quod missi apostoli qui orbem terrarum Evangelio repleverunt? Quanto, inquam, honestius creditur, reverti semel animas ad corpora propria, quam reverti toties ad diversa?"

31) S. Agostinho, *De Civitate Dei*, XI, 23, PL 41, 336: "Ubi plus quam dici potest, miror hominem in ecclesiasticis litteris tam doctum et exercitatum, non attendisse primum quam hoc esset contrarium Scripturae huius tantae auctoritatis intentioni..."

32) Cf. d'Alès, *La Théologie de Saint Hippolyte*, p. 194, nota 2.

33) Minucius Felix, *Octavius*, c. 34, PL 3, 361.

**S. Irineu** (m. em 202) combate a metensomatose em nome da ciência e da fé cristã, porquanto, diz ele, a nossa memória não nos dá nem vestígio de recordações das vidas passadas[34] e a fé cristã na ressurreição não permite reencarnações em novos corpos[35].

**S. Justino,** o mais insigne de todos os apologetas do segundo século, estudou detidamente as idéias de Pitágoras e Platão e em sua *Apologia,* como também no *Diálogo com o judeu Trifão* condena nitidamente a doutrina das vidas sucessivas.

E assim por diante. Para S. Gregório de Nazianzo (ca. 362-389) a metensomatose não passa de divagação das "pessoas estúpidas"[36]. S. Basílio Magno (330-379) não vê nisso mais do que "delírios de filósofos"[37]. O grande S. João Crisóstomo (354-407) pensa que, de todas as teorias, é esta "a mais ignóbil"[38]. Para S. Cirilo é um "absurdo"[39]. S. Ambrósio (339-397) sustenta que ela está em contradição com a ordem natural do mundo e a ordem sobrenatural da graça[40].

* * *

**Conclusão:** Não há argumento patrístico, como não há argumento cristão, que prove a realidade das vidas sucessivas do homem sobre a terra. O que há, e em notável superabundância, é exatamente o oposto: doutrinas, declarações, testemunhas que se opõem frontalmente às fantasias reencarnacionistas de Allan Kardec e seus seguidores.

---

34) S. Irineu, *Contra Haereses,* II, 23, PG 7, 830 s.
35) Ibidem, II, 33, PG 7, 833.
36) S. Gregório de Naz., *Carmen VIII,* v. 32, PG 37, 449.
37) S. Basílio, *Homilia VIII in Hexam.,* 2, PG 29, 167.
38) S. João Crisóstomo, *In Ioannem Hom.* II, PG 59, 31.
39) S. Cirilo, *In Ioannis Evang.* I, 17, PG 73, 142.
40) S. Ambrósio, *De Excessu Fratris sui Satyri,* II, n. 130, PL 16, 1412: "Non patitur hoc natura et si pateretur natura, non pateretur gratia".

## VI. O ARGUMENTO DOS FATOS PSICOLÓGICOS.

**Vejamos os Fatos.** — Até agora verificamos o seguinte: Nem as comunicações dos "espíritos", nem o testemunho dos povos, nem a convicção da antiguidade, nem o ensino de Cristo, nem a pregação dos Apóstolos, nem a fé dos primeiros cristãos, nem os escritos dos Santos Padres nos forçam a aceitar a teoria das sucessivas vidas corpóreas. Quanto à doutrina de Cristo e à fé do cristianismo primitivo, temos até com evidência o contrário.

Mas os reencarnacionistas são tenazes, não se dão fàcilmente por vencidos. Apresentam-nos, colhidos dos "anais do psiquismo", inúmeros fatos que, como eles propalam, provariam com toda a evidência a realidade das nossas sucessivas encarnações. E contra fatos não há argumentos. Calem-se, pois, os cristãos que não suportam ouvir falar em palingenésia; cale-se o próprio Cristo com suas ímpias mensagens sobre o inferno, o demônio, a ressurreição e a redenção mecânica dos homens por sua paixão e morte; envergonhem-se os filósofos e pensadores que ainda continuam tão distantes da filosofia metensomatósica: pois, contra todos eles os partidários e advogados da pluralidade das vidas apresentarão não argumentos, mas *fatos*. E eis os principais:

1) A *restituição da lembrança das vidas passadas*: Albert de Rochas e outros conseguiram provocar a recordação de várias encarnações anteriores por meio de sonos hipnóticos. Pode-se, portanto, demonstrar experimentalmente a existência de outras vidas terrestres no mesmo indivíduo.

2) Os *gênios*: só podem ser o resultado de longa evolução anterior, portanto de muitas existências já vividas por eles mesmos.

3) As *crianças prodigiosas*, que, sem experiência e instrução na vida atual, conhecem matemática, música, etc., fato que seria explicável ùnicamente pela reencarnação.

4) As *reminiscências*: a facilidade com que certas pessoas aprendem, provaria que elas estão apenas acordando "recordações" de coisas já conhecidas em vidas anteriores.

5) As *recordações de certas* crianças, ainda pequeninas e sem nenhuma experiência e que, não obstante, contam por vezes histórias repletas de dramática animação, só são inteligíveis, dizem, se admitimos que elas falam de experiências anteriores à encarnação atual.

6) Os *iniciados*: Pitágoras, Empédocles, Buda, Blavatsky e outros que, em estado de vigília, em plena posse de suas faculdades, se lembravam perfeitamente das vidas anteriores.

7) As *semelhanças*: duas pessoas, uma das quais nasceu algum tempo depois da morte da outra, são impressionantemente semelhantes entre si: prova de que se trata da mesma pessoa em diversas encarnações.

8) Os *sonhos*: certos sonhos seriam absolutamente inexplicáveis a não ser como recordações espontâneas daquilo que já vivemos em outras vidas corpóreas.

9) A *paremnésia*: encontro-me, pela primeira vez, em determinado lugar e, súbitamente, tenho o estranho sentimento de que "já vi" aquilo; o reencarnacionista mo esclarece fàcilmente: é que vi aquilo em outra encarnação!

10) As *tendências e inclinações*: certas pessoas, desde a infância, sentem forte inclinação para determinada profissão, arte ou ciência; é que, ensinam os reencarnacionistas, ela, em existência anterior, cultivou a música, o desenho, a matemática, a engenharia, etc.

11) As *simpatias* ou *antipatias*: acontece sentirmos viva simpatia ou antipatia por certas pessoas até então totalmente desconhecidas; os reencarnacionistas justificam isso com facilidade: éramos amigos ou inimigos em vidas anteriores!

12) Os *instintos*: gostamos de alguma coisa ou a repelimos "instintivamente": também isso seria prova de hábitos profundamente arraigados na nossa natureza e que só aos poucos, com a lenta evolução da nossa natureza, se firmaram em nós. Portanto: vidas anteriores!

São estes os principais fatos psicológicos que dão aos reencarnacionistas inefáveis satisfações intelectuais e abundantes oportunidades para elucubrações filosóficas sobre nossas pretéritas encarnações. Estamos em plena psicologia. Quem conhece ao menos um pouco da moderna psicologia científica e experimental, estudada hoje nas universidades do mundo inteiro, perceberá sem demora que os reencarnacionistas apresentam uma psicologia totalmente outra, muito menos complicada, é verdade, facílima mesmo, mas com todas as características das psicologias pròpriamente primitivas. A

afirmação fundamental dos reencarnacionistas diante de todos estes fatos se resume na seguinte tese: *Só a pluralidade das existências é capaz de explicar satisfatòriamente os mencionados fatos.* Tenhamos, pois, a paciência de acompanhá-los, passo por passo, também nestes argumentos.

E' evidente que uma investigação exaustiva e científica destes fatos nos levaria a elaborar um longo tratado de psicologia. Mas não é esta a finalidade da presente brochura. Nem somos nós os primeiros a examinar o assunto. Numerosíssimos psicólogos, das mais diversas correntes filosóficas e religiosas, já analisaram os mesmos fatos. Pois certos acontecimentos, como, por exemplo, o sono hipnótico, a paremnésia, a simpatia ou antipatia à primeira vista, o gênio, o menino-prodígio, o instinto, certas tendências inatas, etc., são interessantes em si e provocam a curiosidade da psicologia independentemente dos postulados reencarnacionistas. A moderna psicologia experimental não surgiu do Espiritismo, mas os fautores de metensomatose se aproveitaram apressadamente do material acumulado pelos psicólogos para explorá-lo em seu favor. A nós, para a nossa finalidade, basta-nos agora perguntar aos psicólogos se é mesmo verdade que aqueles fatos são compreensíveis únicamente pela teoria das reencarnações. Aliás, conhecidos psicólogos, como Palmés, Siwek, Poodt e outros, já se deram também ao trabalho de comparar os resultados da psicologia moderna com as primitivas explicações apregoadas pelos defensores da pluralidade das existências.

**1) As "Provas Experimentais" pelos Sonos Hipnóticos.** — O reencarnacionista Mário Cavalcanti de Melo resume o andamento destas demonstrações com as seguintes palavras: "Por meio de certos processos de hipnose, se faz remontar os pacientes às suas vidas anteriores, como veremos adiante, passando pelos estados transitórios no outro mundo, e desta forma obtêm-se os detalhes de todas as fases de suas existências passadas"[1]. O autor cita em seguida o exemplo do espírita espanhol Fernandes Colavida, comunicado em 1900 ao Congreso de Paris por M. Estevan Marata: "... Um dia, Colavida quis experimentar se podia provocar em um sonâmbulo a lembrança de suas existências passadas. Magnetizou o médium em alto grau e mandou que dissesse o que tinha feito na véspera, uma semana, um mês, um ano antes,

1) *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 225.

levando-o, assim, até a infância, que ele explicou com todos os pormenores. Encaminhando sempre o médium, contou ele sua vida no espaço, a morte de sua última encarnação e chegou a quatro gerações, de que a mais antiga era uma existência inteiramente selvagem. E' preciso notar que, em cada existência, os traços do médium se modificavam completamente. Para conduzi-lo ao estado habitual, o magnetizador fê-lo voltar até à existência presente, e o acordou"[2]. Isso já foi feito em 1887. Depois tornaram-se famosos principalmente as experiências de Albert de Rochas, no início deste século. Por meio de sonos hipnóticos ele teria conseguido reviver onze encarnações numa só pessoa!

Outros fatos semelhantes podem ser encontrados na abundante literatura reencarnacionista. Também Annie W. Besant e Leadbeater, teosofistas, relatam tais casos de "reencarnações comprovadas". Pois os partidários das vidas sucessivas consideram estas experiências como fatos probantes.

Mas serão provas de vidas *realmente vividas?*

Note-se, primeiramente, que, na história do hipnotismo, todas estas experiências são muito antigas. Quando as senhoras Blavatsky e Besant escreveram suas obras, o hipnotismo começava apenas. O mecanismo intrínseco do sono hipnótico era ainda desconhecido. Naquele tempo os autores depositavam grandes esperanças no hipnotismo, mas que posteriormente não foram confirmadas pelos fatos. Deu-se mesmo o contrário, principalmente a partir das investigações sistemáticas da escola de Nancy. Pois sabemos hoje que os indivíduos hipnotizados revivem as mais ridículas e mesmo impossíveis sugestões. Basta, por exemplo, sugerir-lhes que são crianças, e já se comportam como crianças, falam como crianças, imitam suas tagarelices e caprichos, tentam mesmo engatinhar, escrevem com letra de crianças, etc. Ou então sentem frio ou calor, procedem como reis ou soldados, sempre de acordo com o que lhes for sugerido. O interessante é que o próprio coronel de Rochas fez também experiências inversas, sugerindo que o médium havia envelhecido, tentando portanto colocá-lo numa situação que certamente não era real e, no entanto, também então se comportava como ancião![3]. Ora, esta experiência faz ao menos suspeitar que também as outras situações eram puramente imaginárias,

---

2) Ibidem, p. 226.
3) Veja-se sobre isso A. da Silva Mello, *Mistérios e Realidades deste e do outro Mundo*, 2ª ed., Rio (José Olímpio), 1950, p. 384.

sugeridas consciente ou inconscientemente pelo hipnotizador[4]. Não é necessário que a sugestão seja consciente.

Vale a pena lembrar uma página, interessantíssima para o nosso caso, do conhecido psicólogo Paulo Siwek. Eis suas palavras de advertência: "São de recear semelhantes sugestões, sobretudo em se tratando de sujeitos que no estado de vigília *já acreditam* nas reencarnações. E esta última consideração permite explicar um fato embaraçoso à primeira vista: os espíritos que se manifestam nas sessões dos adeptos da escola de Allan Kardec (Espiritismo Latino) afirmam com muita energia a verdade da reencarnação; mas não menos fortemente a negam os que aparecem nas reuniões dos espíritas anglo-saxões. Essa espécie de cisma (que, bem se compreende, sumamente incomoda os espíritas) explica-se com toda a naturalidade pelo simples fato de não virem na realidade os defuntos assistir às sessões espíritas: são os médiuns (isto é, pessoas postas no estado segundo) que falam em nome dos espíritos. Falam evidentemente segundo seu próprio pensar e segundo as sugestões que recebem do ambiente. E é por isso que o médium anglo-saxão nega a reencarnação, mui simplesmente porque o espiritismo anglo-saxão repele a reencarnação, ao passo que o médium latino afirma a reencarnação, porque o espiritismo latino a afirma. Quem conhecer a hipnose, não através de lendas ou de livros, e sim pràticamente, pela observação direta das experiências científicas, nenhuma importância dará aos depoimentos em favor da reencarnação que o coronel de Rochas obteve de seus clientes. Os mais esclarecidos partidários da reencarnação confessam-no hoje. "Em 1911, diz um deles, o coronel de Rochas publicou um livro ... no qual cita alguns fatos de reminiscência, provocados por meio da sugestão... Entretanto esses fatos nenhum valor convincente possuem, porque pode ter a sugestão produzido ilusões de acordo com o que esperava o hipnotizador"[5]... Contar-nos este ou aquele sujeito, hipnotizado por um partidário da reencarnação, pormenores de uma vida anterior, como se ela se lhe representasse na mente, e até tomar atitudes correspondentes à situação descrita, disso não devemos concluir que a memó-

---

4) Note-se que Albert de Rochas era espírita. Verdade é que o Sr. Carlos Imbassahy declara que "Albert de Rochas nunca foi espírita e muito menos reencarnacionista". (*A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 141). Mas isso é falso. Aliás, no mesmo livro, p. 217, o Coronel de Rochas figura no rol das pessoas ilustres "que defenderam a doutrina reencarnacionista"...

5) W. Lutoslawsky. *Preesistenza e Reincarnazione*, p. 47.

ria real dele está fazendo essa longinqua exploração e na verdade se esteja pondo ao par da vida nesses outros mundos, como desejam fazer crer certos adeptos dessa doutrina"[6]. E mais adiante, depois de outras interessantes considerações, Siwek conclui: "As experimentações realizadas pelo coronel de Rochas em sujeitos hipnotizados, fatos esses que com tanto gosto relembram os reencarnacionistas, por conseguinte, são inteiramente faltos de valor".

Para que os leitores percebam a facilidade com que a sugestão pode alterar a personalidade dos hipnotizados, vejam, por exemplo, o caso seguinte, experimentado pelo Professor Luys com a Sra. Ester. Estando ainda esta senhora em estado de vigília, o Professor lhe pediu explicar o que era a sugestão. Ester respondeu apenas que a sugestão consistia em dizer alguma coisa a alguém que dorme; mais não soube explicar, mesmo depois de um interrogatório bastante demorado. Em seguida ela foi hipnotizada e o Professor lhe ordenou: "Sois o Professor Luys e deveis agora dar a estes senhores um curso sobre a sugestão!" Ela tomou logo a personalidade do Dr. Luys e, com a mesma entoação de voz e os mesmos gestos, repetiu textualmente o curso que o Professor havia dado no ano anterior, ao qual Ester havia assistido não como estudante, mas como pessoa de experimentação. O Dr. Poodt, que relata este caso, acrescenta a seguinte consideração: Suponhamos que, depois da morte do Professor Luys, Ester se tivesse colocado por sugestão em um estado parecido e que tivesse dado de novo o curso do Professor com as entonações, os gestos, os termos precisos, etc., neste caso se poderia talvez crer que era o espírito de Luys que se havia encorporado na médium Ester. Da mesma maneira, explica Poodt, que os hipnotizadores criam por heterosugestão novas personalidades, assim também os médiuns, por autosugestão, podem criar outras personalidades. Mas, e isso é evidente, basta conhecer as leis do sono hipnótico, essas novas personalidades são simples e puríssimas criações da fantasia subconsciente do médium. No tempo de Allan Kardec (+ 1869) a psicologia, então incipiente, ainda não conhecia as leis do subconsciente, do sonambulismo, do sono hipnótico e da força das sugestões, e assim se compreende que ele tentasse explicar tais fenômenos pela inter-

6) Paulo Siwek, S. J., *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1954, p. 224 s.

venção direta dos espíritos desencarnados. Hoje, porém, em vista dos resultados seguros da moderna psicologia experimental, semelhantes explicações manifestam uma mentalidade primitiva e atrasada, que poderá provocar apenas um indulgente sorriso nos lábios dos psicólogos.

**2) Os Gênios.** — E' inegável o fato de existirem homens excepcionalmente inteligentes. Sustentam os reencarnacionistas ser a alma do gênio mais evoluida que os espíritos dos homens comuns, o que é para eles prova manifesta de ter passado por numerosas vidas anteriores, nas quais se aperfeiçoou e evoluiu. E a fim de patenteá-lo, costumam recordar geralmente o seguinte princípio filosófico: que Deus não pode criar almas desiguais, mas que todas tiveram um início exatamente idêntico. Nesta lei da igualdade inicial de todos insistem muito[7]. Para pôr em evidência a singularidade do gênio, os reencarnacionistas lembram que o homem genial "não tem pai nem mãe nem posteridade da sua própria espécie": ele aparece de súbito, sem ascendência nem descendência genial.

Que dizer a isso?

A psicologia moderna não deixou de se interessar pelo caso singular dos gênios. E o psicólogo Paulo Siwek já deu convincente resposta aos partidários da palingenésia. As afirmações dos reencarnacionistas, diz ele, "estão longe de ser tão evidentes quanto no-lo querem fazer acreditar". Ele lembra em seguida que será muito difícil provar que o gênio aparece de fato tão súbita e isoladamente como os defensores da preexistência das almas gostariam que fosse. Pois, observa Siwek, como poderão eles provar que certos gênios não herdaram suas felizes disposições psíquicas dos próprios pais, quando estes eram pobres ou simples operários que, embora, talvez, fossem gênios, jamais tiveram oportunidades de manifestar sua genialidade? E como poderão os reencarnacionistas demonstrar experimentalmente que o gênio jamais transmite ou até que nem pode transmitir suas qualidades aos filhos? Pois sabemos pela biologia que a personalidade psíquica não depende apenas do pai, mas também da mãe. E, além disso, bom número de homens verdadeiramente geniais permaneceram solteiros a vida toda! Santo Anselmo, São Boaventura, Santo Tomás de Aquino, Duns

---

7) Trataremos desta lei no capítulo seguinte, quando analisarmos o argumento filosófico.

Scotus, Suárez, Descartes, Spinoza, Leibnitz, Schopenhauer, etc. não se casaram e esta é a razão porque não tiveram filhos geniais. "Não é necessária a reencarnação para compreendermos que não podiam deixar nenhum descendente genial!"[8].

Aliás, parece que os reencarnacionistas possuem uma noção pouco exata do gênio, como se este não tivesse nada de comum com os outros mortais, como se tivesse apenas intuições repentinas, como se já nascesse com soluções prontas para problemas até então insolúveis. As chamadas idéias "geniais", pelo contrário, são geralmente o resultado de esforços conscientes, continuados e pacientes. Diremos antes com os entendidos que o gênio é "uma atenção continuada", uma "prolongada paciência" ou a "paciência do bom-senso". O caminho comumente seguido pelo gênio é este: estudar, pesquisar e prender voluntariamente[9] a atenção de modo constante a um objeto de estudo único, eliminando todas as distrações. Isso supõe boa inteligência e vontade decidida; mas não supõe vidas anteriores.

**3) As crianças-prodígios.** — Pode-se dizer que o argumento científico predileto, sempre relembrado pelos reencarnacionistas, é tirado dos famosos casos de "meninos-prodígios". São crianças que sabem calcular, resolver problemas matemáticos, tocar piano, compor músicas, etc. Para os advogados da metensomatose estes fatos são provas experimentais, científicas e certas de que as crianças em questão só podem ser a reencarnação de espíritos que em vidas anteriores cultivavam a música, a matemática, etc.

Mas, diz o conhecido psicólogo espanhol, Dr. F. M. Palmés, "aduzir esses casos como argumento em favor da preexistência das almas, só pode ocorrer a homens que nada sabem da Psicologia"[10].

E note-se, primeiramente, que os reencarnacionistas exageram frequentemente os feitos extraordinários de seus pequeninos heróis. Um dos exemplos mais citados é o caso de Blásio Pascal que, como eles propalam, "aos doze anos resolveu os teoremas da Geometria"; pelo que deve ser a

---

8) Paulo Siwek, S. J., *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1946, p. 296.

9) Dizemos "voluntariamente", para distinguir nitidamente o gênio das pessoas que costumam dirigir suas atenções "espontâneamente" para certos objetos: são as vítimas das chamadas "idéias fixas".

10) F. M. Palmés, *Metapsíquica y Espiritismo*, Barcelona 1950, p. 455.

reencarnação do próprio Euclides! Entretanto, um estudo objetivo da biografia de Pascal reduz notàvelmente as fantasias reencarnacionistas em torno daquele menino de 12 anos. O pai de Pascal era engenheiro e matemático. E' Madame Perrier, irmã de Blásio, quem nos conta que certo dia o pai surpreendeu seu filho ocupado em um estudo sobre a tese 32 do primeiro livro de Euclides. Tratava-se do teorema que afirma que a soma dos ângulos de um triângulo é de 180 graus; portanto um dos primeiros e mais fáceis teoremas da Geometria plana e não, simplesmente, "os teoremas da Geometria". Para um menino naquela idade era isso sem dúvida excelente sinal de boa inteligência. Mas não era um fato pròpriamente anormal e de todo extraordinário ver um filho de engenheiro absorvido em tais problemas, quando ele via muitas vezes o pai preocupado com teoremas da Geometria.

Outra observação notável a respeito das crianças-prodígios é a seguinte: depois de certo tempo a absoluta maioria delas perde sua genialidade! A este respeito escreve Wilhelm Stekel, especialista em doenças nervosas: "A criança nervosa realiza a maior maravilha deste mundo: aprende a andar, a ler, a pensar mais fàcilmente que as crianças normais. E' precoce, surpreendentemente espirituosa, faz perguntas inteligentes e dá respostas certas que deixam os de casa admirados, é tão sensível que consegue exprimir todos os afetos belos e feios dos adultos. Sua inteligência surpreende a todos. Quase sempre aprende com uma rapidez espantosa. Essas crianças nervosas são, muitas vezes, o tipo dos meninos-prodígios. *De milhares de meninos-prodígios é raro obter-se um talento.* Pedagogos experimentados mostram com razão que os melhores alunos, os chamados meninos-prodígios, cujas notas eram o orgulho da família, só muito raramente se tornam grandes homens, enquanto que crianças aparentemente não talentosas, às quais uma natureza calma permitiu um lento desenvolvimento do cérebro, chegam a ser homens de importância e mesmo geniais"[11].

E mais uma terceira observação interessante que visa diretamente aos mais extraordinários meninos-calculadores e meninos-músicos de que há memória e que, diga-se de passagem, são extraordinàriamente raros. O Dr. Antônio da Silva Mello coligiu boa série destes casos interessantes. Em todos

---

11) Citado por A. d'Almeida Moraes Júnior, *Evolução e Espiritismo*, Taubaté 1944, p. 129.

eles repara-se o seguinte: as ditas crianças se distinguem apenas em bem determinado ramo, como se nele fossem especializadas, mas nas outras atividades prosseguem como as demais crianças daquela idade, infantis, sem saber conversar, mesmo sobre banalidades. E mais: em todos os casos indicados trata-se de processos mentais, operando automàticamente, fora da alçada da consciência como tal (matemática, música). Porquanto, observa Silva Mello, "em relação aos prodígios de cálculo, é preciso considerar que o mecanismo de tais operações deve ser extremamente simples, pois as próprias máquinas de calcular podem realizá-las, sem qualquer raciocínio! Já Schopenhauer havia afirmado que a atividade mental mais baixa era a aritmética, pois é a única que pode ser executada por meio de máquinas. A matemática e os números podem conservar-se alheios à inteligência, como tem sido demonstrado pelo aparecimento de extraordinárias capacidades de cálculo, por vezes em indivíduos inferiores ou mesmo imbecis"[12]. Silva Mello pensa que coisa semelhante se poderia, talvez, dizer da música: "E' provável que a música dependa de dados semelhantes aos da matemática, no sentido de trabalhar com valores e grandezas que guardam entre si relações precisas e que se traduzem pelo ritmo, a harmonia, a melodia"[13].

**4) As Reminiscências.** — Algumas pessoas aprendem com rara facilidade, de forma que dão a impressão de estarem apenas "acordando conhecimentos latentes". Isso seria prova de vida anterior. O argumento é velho. Vem de Platão que, como já vimos em capítulo anterior, também defendeu a metensomatose (a palavra, aliás, vem dele). E' o célebre processo da "maiêutica", que Platão atribui a Sócrates. No *Ménon* refere Platão um caso típico deste gênero. Mediante uma série de perguntas apropriadas ele consegue arrancar do escravo de Ménon respostas que revelavam (assim julgava o filósofo), a aquisição de conhecimentos numa vida anterior à união da alma com o corpo. E assim todos nós teríamos múltiplos conhecimentos em estado latente e que não foram adquiridos na presente encarnação: nascemos com eles e, portanto, devem ter sido adquiridos numa vida precedente.

Já Santo Agostinho criticou severamente esta argumen-

---

12) A. da Silva Mello, *Mistérios e Realidades deste e do outro Mundo*, 2ª ed., (Rio 1950), p. 375.
13) Idem, ibidem p. 378.

tação do velho filósofo grego. Se Platão, diz ele, pôde obter de um homem sem instrução respostas tão acertadas, foi ùnicamente porque lhas sugeria pelo próprio modo por que o interrogava. "À proporção que lhe faziam perguntas bem graduadas e bem coordenadas, o escravo via o que lhe apontavam e contava o que via", explica S. Agostinho[14].

Por outro lado, a maior ou menor facilidade com que costumamos aprender, depende inteiramente das disposições psíquicas que regulam as relações entre alma e corpo. A idiotia, a imbecilidade, a debilidade mental e outras formas de psicopatias lesionais, orgânicas e toxi-infecciosas, são o resultado de lesões do organismo. O defeito não está na alma como tal. Nem pressupõe necessàriamente um espírito defeituoso, atrasado ou pouco evoluído. Qualquer manual de psicologia experimental esclarece fàcilmente este ponto.

**5) As Recordações das Crianças.** — Há crianças que, ainda sem nenhuma experiência na vida atual, começam a contar histórias repletas de dramática animação. "São recordações do passado imediato", repetem com Annie Besant os defensores da reencarnação.

Forçoso é reconhecer que os adeptos da doutrina reencarnacionista são de fato pouco exigentes. Pouco exigentes e muito primitivos. Quem não ouviu uma criança relatar acontecimentos a que ele mesmo assistiu! E' conhecida a liberdade com que elas enfeitam suas històriazinhas e alteram os fatos. A fantasia das crianças não pode ser argumento sério para provar qualquer coisa.

**6) Os Iniciados.** — Mas, retrucarão os reencarnacionistas, se não podemos basear-nos nas fantasias das crianças, então vejamos gente adulta e ponderada: Pitágoras, Empédocles, Buda, Blavatsky, Besant e outros, todos eles são pessoas respeitáveis, que em pleno estado consciente se recordam de suas vidas passadas. São os famosos "iniciados", seguidamente apresentados pelos fautores da palingenésia. Também aqui no Brasil temos desses "iniciados": no Rio de Janeiro,

---

14) *De Trinitate*, XII, 15; PL 42, 1011. E o Santo acrescenta: Se as respostas certas que do escravo se obtinham provassem realmente um "conhecimento da matemática" que em existência anterior tivesse possuído este escravo, seria preciso supor que todos os homens, sem exceção ou quase, em outras eras foram matemáticos, porquanto todos os homens, ou quase todos, são capazes de responder satisfatòriamente às perguntas de Sócrates. Mas "são tão raros os matemáticos, que é difícil achar um!", remata o sábio bispo de Hipona. Cf. P. Siwek, op. cit. p. 188 s.

Avenida Getúlio Vargas, instalou-se o Sr. Oceano de Sá, persuadido de ser a reencarnação de João Batista e por isso ele faz questão de ser chamado "Mestre Yokaanam"; em São Vicente (Santos) mora atualmente o escritor italiano Pietro Ubaldi, a reencarnação de São Pedro Apóstolo; em Pedro Leopoldo (MG) está Chico Xavier, reencarnação do Apóstolo S. André; no Rio Grande do Sul descobrimos no ano passado outra reencarnação importante: a de São João Evangelista... Na verdade, os espíritas têm razão quando dizem que o Brasil é "o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho"! Há pouco, um dos mais conhecidos espíritas patrícios nos escrevia uma carta em que revelava sermos a reencarnação do Papa Inocêncio I. Em Julho do ano passado falávamos em Santos, quando certa senhora mui distinta nos meios espíritas daquela praça, presidente de um grupo de 54 centros, comunicava, pela Rádio Cultura São Vicente, aos seus fiéis e crédulos seguidores ter recebido notícia certa (do além, naturalmente) de que Frei Boaventura seria a reencarnação do Imperador Nero... Hão de conceder que Nero já fez progressos notáveis em sua nova encarnação: para fazer penitência, fez-se frade menor e já não persegue a ferro e fogo; mas sempre continua com a mania de perseguir...

Aliás, surge aqui uma nova e curiosa forma de *megalomania*: todos aqueles que declaram lembrar-se de vidas anteriores, foram sempre personagens importantes. Douglas Home garante que já teve a honra de encontrar ao menos doze Maria-Antonieta, seis ou sete Maria Stuart, uma multidão de São Luís e outros reis, uns vinte Alexandres e Césares, — mas nunca um simples João Ninguém...

Senão, basta entrar em qualquer manicômio para ter muita probabilidade de dar com mais meia dúzia de personagens importantes...

Em vez de analisarmos o valor das recordações dos "iniciados"[15] (e que encontram sua explicação cabal nas enfermidades da memória, nos fenômenos da sugestão e autosugestão e sobretudo na doença da megalomania), queremos apenas citar uma passagem do distinto espírita e reencarnacionista Leão Denis, em que ele nos mostra o caminho pelo qual chegou a conhecer suas vidas anteriores:

"Pelo que me concerne pessoalmente, já pude colher algumas provas de minhas vidas anteriores. Consistem essas

15) Paulo Siwek, *A Reencarnação dos Espiritos*, São Paulo 1946, pp. 238-258 os estuda, um por um.

provas nas revelações que me foram feitas em lugares diferentes, por meio de médiuns que se não conheciam e que jamais tiveram relações entre si. Tais revelações são concordes e idênticas. Além disso, logrei verificar-lhes a exatidão pela introspecção, isto é, por um estudo analítico e atento do meu caráter e da minha natureza psíquica. Esse exame me fez descobrir muito acentuados em mim, os dois principais tipos dos homens que realizei no curso das idades e que dominam todo o meu passado: o monge estudioso e o guerreiro. Ser-me-ia possível ajuntar numerosas impressões e sensações que me permitiram reconhecer, nesta vida, seres já encontrados anteriormente. Creio que muitos homens, observando-se com atenção, conseguiriam constituir seu passado prenatalício, se não nas minúcias, pelo menos nas grandes linhas"[16].

Eis aí um método "científico" para reconstituir nosso passado...

Na verdade: pouco exigentes e muito primitivos, os reencarnacionistas.

**7) As Semelhanças.** — Eis novo argumento: Morre certa pessoa; tempos depois nasce outra, extraordinàriamente semelhante à falecida: sinal que estamos diante da mesma pessoa em duas encarnações diferentes!

Não se admiram os reencarnacionistas que um filho seja semelhante ao pai ou à mãe; acham que isso é muito natural e perfeitamente explicável, sem precisar recorrer à metensomatose. Mas nasce uma criança parecida com o falecido avô ou bisavô ou algum outro parente, e logo o reencarnacionista fica assombrado e pensa que "só a pluralidade das existências estará em condições de explicar coisa tão extraordinária"! A este respeito escreve Siwek: "O argumento a favor da reencarnação que se vai buscar numa semelhança acidental entre duas pessoas, uma das quais nasce após a morte da outra, revela ignorância total de certos estudos sobre a questão da hereditariedade recentemente publicados. Não só as qualidades estritamente físicas (cor, as feições, altura, etc.) como também as propriedades psíquicas podem transmitir-se pela hereditariedade"[17].

---

16) Leão Denis, *O Além*; texto citado por Mário Cavalcanti de Melo em *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 228.

17) Paulo Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1946, p. 177. Em *O Livro dos Espíritos* (21ª ed. p. 132) pergunta Allan Kardec aos "espíritos superiores": "Frequentemente os pais transmitem aos filhos a parecença física. Transmitirão também alguma parecença moral?" Resposta dos espíritos: "Não, que diferentes são as almas ou Espíritos de uns e de outros. O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há con-

Mas nem mesmo é necessário serem consanguíneos, para que duas pessoas possam parecer extraordinàriamente semelhantes. Quando o reencarnacionista vê o sósia de seu amigo, ambos simultâneamente vivos, ele não vê nisso nenhum mistério inexplicável, nem sente necessidade nenhuma de recordar a doutrina da reencarnação para esclarecer a existência do sósia. Mas basta-lhe encontrar dois indivíduos semelhantes um após a morte do outro, e logo proclamará que fora da reencarnação não há justificação para o caso...

Primitivos, os reencarnacionistas. E pouco exigentes...

8) **Os Sonhos.** — Para os partidários da preexistência da alma, os sonhos, ou ao menos alguns deles, não teriam explicação, a não ser como "recordações inconscientes de outras existências".

Allan Kardec expõe no capítulo VII de *O Livro dos Espíritos* (que é a obra básica da codificação kardequiana) a teoria espírita sobre o sono e os sonhos. Não fosse tão longo esse tratado (pp. 213-221), e o tránsladaríamos todo para estas páginas. Pois basta tê-lo lido, para termos sua refutação. O primitivismo, no caso, é flagrante. Demos algumas amostras:

No n. 401 pergunta Kardec: "Durante o sono, a alma repousa como o corpo?" Como sempre, a interrogação é dirigida diretamente aos "espíritos superiores", do além, com os quais estava Allan Kardec em quase constante comunicação. Eis a resposta: "Não, o Espírito (a alma da pessoa que está dormindo) jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então de sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos".

Kardec continua seu interrogatório no n. 402: "Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?" Resposta do além: "Pelos *sonhos*. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito (a alma) mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, *quer deste mundo, quer do outro*. Dizes frequentemente: Tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente inverossímel.

---

sanguinidade". Vê-se que também no além a psicologia anda um tanto atrasada. Fariam muito bem os espíritos desencarnados tomar umas aulas nas universidades dos encarnados. E muitas outras coisas poderiam aprender...

Enganas-te. E' amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que viste ou que verás *em outra existência* ou em outra ocasião. Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar seus grilhões e de investigar no passado ou no futuro... O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. Tiveram sonhos inteligentes os Espíritos que, desencarnando, logo se desligam da matéria. Esses Espíritos, quando dormem, vão para junto dos seres que lhe são superiores. Com estes viajam, conversam e se instruem. Trabalham mesmo em obras que se lhes deparam concluídas, quando volvem, morrendo na Terra, ao mundo espiritual... Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos Superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós". E assim continuam os esclarecimentos dos "espíritos" ainda através de longas páginas. Chegam mesmo a nos ensinar ser possível visitar durante o sono pessoas vivas e conversar com elas (que, naturalmente, também dormem). Pois Allan Kardec pergunta no n. 414: "Podem duas pessoas que se conhecem visitar-se durante o sono?" A resposta é clara: "Certo e muitos que julgam não se conhecerem costumam reunir-se e falar-se. Podes ter, sem que o suspeites, amigos em outro país. E' tão habitual o fato de irdes encontrar-vos, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase todas as noites fazeis essas visitas".

Em suas *Obras Póstumas* Allan Kardec é mais preciso e resume assim suas teorias: "Durante o sono, apenas o corpo repousa; o Espírito, esse não dorme; aproveita-se do repouso do primeiro e dos momentos em que sua presença não é necessária para atuar isoladamente e *ir aonde quiser*, no gozo então da sua liberdade e da plenitude das suas faculdades. Durante a encarnação, o Espírito jamais se acha completamente separado do corpo; qualquer que seja a distância a que se transporte, conserva-se preso sempre àquele por um laço fluídico que serve para fazê-lo voltar à prisão corpórea, desde que a sua presença ali se torne necessária. Esse laço só a morte o rompe"[18].

Particularmente interessante é essa alusão ao "laço fluídico", ou "cordão fluídico" que liga a alma com o corpo.

---

18) Allan Kardec, *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 46.

Em outra obra assim escreve o mestre espírita: "Durante a vida, qualquer que seja a distância a que se transporte, o Espírito fica sempre preso ao corpo por um cordão fluídico, que serve para chamá-lo, quando a sua presença se torna necessária"[19]. Afiança-nos Kardec que "esse laço fluídico há sido muitas vezes percebido por médiuns videntes. E' uma espécie de cauda fosforecente que se perde no espaço e na direção do corpo. Alguns Espíritos hão dito que por aí é que reconhecem os que ainda se acham presos ao mundo corporal"[20]. Devem ser enormes, esses laços fluídicos...

Na verdade, a psicologia do além é positiva, clara, simples, — primitiva.

**9) A Paremnésia.** — Não é raro o seguinte fenômeno: encontramo-nos pela primeira vez em determinado lugar; somos plenamente conscientes de que nunca estivemos aqui. De repente, porém, paramos e temos então a nítida impressão de que "já vimos aquilo"! E ficamos a parafusar quando foi que vimos isso. Eis senão quando se aproxima de nós um reencarnacionista, ao qual expomos nossa perplexidade; e ele, com extraordinária desenvoltura, resolve fàcilmente nosso problema: "O Senhor viu isso numa encarnação anterior"!

Eis o novo argumento!

Os psicólogos dão a este fenômeno a designação de paremnésia. Ainda não está suficientemente esclarecido. Mas algumas observações nos facilitarão sua elucidação:

Nem sempre podemos ter plena certeza que de fato nunca estivemos no tal lugar. E' conhecido o caso contado por Th. Ribot: "Certo cavaleiro, de temperamento muito artístico, faz uma excursão pelos arredores do castelo do condado de Sussex. Chega ao portão e, súbito, sente a impressão vivíssima de já o ter visto; mais ainda, parece-lhe ter visto também as pessoas que nesse momento estão no caminho da ronda e os jumentos estacionados diante da porta principal. Em extremo surpreendido, pede esclarecimento à mãe. Conta-lhe esta: quando ele tinha dezesseis meses, fora levado àquele mesmo lugar; haviam-no transportado num cesto às costas de um jumento e tinham-no deixado em baixo, com os animais e os guias, enquanto os excursionistas subiam pela escada para cima do portão"[21].

---

19) Allan Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 155.
20) Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, 20ª ed., p. 309.
21) Citado por P. Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1946, p. 261 s.

Outra advertência a não esquecer: há muitas coisas parecidas e pode, portanto, bem ser que aquilo que vimos não era precisamente o mesmo, mas apenas coisa semelhante.

Acontece também que a coisa vista já foi descrita em algum livro que lemos ou num artigo que dela tratava, ou já tivemos alguma fotografia daquilo ou ainda (e o caso não é raro) já sonhamos alguma vez com coisa semelhante.

Aliás, nos casos de paremnésia, não temos apenas a impressão de já termos visto certo lugar ou determinada região, mas também certas pessoas, certas circunstâncias, certas casas, etc. E isso se dá mesmo quando as tais casas, circunstâncias ou pessoas ainda são bastante novas ou recentes e, portanto, quando elas ainda não existiam antes da nossa atual encarnação. Ao menos nestes casos os reencarnacionistas não poderão, de jeito nenhum, apelar a vidas anteriores. Só isso basta para mostrar que o problema da paremnésia não pode ser solucionado satisfatòriamente pela reencarnação. E que, por conseguinte, também não pode ser considerado argumento em favor da palingenésia.

**10) As Tendências e Inclinações.** — Algumas crianças sentem forte inclinação para determinada profissão ou arte: querem ser soldados, aviadores, engenheiros, marceneiros; outras querem estudar para padre, para médico, advogado ou para outra ciência qualquer, mas sempre bem determinada. São fatos indiscutíveis. Como explicá-los? "Pela reencarnação!", respondem apressadamente os partidários das vidas sucessivas; "não há outra explicação possível".

Para que os reencarnacionistas possam sustentar semelhante conclusão, deverão forçosamente defender que tais tendências e inclinações são todas *inatas,* no sentido próprio desta palavra. Ora, será bem difícil provar esta tese. Quando, por exemplo, a criança declara que quer ser aviador, artista de cinema ou de televisão, locutor de rádio, será penoso sustentar que se trata verdadeiramente de inclinações inatas ou congênitas. Pois o reencarnacionista, para ser consequente em sua tese, deveria conceder que a criança em questão era aviador, artista de cinema ou de televisão, locutor de rádio, etc. em vida anterior. Ora, a aviação, o cinema, a televisão, o rádio, etc., são invenções recentes, não existiam no tempo das vidas anteriores destas crianças... No caso, o absurdo da explicação reencarnacionista é manifesto. Deve, pois, haver outros fatores psicológicos que esclareçam as tendências e inclinações em questão. A psicologia, com efeito, não vê nisso

nenhuma dificuldade especial: "Se uma pessoa ouvir, desde a infância, elogiar certa arte ou certa ciência, terá provàvelmente opinião muito lisongeira dessa arte ou dessa ciência que para ela assim se tornará uma espécie de ideal. Uma vez concebido esse ideal, naturalmente a criança trabalhará para realizá-lo; e tanto mais que um talento particula. lhe granjeia a admiração dos companheiros. Despertando nele as forças latentes da ambição, concentrando em torno de um fim único as aspirações e as energias do espírito, esse primeiro êxito prepara novos progressos; e assim o talento se desenvolverá de modo notável"[22].

**11) As Simpatias e Antipatias.** — Duas pessoas se encontram pela primeira vez; uma nunca ouviu falar da outra; mas logo ao primeiro encontro sentem singular simpatia mútua. Isso acontece com muita frequência. E' o conhecido amor à primeira vista. E enquanto estão a filosofar sobre o problema que daí surge, aparece um reencarnacionista, para apresentar sua solução, habitualmente apressada: "Vocês eram amigos em vida anterior!" — Outras duas, que também nunca ouviram falar de si, logo ao primeiro encontro, sentem estranha antipatia mútua. Vai o nosso reencarnacionista resolver-lhes a dificuldade: "Vocês eram inimigos em alguma encarnação anterior!"

Não há dúvida que a psicologia dos reencarnacionistas resolve seus problemas com extrema facilidade e simplicidade. Infelizmente, nem a facilidade, nem a simplicidade são critérios da verdade.

A maioria das simpatias ou antipatias à primeira vista têm mui simplesmente sua origem naquilo que os psicólogos denominam "recordação traumática". Para isso não precisamos de acontecimentos pré-natalícios, mas bastam geralmente insignificantes e inocentes ocorrências da infância. Assim pode, por exemplo, alguém sentir viva repulsão por animais de pelo comprido, só porque um deles lhe causou na infância uma emoção viva e desagradável. Mesmo que já não se recorde conscientemente deste fato, não obstante, sempre que está diante dum destes animais, sente viva repulsão. E' a "recordação traumática". Assim se explica o horror que algumas pessoas têm perante certos animais, como por exemplo gatos, cachorros, sapos, etc. Mas o mesmo pode dar-se

---

22) Paulo Siwek, *A Reencarnação dos Espíritos*, São Paulo 1946, p. 279.

também com pessoas. Basta por vezes um nome. Conhecemos uma pessoa que, quando frequentava o grupo escolar, voltava quase diàriamente para casa com uma turma de crianças, entre as quais uma menina de nome Hildegarda, que era grandona e mexeriqueira. Bastou isso para que mais tarde sentisse viva antipatia por qualquer mulher de nome Hildegarda. Conta-se do filósofo Descartes que ele "teve sempre simpatia pelos olhos vesgos porque a primeira mulher que ele amou tinha este defeito". A psicologia e a psiquiatria registam um sem número de casos em que a "emoção-choque" já há muito desapareceu e no entanto persiste o que se chama "estado emocional", uma espécie de tenção dinâmica, como que um colorido especial da vida psíquica, ao qual às vezes se dá o nome de "atitude mental"[23].

Os psicólogos falam ainda da "lei da individualidade dos instintos", que ocupa lugar preponderante para todas as tendências psico-traumáticas (entre as quais as simpatias ou antipatias à primeira vista). Siwek enuncia esta lei com as seguintes palavras: "Assim que se satisfaz plenamente com determinado objeto, o instinto perde ipso facto a força do impulso que o levava para todos os objetos da mesma espécie. Daí provêm nossas simpatias irrefletidas para com certos lugares e certas pessoas, como se só esses lugares e essas pessoas fossem capazes de nos dar a felicidade"[24].

Também as leis psicológicas das "associações" (comuníssimas na vida cotidiana de todos nós) explicam perfeitamente numerosos casos de simpatia e antipatia à primeira vista: as pessoas com que nos encontramos pela primeira vez nos lembram (por sua semelhança nas feições, no olhar, no modo de falar, nos gestos, etc.) outras pessoas com que convivemos e que nos são caras ou contrárias. Daí as simpatias ou antipatias que sentimos. Aliás, convém notar também que o primeiro sentimento de simpatia ou antipatia é muitas vezes corrigido posteriormente, de tal modo que podem mesmo chegar a inverter-se.

Outras vezes os sentimentos de simpatia ou antipatia têm um fundo de ordem puramente sexual ("sex-appeal). Também este caso não é raro, nem precisa tomar logo feições perversas. São coisas da própria natureza humana. Em tudo isso não entra absolutamente a reencarnação. Nem precisamos de outras vidas para explicá-lo.

---

23) Siwek, op. cit. p. 280.
24) Ib. p. 280.

Em não poucas ocasiões entra nos nossos sentimentos de simpatia e antipatias também a questão do gosto, tão diferente de indivíduo para indivíduo. Assim uma mesma pessoa pode ser simpática a um e antipática a outro por mera questão de gosto. Por isso escreve muito bem Paulo Siwek: "Perguntar por que este nos é simpático e aquele indiferente, é mais ou menos o mesmo que perguntar por que não têm para nós o mesmo gosto todos os alimentos". Pois, "não só em assunto de gastronomia existem os caprichos da natureza!"[25].

**12) Os Instintos.** — Ainda falta falar dos instintos: Sentimos "instintivamente" inclinação para algum objeto ou aversão de alguma coisa. Já que estes instintos são indubitàvelmente inatos e não adquiridos na nossa existência atual, argumentam os advogados da reencarnação, são também provas incontestáveis de encarnações anteriores. "O homem que revela talento musical talvez tenha sido rouxinol; o que possui grandes capacidades para arquiteto talvez anteriormente tenha vivido sob forma de castor", escreve o espírita L. Figuier[26].

Se os instintos são aceitáveis apenas como hábitos adquiridos lentamente em vidas anteriores, como querem à viva força os reencarnacionistas, eles deverão também admitir que os primeiros indivíduos de cada espécie não possuíam absolutamente nenhum instinto[27]. Mas esta suposição, além de ser gratuita, é de todo inadmissível. Porquanto, um animal (ou homem) sem instinto nenhum não sabe nem alimentar-se nem defender-se e sucumbirá fatalmente. Por isso é necessário admitir que o instinto (ou certas tendências fundamentais) é natural, pertence à própria estrutura dinâmica de qualquer organismo vivo. Não é possível nem mesmo imaginar um ser orgânico destinado a viver e a perpetuar-se sem instinto de espécie nenhuma. Por conseguinte, o instinto não pressupõe existências anteriores. E', aliás, o que até os próprios "espíritos" ensinam. Pois a uma pergunta de A. Kardec sobre o início dos espíritos, no n. 189 de *O Livro dos Espíritos*, os mestres do além-túmulo responderam: "...Em sua origem, a vida do Espírito é apenas instintiva..." Assim temos que nem mesmo segundo a doutrina oficial dos "espíritos" os instintos pressupõem vidas anteriores e por isso mesmo também não são provas de existências passadas.

---

25) Ib. p. 289.
26) L. Figuier, *Dopo Morte*, p. 336.
27) Cf. Siwek, *Psychologia Metaphysica*, pp. 170 s.

**O Problema do Esquecimento.** — Se é verdadeira a teoria reencarnacionista, temos que absolutamente todos os homens atualmente existentes são espíritos reencarnados, que já passaram por incontáveis vidas passadas. E o que nos contam eles destas suas vidas? Verificamos aqui um fato singularmente surpreendente: Entre tantos seres reencarnados, não descobrimos um só que, se for sincero, se não estiver louco, mesmo que seja espirita, mas que seja normal e são, nos possa revelar algo de suas vidas passadas. A consciência universal da humanidade ignora de todo em todo suas existências anteriores! Verdade é que não falta quem, ou mentindo descaradamente, ou alucinado por sua imaginação tomada pelas preconcebidas fantasias da doutrina espírita ou teosófica, ou desvairado e desequilibrado em sua mente, ou colocado num incontrolável sono hipnótico em que a fantasia revive as mais ridículas e impossíveis sugestões, ou posto num estado anormal de transe em que nos escapa a possibilidade de controlar a ação do subconsciente, pretende recordar-se de suas vidas anteriores. Quem poderá controlar a veracidade dum "mestre Yokaanam", quando alega ser a reencarnação de São João Batista ou dum senhor Hipólito Denizart Rivail, que se dizia a reencarnação do ignoto poeta celta Allan Kardec?

Objetam os reencarnacionistas que esta falta de provas experimentais conscientes se justifica perfeitamente pelo fato de que os espíritos, quando tornam a reencarnar, perdem as recordações do passado. Porém esta objeção não só não é nenhuma resposta, mas é a confissão duma nova e insolúvel dificuldade contra a fantasia da pluralidade das existências. Porque a ignorância universal, total e absoluta das vidas anteriores, na hipótese reencarnacionista, deveria ser por eles explicada e justificada. E não apresentam para isso nenhum esclarecimento psicológico satisfatório. Pois recorrer ao conhecido fenômeno anormal e patológico da amnésia parcial ou total, não elucida o fato universal de que nenhum homem adulto e com pleno uso da razão, normal e isento de qualquer perturbação patológica, não pode recordar-se de coisa nenhuma do que lhe aconteceu em suas numerosas existências passadas, e implica em reconhecer que a humanidade inteira é anormal e sofre de amnésia total e incurável.

Porém a maior dificuldade contra este pretendido esquecimento total não é de ordem psicológica. Sustentam os partidários da reencarnação que a finalidade das reiteradas vidas terrestres é o lento mas contínuo progresso dos espíritos.

Mas justamente este progresso seria enormemente facilitado não pelo esquecimento, mas precisamente pela clara lembrança das vidas passadas. Imagine-se um sábio ou um inventor, se em nova vida pudesse continuar seus estudos e investigações do ponto em que os deixou no último "desencarne"! Mas a realidade é bem outra e muito mais cruel: todos voltam a aprender, de novo, o alfabeto e a formar as sílabas com o trabalho fatigante de costume... Cremos sinceramente que o próprio senhor Leão Denis não acreditava em suas palavras, quando escrevia: "O esquecimento do passado é a condição indispensável de toda a prova e de todo o progresso"[28]. Oh!

**A Ineficácia da Sanção Reencarnacionista.** — Devemos recordar ainda outra dificuldade psicológica contra a doutrina da reencarnação. Pretende-se que as vidas sucessivas ajudem o homem no lento mas constante aperfeiçoamento moral. Mas de fato, em vez de favorecer a perfeição, a idéia da pluralidade das existências facilita e estimula as paixões. Pois dizer que haverá ainda muitas reencarnações em que nos poderemos aperfeiçoar, é ensinar que a nossa eternidade não depende desta nossa vida que levamos atualmente e se atualmente não nos decidirmos a viver bem, mas quisermos continuar a má vida que tanto nos agrada no momento, nem por isso deixaremos de chegar um dia à perfeição: será apenas questão de tempo. E é justamente este o mais pernicioso pensamento que a doutrina reencarnacionista pode instilar na mente do homem fraco por natureza e fortemente inclinado ao pecado e ao vício. O ensinamento reencarnacionista incrementa por isso o mal, anima o vício, condescende com o erro, a iniquidade, a negligência. O maior celerado, os bandidos impenitentes, mais cedo ou mais tarde alcançarão a perfeição. — Para que, pois, esforços, sacrifícios, mortificações, duras penitências, dolorosas renúncias, heroísmos supremos? A lei fatal da evolução garante a salvação. E' só reencarnar! E o mais interessante é que uma reencarnação esquece as agruras da outra. O maior castigo que me pode acontecer é não progredir, encarnar mais uma vez na mesma condição: castigo de ter sido devasso: tornar a sê-lo em nova existência! Mas onde o homem vicioso que não goste de tornar a viver a mesma vida de paixões desregradas? Tais

28) Leão Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., p. 154.

idéias surgirão fàcilmente, basta incutir-lhes os princípios da reencarnação.

Portanto, o pensamento das vidas sucessivas pode levar-nos perigosamente a protelar conscientemente, calculadamente, a salvação. Sim, é questão de cálculo: Desprezo a lei de Deus, furto-me aos rigores da virtude, deixando-as propositadamente para outras, futuras existências; quero gozar ainda os prazeres da sensualidade nesta vida breve, os da animalidade voluptuosa, os do orgulho, os da usura, o sadismo dos crimes ignominiosos... O bem, a virtude, o sacrifício é adiado para outra vida... De qualquer jeito, tenho a salvação garantida.

Por outro lado: não nos agrada a existência atual? Emaranhamo-nos em mil dificuldades financeiras ou escandalosas? Estamos em eminente perigo de difamação? Ao reencarnacionista convicto virá imperiosamente a idéia do *suicídio*: inferno não existe; a salvação está garantida: o melhor é acabar ràpidamente com esta situação sem saída honrosa.

E' a absoluta ineficácia ou melhor inexistência da sanção moral, do freio moral, que despenha o homem em todos os abismos.

## VII. O ARGUMENTO FILOSÓFICO.

**O Problema das Desigualdades.** — Os reencarnacionistas cantam vitórias e lançam os mais valentes desafios quando chegam a discorrer sobre as desigualdades individuais e sociais entre os homens e sobre os males físicos que atormentam a humanidade. Segundo eles não haveria sistema filosófico ou religioso capaz de justificar as desigualdades e os sofrimentos a que estamos sujeitos: A reencarnação e só ela poderia desvendar tantos mistérios. E como eles insistem muito neste ponto, não podemos deixar de tomar posição. Vejamos primeiramente algumas afirmações típicas da literatura reencarnacionista:

"Se não fosse a reencarnação — argumentam eles — as almas seriam criadas ao nascer. Deus, então, seria um artista imperfeito. Nos seus caprichos teria lançado na vida, pela primeira vez, crianças com aptidões desiguais; teria criado seres felizes e infelizes, raças inferiores e superiores"[1]. E perguntam: "Por que faria Deus uns com o privilégio do talento, outros apagados?"[2]. E concluem, não sem irreverências: "Em vez, portanto, de atribuir nossa capacidade mental ao acaso, aos caprichos de Deus, ao pistolão divino, a uma hereditariedade indemonstrável, a causas fortuitas ou a um dislate qualquer, muito mais justo, lógico, consoante às leis superiores, é ver ali o resultado do esforço próprio; não há privilégios, nem filhotismos, nem cartuchos. Todos passam pelos mesmos trâmites, e o prêmio de cada um é filho do merecimento"[3].

E' isso, mais ou menos, que se pode encontrar em todos os escritos espíritas e reencarnacionistas. E' uma herança de Allan Kardec. Para este mestre espírita, como para todos os seus seguidores, é coisa demonstrada e certa, é princípio indiscutível e inatacável, que Deus devia criar todos os espíritos iguaizinhos, que o Criador seria injusto se criasse

---

1) Pedro Granja, em *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953. p. 15.

2) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 35.

3) Ibidem, p. 35.

algum espírito mais inteligente, mais belo ou mais adiantado. Qualquer preferência ou privilégio ou graça ou desigualdade inicial seria clamorosa injustiça[4]; ou, como diria o irreverente autor supra mencionado, seria escandaloso "filhotismo", um autêntico "pistolão divino". Todos os espíritos foram por isso criados "simples e ignorantes", "com igual aptidão para tudo"[5]. Para que fique bem evidente o pensamento do mestre reencarnacionista, vejamos algumas palavras textuais suas:

"Como pode Deus — pergunta ele — dar a uns a ciência sem trabalho, quando outros só a adquirem com muito custo?" E' por isso que vai estabelecer como princípio que a desigualdade inicial dos espíritos "seria a negação da justiça de Deus"[6]. "Sendo soberanamente justo, Deus tem que distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça"[7]. Por este motivo a soberana justiça exige: "que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau máximo de perfeição com seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que nenhum há mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta"[8].

E qual é este princípio igual para todos? "As almas são criadas simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo"[9]; "a alma é criada simples e ignorante, isto é, nem boa nem má"[10]. "Em sua origem, a vida do Espírito é apenas instintiva"[11]: "A vida do Espírito, em seu conjunto, apresenta as mesmas fases que observamos na vida corporal. Ele passa gradualmente do estado de embrião ao de in-

---

4) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed. p. 147; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 76; *A Gênese*, ed. de 1949, p. 197; etc.
5) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 147.
6) Ibidem, p. 147; *O Livro dos Espiritos*, 21ª ed., p. 144: "Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas mais ou menos perfeitas".
7) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed. p. 76.
8) A. Kardec, *A Gênese*, ed. de 1949, p. 197.
9) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 147.
10) A. Kardec, *O que é o Espiritismo*, 10ª ed., p. 152; cf. *O Livro dos Espiritos*, 21ª ed., p. 99; *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 108; *Obras Póstumas*, 10ª ed., p. 32.
11) A. Kardec, *O Livro dos Espiritos*, 21ª ed., p. 124.
12) Ibidem, p. 125.

fância, para chegar, percorrendo sucessivos períodos, ao do adulto, que é o da perfeição"[12]; mas para isso "imenso tempo lhe é necessário"[13].

**O Preconceito da Igualdade Inicial.** — Estamos aí diante de um dos preconceitos fundamentais da filosofia reencarnacionista de Allan Kardec. E dizemos propositadamente "preconceito", porque trata-se de uma simples afirmação que ele nunca provou, nem será capaz de demonstrar. O propalado princípio da doutrina espírita também não se apresenta com uma evidência intrínseca e imediata. Desafiamos a qualquer reencarnacionista a que nos prove a necessidade intrínseca deste enunciado, ou seja que a desigualdade inicial é de fato uma tão criminosa injustiça como eles querem fazer crer. Falando contra aqueles que "saltam em fúria, só com o pensarem que tenham de voltar à Terra", Kardec pondera: "Perguntar-lhes-emos apenas se imaginam que Deus lhes pediu o parecer, ou consultou os gostos, para regular o Universo"[14]. Ora, poderíamos fazer idêntica pergunta aos reencarnacionistas... Poderíamos perguntar-lhes se imaginam que Deus lhes pediu o parecer ou consultou os gostos para poder saber como, com que qualidades, em que tamanho, com quanta sabedoria ou ignorância, com que fealdade ou formosura devia criar os Espíritos. Pois a ser verdade o que o supremo mestre do Espiritismo põe como fundamento de seu sistema reencarnacionista, Deus precisava, antes de tudo, andar com muito jeito, para não ser injusto: a mínima diferença traria consigo injustiça; "Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça"![15] À hora em que Deus quisesse dar o ser a um anjo, a um ente superior, erguer-se-ia diante dele Allan Kardec, acolitado por Carlos Imbassahy e Mário Cacalcanti de Melo, e lhe diria, de braço erguido: "Alto lá! não pode! Igualdade e Fraternidade! Uma vez que se lembrou de criar-nos a nós tão imperfeitos e sujeitos a tantas calamidades, também não pode criar seres em melhores condições sob pena de injustiça. Não podemos consentir em tal coisa!"[16].

"O' homem, quem és tu, para contenderes com Deus? Poderá acaso o artefato dizer ao artífice: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro o direito de fazer um

---

13) Ibidem, p. 125.
14) A. Kardec, *O Livro dos Espiritos*, 22ª ed., p. 139.
15) A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed., p. 76.
16) Cf. Justino Mendes, *Tolices de Allan Kardec*, 1921, p. 209.

vaso precioso, ou um vaso de uso ordinário?" (Rom 9, 20 s). Bem escreveu Allan Kardec: Para fazer alguma coisa "Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos"[17].

Considerando o mundo material, verificamos uma maravilhosa variedade e custa encontrar dois seres ou ao menos duas folhas absolutamente iguais. E por que não poderia o Criador manifestar esta mesma sabedoria e onipotência no mundo espiritual? Seria o caso de repetir aqui uma picante observação do médium Anatole Barthe:

"Quoi! c'est pour résoudre le problème des inégalités intelectuelles que le spirite enseigne le système des réincarnations! Mais il ne sait donc pas qu'il n'y a pas deux êtres, deux choses semblables dans la nature, et que vous ne sauriez en trouver dans l'immensité de l'espace, pas plus que dans la durée du temps. Pense-t-il pour cela que le grain de blé, que le brin d'herbe se réincarnent? N'est-ce pas de cette diversité même que naît l'harmonie de l'univers? Un tout harmonique est-il jamais résulté de parties semblables?"[18].

Ora, admitida a possibilidade duma criação de almas desiguais, desaparece o problema que os reencarnacionistas se comprazem em pintar com as cores mais carregadas e já não há nenhuma necessidade de pluralidade de vidas terrestres, conforme, aliás, confessa o próprio Allan Kardec[19]. E então, em vez de nos servir das desrespeitosas expressões "capricho de Deus", "pistolão divino", "filhotismo", etc., usaremos as palavras cristãs que nos falam da liberdade, da sabedoria de Deus, do poder do Criador e da graça divina. O Deus dos cristãos não é um mero presidente de uma república democrática ou socialista, mas é um Senhor Todo-Poderoso, Senhor Absoluto do Universo, do qual é também o Criador imediato e tudo quanto Ele concede às criaturas, muito ou pouco, grande ou pequeno, assume invariàvelmente o caráter de dádiva ou graça, fruto não de uma necessidade matemática, mas da bondade e do amor, que é uma força criadora e inesgotàvelmente original. Ele não precisa de pedir nossos pareceres ou consultar nossos gostos, nem tem necessidade de ligar-se a um tipo único ou a um padrão universal.

---

17) A. Kardec, *O Livro dos Espiritos*, 22ª ed., p .142.
18) *Le livre des Esprits*, ou *Recueil de communication obtenues par divers Médiuns*, Paris 1863, p. 21.
19) A. Kardec, *O Livro dos Espiritas*, 22ª ed., p. 143; *A Gênese*, ed. de 1949, p. 209.

Mas também a mesma razão nos diz que o preconceito espírita da igualdade inicial de todos os espíritos é em si contraditório. Pois os próprios espíritas não se cansam em apontar e denunciar a realidade (portanto: fatos inegáveis) das atuais desigualdades: Se, pois, na suposição reencarnacionista, todos os espíritos tiveram um início inteiramente idêntico em qualidades e possibilidades, devemos forçosamente admitir algum momento em que começaram as desigualdades que atualmente são inegáveis e é necessário ainda conceder que estas atuais diferenças tiveram uma causa. Se os reencarnacionistas nos dizem que esta causa está nos atos bons ou maus anteriormente efetuados pelos espíritos, eles deverão esclarecer por que foi que os espíritos puderam comportar-se tão diversamente antes que começassem as desigualdades. E isso será inexplicável para eles, porque, segundo seus princípios, os espíritos eram antes sob todos os aspectos iguais, tendo idênticas qualidades e as mesmas possibilidades. Devem, portanto, admitir ao menos que os espíritos tinham a possibilidade de se desenvolver de modo desigual e isto é suficiente para dizer que eles foram constituídos desiguais, ao menos em potência. E isso basta para nós e tira aos reencarnacionistas um indispensável ponto de apoio. Pois com isso cai o propalado princípio da igualdade inicial.

**O Problema do Mal.** — O último raciocínio já nos leva a um outro problema: o do mal, porque ele está intimamente conexo com a questão da liberdade. Ouçamos, primeiramente, alguns típicos gritos de vitória dos reencarnacionistas: "Não há doutrina, absolutamente nenhuma, que justifique as desigualdades sociais, as diferenças humanas, os golpes da adversidade, as dores constantes que nos atacam, as desgraças que nos assoberbam, fora da palingenésia, voltamos a insistir"[20]. Sem a reencarnação, acrescenta o mesmo reencarnacionista na página seguinte, Deus seria um "tirano colérico, intratável, parcial, sectarista, vingativo, mau e cruel como no-lo apresenta a Bíblia".

Leão Denis canta no mesmo tom de vitória completa: "Só a pluralidade das existências pode explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das aptidões, a desproporção das qualidades morais, enfim, todas as desigualdades que ferem a nossa vista. Fora dessa lei, se indagaria inútilmente

---

20) Pedro Granja, em *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 24.

por que certos homens possuem talentos, sentimentos nobres, aspirações elevadas, enquanto muitos outros só tiveram em partilha tolice, paixões vis e instintos grosseiros. Que pensar de um Deus que, estabelecendo uma só vida corporal, nos houvesse dotado tão desigualmente, e, do selvagem ao civilizado, tivesse reservado aos homens bens tão desproporcionados e tão diferente nível moral? Se não fosse a lei das reencarnações, a iniquidade é que governaria o mundo"[21].

Não iremos, agora, remexer em todos os pontos aqui rememorados. Pois alguns deles já foram ponderados no capítulo anterior. Já dissemos também o suficiente sobre as decantadas desigualdades entre os espíritos. Fixemos agora apenas os pontos referentes às misérias, às dores, aos sofrimentos, às adversidades, em suma: ao mal. E' o magno problema. E antes de expormos as linhas gerais da solução cristã do problema do mal, precisamos insistir mais um pouco na solução reencarnacionista.

**Crueldades e Injustiças na Solução Reencarnacionista.** — Para os partidários das vidas sucessivas o mal teria sua explicação perfeita e cabal como castigo e expiação de culpas cometidas em vidas anteriores. "Toda falta cometida — ensina Kardec — todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes"[22]. Pois "o arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são precisas a expiação e a reparação"[23]. Assim, pois, se alguém nasce cego ou coxo, surdo ou mudo, etc., é por que sofre justos castigos de pecados cometidos em vida anterior. E' esta, invariàvelmente, a solução apresentada pelos reencarnacionistas.

Mas, poderíamos perguntar, e não sem um sentimento de justa revolta: Castigos de que crimes? Por que motivos, meu Deus, sou assim tão duramente punido? qual é o pecado que devo expiar?

E ficamos a sofrer castigos e mais castigos, em longas e intermináveis séries de reencarnações, sem ao menos saber por quê! Pois vejam o que os reencarnacionistas nos prometem: "A reencarnação é a perda dessa vida de liberdade (do espírito, no espaço), é um apoucamento de si mesmo, a passagem dos claros espaços para a região obscura, a

21) Leão Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., p. 141 s.
22) A. Kardec, *O Céu e o Inferno*, 16ª ed., p. 88.
23) Ibidem, p. 90.

descida para um abismo de sangue, de lama, de miséria, onde o ser vai ficar sujeito a necessidades tirânicas e inumeráveis. Por isso é mais pen'vel, mais doloroso renascer que morrer; e, o desgosto, o terror, o abatimento profundo do espírito, ao entrar neste mundo tenebroso, são fáceis de conceber-se"[24]. E tudo isso, ensina o mesmo Leão Denis, através de um "número incalculável de vidas, de mortes, de renascimentos, de quedas e de ascensões"[25], e através de "milhares de mundos"[26], sempre "escorregando e levantando-se, chorando e enxugando as lágrimas"[27]...

E para que tudo isso? Para expiar pecados ou crimes que teríamos cometido em vidas anteriores, sem termos disso a mais leve recordação...

Tirania sem nome!

A elementar justiça humana exige que o réu castigado saiba por que é punido. O bom-senso se revolta contra uma punição que nos é infligida sem termos a menor idéia de alguma culpa cometida. Já o velho Enéias Gazaeus, discípulo de Hiérocles, justamente observava: "Eu, quando tenho de castigar meu filho ou meu servo... começo por admoestá-los a fim de se lembrarem bem para o futuro e assim poderem evitar o recair no mesmo erro. Não deveria Deus, quando envia as mais terríveis punições, instruir aqueles que a sofrem acerca do motivo desses castigos? Poderia ele tirar-nos de todo a recordação de nossos crimes?... Que proveito se há de esperar da punição se ninguém nos mostra qual foi a nossa culpa? Em verdade, semelhante castigo vai contra o que pretende: irrita e leva à revolta"[28].

O método reencarnacionista de castigar, por mais que eles apelem precisamente à razão e à justiça divina, é irracional, indigno do homem, cruel e clamorosamente injusto. Nem mesmo os seres irracionais são punidos assim, porque também neles procura-se associar quanto possível o castigo ao erro cometido.

Não custava a Allan Kardec prever esta objeção e no n. 391 de *O Livro dos Espíritos* ele a formula efetivamente; mas na resposta sai-se com esta estranha pergunta: "Onde o mérito se se lembrasse de todo o passado?" Só um enorme

---

24) Leão Denis, *Depois da Morte*, 6ª ed., p. 267 s.
25) Ibidem, p. 146.
26) Ibidem, p. 143.
27) Carlos Imbassahy, *A Reencarnação e suas Provas*, Curitiba 1953, p. 35.
28) *Theophrastes*, PG 85, 302.

ponto de exclamação que ocupasse toda esta página poderia exprimir a admiração com que lemos semelhantes palavras. A expiação não seria meritória com a recordação da culpa?

Primitivos, na verdade, os reencarnacionistas. Primitivos e cruéis. Cruéis e injustos.

**A Origem do Mal.** — Donde vem, pois, o mal? Já Santo Agostinho, o maior dos pensadores do primeiro milênio cristão, que em sua juventude abraçara o Maniqueísmo (que propugnava um princípio eterno do Mal ao lado do Princípio Eterno do Bem), dedicou grande parte de seu gênio especulativo à questão da origem do mal. E porque tinha como certo que o mal tem sua origem no livre arbítrio da criatura, nesta traiçoeira possibilidade de pecar, ele deu à obra em que ex professo examina o presente problema, o título: *De Libero Arbitrio*[29].

Ouve-se frequentemente dizer: "Se houvesse Deus, não haveria guerras". Mas a frase, para ser exata, devia transformar-se nesta outra: "Se as leis de Deus se cumprissem, não haveria guerras". Nem guerras, nem ódios, nem más vontades, nem outros males, procedentes do alcoolismo, das incontinências, etc. E também não haveria crimes. Todos estes males provêm do mau uso da liberdade[30].

Todavia, dizer que o mal vem da liberdade, ou melhor do abuso da liberdade, ainda não nos dá a última solução, pois podemos muito bem imaginar uma vontade libérrima (como a de Cristo e do próprio Deus) e que não pode pecar. Em vista disso poderíamos continuar a indagação perguntando: E por que permite Deus, em sua bondosa onisciência, que a vontade de sua criatura racional possa decidir-se desgraçadamente para o pecado? A Teologia Católica, que não tem a pretensão de querer penetrar em todos os desígnios da Sabedoria Infinita, confessa nessa altura sua insuficiência e proclama o mistério. Mas os espíritas e reencarnacionistas, para os quais "absolutamente não há mistérios"[31], não podem consequentemente dar-se por satisfeitos. Todavia, o mesmo problema existe também para eles, apesar da reencarnação. Por isso pergunta Allan Kardec: "Por que há Deus permitido que os Espíritos possam tomar o caminho do mal?"[32] Como sempre, a interrogação é dirigida aos es-

29) Cf. *Retractationes*, I, 9; PL. 32, 195.
30) Cf. *Deus, o Homem e o Universo*, Porto 1955, p. 706.
31) A. Kardec, *Obras Póstumas*, 10ª ed. p. 201.
32) A. Kardec, *O Livro dos Espíritos*, 22ª ed., p. 94, n. 123.

píritos superiores, com os quais Kardec julgava manter constantes relações. E qual a resposta "do alto"? Ei-la, sem tirar nem pôr: "Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios? Podeis, todavia, dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que ele deixa a cada um, porquanto, assim, cada um tem o mérito de suas obras". Conclusão: Frente ao problema do mal também os reencarnacionistas confessam o mistério. E ao menos neste ponto são racionais...

Mas não precisamos colocar aqui o ponto final. A mensagem cristã ainda nos tem a lembrar uma verdade de fundamental importância:

**A Terra não é um Paraíso!** — Todos sentimos em nós uma insaciável ânsia pela felicidade e alegria. A nossa própria natureza humana nos diz constantemente que fomos criados para a felicidade e não para a dor e o sofrimento. E no entanto, sofremos. Esta é a grande tragédia de nossa vida: que nós, criados para a alegria, devemos enfrentar-nos, dia por dia, com a dor e o sofrimento. Daí surge um conflito. Daí podem brotar também revoltas contra o próprio Criador. Não são poucos os que levantam, ameaçadores, seus punhos ao alto, em sinal de protesto contra Deus que os criou.

Mas estes estão longe de compreender a mensagem cristã. Não sabem, na verdade, o que é o Cristianismo. Nem entenderam o convite de Cristo: "Quem quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz, dia por dia, e siga-me" (Lc 9, 23); "quem não carregar a sua cruz e me seguir, não pode ser meu discípulo" (Lc 14, 27; "não pode nenhum de vós ser meu discípulo, se não renunciar a tudo quanto possui" (Lc 14, 33); "quem não tomar a sua cruz e me seguir, não é digno de mim" (Mt 10, 38); etc.

Vivem profundamente equivocados aqueles que se revoltam contra a dor.

O primeiro equívoco deles está em pensar que esta terra deve ser um paraíso. E não é. Nem Deus quer assim. Fomos criados para a felicidade, sim, sem dúvida; mas para uma felicidade sem fim, eterna. Fomos criados para o céu! A vida terrestre é passageira, é uma perigrinação apenas. Pensar que a terra deve ser um paraíso, é uma ilusão pagã. Segundo a vontade de Deus, vontade que consta de abundantes páginas da Sagrada Escritura, a vida humana sobre a terra é e deve ser essencialmente uma vida de *provação*. E não haveria provação, se não houvesse contrariedade. Deus poderia ter-nos

criado e colocado imediatamente no céu. Mas não quis dar-nos o céu inteiramente de graça. Quis que ao menos de algum modo o merecêssemos, que nos mostrássemos dignos da eterna felicidade. "Não acumuleis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os destroem, onde os ladrões penetram e os roubam. Acumulai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os destroem, onde os ladrões não penetram, nem os roubam" (Mt 6, 19 s). São Paulo recorda aos coríntios que "a leve aflição do momento presente prepara-nos, acima de toda a medida, um peso eterno de glória, desde que nosso olhar se volte, não para as coisas visíveis, mas para as invisíveis" (2 Cor 4, 17).

O segundo equívoco daqueles que se revoltam contra a dor, está em pensar que são sem pecados e por isso não merecem castigos. "Quem disser que está sem pecado é um mentiroso" (1 Jo 1, 10). Somos todos pecadores. E' a revolta contra Deus, é o abuso contra a natureza, é a entrega aos pecados que provoca o justo castigo divino.

O terceiro equívoco daqueles que se revoltam contra a dor está em pensar que a dor deve ser sempre pena de pecado. Pode ser e muitas vezes é castigo de fato. Mas outras vezes é apenas provação. Deus quer provar a sinceridade de nossa virtude. E' fácil ser virtuoso, quando tudo corre à vontade. Mas pode ser uma virtude ilusória. Por isso deve passar pelo cadinho da provação. "A virtude se aperfeiçoa na fraqueza", respondeu Deus ao Apóstolo das Gentes, quando este lhe pediu afastasse as tentações que o atormentavam. Isso, aliás, é essencial à nossa condição de peregrinos. O arcanjo Rafael revela ao velho Tobias a verdadeira razão de seus sofrimentos, quando lhe esclarece: "Por que tu eras agradável a Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse" (Tob 12, 13).

O quarto equívoco daqueles que se revoltam contra a dor, está em pensar que a dor é inútil, que não é recompensada por Deus. E', pelo contrário, a dor a mais rica mina para a glória eterna. "Os padecimentos do tempo presente não se comparam com a glória futura, que se há de revelar em nós" (Rom 8, 18). O próprio Cristo explicou aos dois discípulos de Emaús o sentido mais profundo de todos os padecimentos pelos quais passara: "Não era necessário que o Cristo padecesse aquilo para *assim* entrar em sua glória?" (Lc 24, 26).

**A Lei do Karma.** — Modernamente os espíritas mencionam muito o "Karma" como mais um argumento de ordem filosófica em seu favor. Também a recente literatura kardecista fala constantemente desta "lei", muito embora a palavra "Karma" não se encontre nas obras do codificador da Doutrina Espírita. E' uma inovação posterior, recebida da Teosofia. Também os teosofistas defendem a reencarnação. Na terminologia deles o estado intermediário entre as várias encarnações (e que teria, segundo eles, uma duração de 1.500 anos) é chamado "Devachan" (é o estado da "erraticidade" dos kardecistas). Neste tempo, dizem eles, a alma assimila as experiências da vida terrestre imediatamente anterior: é então que ela colhe o que semeou na encarnação precedente. Cada ação do espírito encarnado é como que uma causa que terá inevitàvelmente seu efeito. E' a rigorosa aplicação da lei da causalidade física para o mundo moral. A isso dão o nome de *Karma*. O Karma é, pois, "a lei sem exceção, que rege o universo inteiro, desde o átomo invisível e imponderável até os astros; e esta lei consiste em que toda causa produz seu efeito, sem que nada possa impedir ou desviar o efeito, uma vez posta a causa"[33]. A lei do Karma é "cega, automática e não inteligente", exatamente como as leis físicas. O que se faz, está feito e terá inevitàvelmente suas consequências, sem possibilidade de perdão, nem de redenção, nem de indulgência. Para que os leitores percebam o jogo das reações Kármicas, vamos ilustrá-las com um exemplo considerado clássico e dado pela própria *Revue Spirite*[34]. Eis sua tradução:

"Uma certa Eva viveu 100 anos depois de Jesus Cristo, no Cáucaso, como ama-seca. Depois foi empregada de um proprietário viúvo, que fez dela sua nova mulher. As sucessivas maternidades de Eva foram causas de descontentamentos; por isso a mãe envenenou vários de seus filhos. Foi este o motivo porque foi repelida pelo companheiro.

---

33) Veja-se sobre isso F. M. Palmés, *Metapsiquica y Espiritismo*, Barcelona 1950, p. 482. — E' muito significativa a inscrição que os espíritas mandaram esculpir no mármore da tumba de Allan Kardec, no cemitério de Père Lachaise (Paris):

Allan Kardec
Fondateur de la Philosophie spirite.
Tout effet a une cause.
Tout effet intelligent
a une cause intelligente.
La puissance de la cause
est en raison de la grandeur de l'effet.
3 octobre 1804 — 31 mars 1869.

34) *Revue Spirite*, Maio de 1929, p. 208.

Eva se reencarnou, depois disso, nove vezes e morreu todas as vezes na infância e sempre de morte violenta, permanecendo cada vez apenas alguns anos no além.

No ano de 900, Eva se reencarna em Marselha; é educada na piedade cristã; socorre os pobres. Aos 18 anos contrai matrimônio com um marinheiro, do qual tem cinco filhos (cinco, dos nove que ela envenenara em outro tempo), aos quais ama ternamente. Um deles, feito médium, descreve à mãe sua vida anterior, e isto lhe causa uma tão forte impressão, que chega a perder o uso da razão.

Em 1200, Eva torna a reencarnar-se na Itália e se casa com negociante de sedas. Tiveram onze filhos (quatro dos quais eram os restantes dos nove que haviam sido envenenados no Cáucaso). O negociante se enamora loucamente por sua filha mais velha e querendo defendê-la contra um persa que queria arrebatá-la, lhe vasou um olho durante a contenda.

Na encarnação seguinte Eva e seu marido se encontram como irmão e irmã na Escócia. Ele se faz monge e num ataque armado contra o mosteiro uma flecha lhe atravessa o olho.

No século XV Eva é a esposa de um conde. Havendo-se este entregue à libertinagem, introduz na casa cantoras e bailarinas. Eva, fora de si por causa dos ciúmes e, desesperada, tenta apunhalar o conde, mas não teve sorte... (se assim se pode falar), pois ele consegue escapar, graças aos atos por ela praticados como pecadora arrependida. Viúva aos 35 anos, casa-se com outro conde, do qual tem um filho e uma filha (os que já teve no Cáucaso) e depois mais um filho (a reencarnação do próprio conde, esposo anterior). Este último, desde a mais tenra idade, dá mostras de um gosto pronunciado pela carreira das armas; e numa brincadeira de criança, fere mortalmente a mãe. Esta se reencarna como filha deste guerreiro 23 anos depois e uma antipatia instintiva e inexplicável reina entre pai e filha. Antipatia, que cresce ainda por causa das reminiscências da vida anterior, verificadas como exatas".

Este exemplo é apresentado pelos espíritas como um caso ideal da aplicação prática da lei do Karma.

**Crítica da Lei do Karma.** — Contentar-nos-emos com apenas algumas considerações críticas em torno desta lei:

1) *A lei do Karma é inteiramente arbitrária.* Veremos logo mais que não há razões internas que exijam semelhante lei. Nem há experiência que a comprove. Pois os mesmos argumentos aduzidos até agora em favor da reencarnação, são citados também em favor da lei do Karma. Ora, já vimos que as provas apresentadas de fato não são pro-

bantes. A experiência e a consciência universal, normal e sã dos homens nos diz exatamente o contrário. Não há quem se recorde de suas vidas anteriores. E em fantasias de crianças, sonhos ou sonos hipnóticos não podemos confiar. Já insistimos nisso. Se, portanto, a experiência é contra a reencarnação, é também contra o Karma.

2) *A lei do Karma leva a absurdos.* E' um fato universal, em que os próprios reencarnacionistas insistem, que não há pessoa sem seus sofrimentos e dores, sem aflições e contrariedades; quase todos somos vítimas de ingratidão e traição, de injustiças e calúnias, etc: Deveriam, pois, os defensores do Karma sustentar que todos, absolutamente todos, fomos, em vidas anteriores, homens ingratos e traidores, injustos e ladrões, criminosos e tiranos, porquanto todas estas calamidades, que agora sofremos, seriam apenas reações exata e matemàticamente equivalentes à conduta da nossa vida anterior. O absurdo será mais evidente ainda se considerarmos a vida de Cristo, de Maria Santíssima, dos Apóstolos, dos grandes Mártires e dos Santos em geral que, todos eles, à imitação de Cristo, sofreram em grau heróico. De acordo com as inevitáveis leis do Karma, teríamos que Cristo, o Rei dos Mártires, e Maria, a Rainha das Dores, devem ter sido dos maiores criminosos em vidas anteriores de que há memória... Absurdos inadmissíveis.

3) *A lei do Karma é injusta*: Ela nos faz sofrer por culpas de que não temos a menor idéia. Já desenvolvemos este ponto.

4) *A lei do Karma à fatalista*: Uma vez praticada a ação, não há mais remédio. E' esperar a reação do efeito inevitável. E' impossível fugir. Não haverá nem arrependimento, nem esforço que possa contornar o feito. E' fatal.

5) *A lei do Karma nega a bondade e a misericórdia de Deus.* A fundadora da Teosofia, Sra. Blavatsky, é consequente quando escreve em sua *Introdução à Teosofia* o seguinte: "Nós não cremos nem num sacrifício propiciatório, nem na possibilidade do perdão do mais insignificante pecado, por meio de qualquer Deus... Nós cremos numa justiça rigorosa, imparcial... que não pode sentir nem ira nem compaixão, mas que age com equidade absoluta, deixando que cada coisa, grande ou pequena, produza suas consequências inevitáveis". Allan Kardec endossa idéias semelhantes[35], razão porque os espíritas negam a doutrina cristã da redenção e a possibi-

35) Recorde o leitor o que expusemos no primeiro capítulo.

lidade do perdão das culpas sem que lhe preceda expiação rigorosamente própria.

6) *A lei do Karma nega a liberdade do homem.* No sistema kármico a liberdade é apenas aparente. Na realidade o homem é impelido pela força cega e inexorável do Karma. Pedimos aqui vênia ao Sr. Justino Mendes de transcrever uma passagem muito interessante de seu *Tolices de Allan Kardec,* em que, de modo popular, mas incisivo, mostra as consequências funestas da lei do Karma:

"Então, quando um homem mau persegue o seu semelhante, quando um ladrão furta, quando o capanga mata, é sempre instrumento da justiça divina... Segue-se que, se matarmos, se roubarmos, se torturarmos o próximo, não fazemos nada de mal. E' apenas porque ele o mereceu noutras encarnações!... Daí resulta que não há mal nenhum em matar, que é uma obra o furtar, que há merecimento em martirizar os outros... Quando um sujeito dá um tapa a outro, este devia tirar o chapéu até o chão e dizer àquele: "Mil vezes agradecido; eternamente grato!" O outro ajudou a pagar o que devia. Quando um amigo atraiçoa outro, rouba-o, deixa-o na miséria, devia ser abraçado por este com lágrimas de gratidão. Não lhe podia fazer um bem maior. E depois, ele já tinha mesmo de passar por essa... Estava escrito!... Ele o tinha merecido em outra encarnação... Que mal haverá em suprimir alguém do número dos vivos? Dir-lhe-emos simplesmente: "Vai, parte para o outro mundo, que é puro benefício teu, e nós praticamos uma obra de misericórdia..."

7) *A lei do Karma de fato não nos faz progredir na virtude.* E' um jogo constante de vaivém. Pode-se verificar isto com toda nitidez no citado caso clássico da protagonista Eva[36]. Apesar de ter passado por tantas encarnações, Eva não apresenta nenhum progresso moral. Dá-se até o contrário: cada crime trás como consequência necessária outros crimes, numa progressão verdadeiramente geométrica. Só porque Eva, na primeira encarnação mencionada, envenenou nove de seus filhos, ela teve que reencarnar-se nove vezes para morrer outras tantas vezes de morte violenta na infância. Por conseguinte nove vezes outras pessoas tiveram de cometer o mesmo crime que, por sua vez, irão exigir novas reações kármicas, e assim por diante, sem parar na linha das reações, em progressão e aumento constante e fantástico. Mas Eva nem assim havia expiado seus crimes co-

---

36) A análise que a seguir apresentamos é de Palmés, *Metapsíquica y Espiritismo,* Barcelona 1950, p. 492.

metidos no Cáucaso: seus filhos envenenados por ela aparecem de novo como filhos seus em reencarnações muito posteriores, depois de 1.100 anos, quando tornou a viver na Itália no ano de 1200. Em outra de suas existências Eva, justamente indignada, num acesso de fúria, tenta apunhalar seu marido. Bastou isso para ter em vida posterior um filho que lhe dará também um golpe mortal. Este filho, por sua vez, deverá sofrer inexoràvelmente as consequências kármicas do pavoroso matricídio... A ação produz reação; a reação reclama nova ação; a nova ação nova reação; e assim indefinidamente ou melhor infinitamente. E a isso chamam de progresso. Progresso, sim; mas horroroso progresso na senda do crime.

**Misericórdia e Justiça de Deus.** — Devemos, no entanto, assinalar que a lei do Karma contém um grão de verdade. Pois é sem dúvida certo que a virtude deve ser premiada e o pecado deve ser castigado. E' uma exigência fundamental da justiça. Entretanto, não se pode dizer que todo e qualquer ato do homem será premiado ou castigado. Devemos manter clara distinção entre os atos moralmente imputáveis e responsáveis, praticados consciente e livremente e os atos pelos quais não podemos, de maneira nenhuma, ser responsabilizados. Seria injustiça clamorosa castigar um cidadão por uma ação involuntária e inevitável. Qualquer criança do primeiro Catecismo conhece perfeitamente as três condições essenciais para um pecado mortal: matéria grave, plena advertência do entendimento e consentimento livre da vontade. Não se pode falar em pecado, onde falta o consentimento livre da vontade. O cristão reconhece que Deus é e deve ser justo, tanto para premiar a virtude, como para castigar o pecado. Mas o Deus infinitamente santo e justo é também infinitamente misericordioso e longânime. Pode-se dizer que, enquanto o homem vive neste transitório estado de provação terrestre, ele é primàriamente objeto da misericórdia e da longanimidade divinas: Deus está sempre pronto a intervir com sua misericórdia, a perdoar todos e quaisquer pecados, por mais numerosos e graves que tenham sido, sob a única condição de que o pecador peça o perdão divino com sincero arrependimento e leal propósito de emenda. Por isso o divino Mestre nos ensinou a rezar: "Pai nosso... perdoai-nos as nossas dívidas". Por isso deu Cristo aos Apóstolos e seus sucessores o poder de perdoar os pecados em nome de

Deus: "A quem vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; a quem vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (Jo 20, 23). Sustentar, com os defensores da lei do Karma, que Deus não perdoa nem pode perdoar os pecados, é das mais graves injúrias que se podem proferir contra a infinita bondade e misericórdia de Deus. Quantas vezes surpreendemos Cristo, no Evangelho, a perdoar e a dizer: "Teus pecados te são perdoados; vai e não peques mais!" A pecadora de Mágdala, a pobre adúltera, o ladrão do lado direito na cruz, etc., são exemplos que de modo eloquentíssimo desmentem as descabidas fantasmagorias dos reencarnacionistas. A mentalidade kármica está infinitamente distante da verdadeira mensagem de Cristo. Querem justiça, mas escandalizam-se com a misericórdia. Referindo-se à doutrina cristã da redenção dos homens pela sagrada paixão e morte de Cristo, escrevem assim: "A nós, espíritas, nos estarrece que a divindade tenha podido encarnar e morrer para resgatar uma humanidade tão pouco digna de tamanho benefício. Não compreendemos uma tamanha solicitude para com os habitantes de uma esfera das menos importantes do universo"[37].

Mas, de outro lado, Deus é também infinitamente justo. Passado o tempo da misericórdia e da longanimidade divina, logo depois da morte, o homem deve comparecer perante o tribunal da justiça de Deus. Medite-se na parábola do pobre Lázaro e do rico epulão. "Está decretado que o homem morra uma só vez, e depois disto é o julgamento" (Heb 9, 27). Já então Deus é o Santo e Justo: premeia a virtude e castiga o pecado: "A cada um de nós, no dia de sua morte, o Senhor retribuirá conforme as suas obras" (Ecle 11, 28). O pecador que, durante o tempo da vida terrestre, zombou da misericórdia de Deus, já então não terá desculpas: será objeto da infinita justiça e santidade. "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno!", lhes dirá o próprio Jesus (cf. Mt 25, 41). Cristo é claro, muito claro a este respeito. Não nos iludamos! Em outra brochura já falamos sobre isso e respondemos também às principais dificuldades que os reencarnacionistas levantam contra a doutrina cristã do inferno[38]. Então Deus lhes dirá; repitamos o texto: "Mas, visto que eu vos chamei, e vós não quisestes ouvir-me; visto que estendi a mão, e não houve quem olhasse para mim; visto

---

37) *Revista Internacional do Espiritismo*, Matão, SP, Janeiro de 1954, p. 257.
38) Veja *Resposta aos Espíritas*, Editora Vozes.

que desprezastes todos os meus conselhos, e não fizestes caso das minhas repreensões, também eu me rirei de vossa ruína e zombarei de vós, quando vos suceder o que temíeis. Quando vos assaltar a calamidade repentina e colher a morte como um temporal; quando vier sobre vós a tribulação e a angústia, então me invocarão (os ímpios) e eu não os ouvirei; levantar-se-ão de madrugada, e não me encontrarão; porque eles aborreceram as minhas instruções e não abraçaram o temor de Deus, nem se submeteram ao meu conselho e desprezaram todas as minhas repreensões. Comerão, pois, os frutos do seu mau proceder e fartar-se-ão dos seus conselhos..." (Prov 1, 24 ss).

## CONCLUSÃO

Os princípios, as pressuposições e as consequências práticas da doutrina reencarnacionista são, por natureza, tais que modificam radicalmente não apenas todo o nosso modo de ver, de filosofar, de encarar a vida e os acontecimentos, mas devem alterar também, e profundamente, essencialmente, todas as nossas atitudes práticas perante os problemas concretos da vida e do modo de viver. A idéia do progresso constante através de sucessivas vidas terrestres, a garantia absoluta de que todos alcançarão a perfeição, a certeza inabalável de que não haverá reprovação definitiva, tudo isso, meditado e aprofundado, não poderá não influir decisivamente na orientação do nosso pensamento e da nossa ação. Nessa perspectiva, a vida que presentemente levamos sobre a terra, no conjunto total das encarnações pelas quais haveremos de passar inevitàvelmente, se reduz a uma fase insignificante de nossa existência total. Com isso a vida atual deixa de ter aquele valor culminante, aquela importância fundamental, aquele momento decisivo que lhe davam os cristãos. Cada encarnação, é verdade, também dentro da filosofia palingenésica, tem seu valor, possui seu significado, reclama seu aproveitamento. Mas não é decisivo, não é irreparável, não exige execução pronta e imediata: pode ser procrastinado, adiado, diferido para outra existência. Tais princípios, todavia, têm repercussões sobre a lei moral, abalam a rigidez de seus princípios e modificam o modo de sua aplicação.

E' pois, a reencarnação um sistema próprio de filosofia, de vida e de moral. Ela traz inovações radicais. Ela interessa, por isso, diretamente, imediatamente, a todo indivíduo, a cada um de nós em particular.

Ora, um sistema assim, com tão decisivas repercussões filosóficas, vitais e morais, precisa, antes de tudo, de ser fundamentado, provado, demonstrado. E isso com argumentos perentórios, formais, que não permitam dúvidas sérias nem tergiversações.

Pois bem, não há dúvida, os reencarnacionistas apresentam seus argumentos. Estudamo-los, um a um: o ar-

gumento espírita, o histórico, o cristão, o patrístico, o psicológico e o filosófico. E vimos que não resistem a um minucioso exame crítico. Verificamos que, de fato, a teoria espírita ou teosófica da reencarnação não é postulada pelos raciocínios da filosofia, não é exigida pelos fatos da experiência e ciência, não é ensinada pela tradição dos melhores e mais sábios cristãos de vinte séculos, não é imposta pela convicção unânime dos povos de todos os tempos, não está contida na evangélica mensagem de Nosso Senhor e Deus Jesus Cristo, não nos foi legada pelo cristianismo primitivo e nem mesmo resulta concorde e universal das próprias mensagens espíritas. Vimos até o contrário: as comunicações espíritas neste ponto são consideradas insuficientes pelo próprio senhor Allan Kardec e mesmo diretamente negativas nos centros espíritas anglo-saxões; não só nem todos os povos eram reencarnacionistas, mas a mais antiga literatura mundial, particularmente a egípcia, grega, chinesa e hindu, desconhecem semelhantes fantasias; a doutrina de Cristo apresenta numerosos elementos fundamentais totalmente inconciliáveis com a idéia de reiteradas vidas terrestres e de contínuo progresso espiritual após a morte; a Igreja primitiva, na voz de seus mais destacados representantes, não só não propugna estes mesmos elementos frontalmente opostos à pluralidade das existências, mas rejeita ainda de modo explícito e expresso a arbitrária ilusão de sempre novas vidas; a universal experiência dos homens normais e sãos ignora de todo em todo qualquer recordação de existências anteriores; os vagos indícios de alguns fatos psicológicos, patológicos ou extraordinários encontram satisfatória explicação na psicologia moderna; e o raciocínio da mente do filósofo não só não postula vidas anteriores para explicar as desigualdades, os sofrimentos e as misérias, mas descobre na solução reencarnacionistas contradições, impossibilidades, absurdos, crueldades e injustiças que a tornam inaceitável, irracional e extremamente primitiva.

# ÍNDICE

**Introdução** ..... 3

A palavra Reencarnação ..... 3
O Reencarnacionismo no Brasil ..... 3

**I. Exposição da Doutrina da Reenczarnação** ..... 7

A autoridade e competência doutrinária de Allan Kardec 7
O famoso epitáfio ..... 8
"Vivemo-las em diferentes mundos" ..... 8
"... desde o minério até o homem..." ..... 10
E' o evolucionismo em sua formulação mais extrema.. 11
Reencarnação e metempsicose ..... 13
O inferno não existe ..... 14
A perfeição final ..... 16
Finalidade dos espíritos perfeitos ..... 17
O espírito perfeito não tem corpo ..... 18
O espírito alcança a perfeição por mérito próprio .... 19
Imediatamente depois da morte ..... 21
As divergências entre os reencarnacionistas ..... 22
Os argumentos em favor da Reencarnação ..... 23

**II. O Argumento Especìficamente Espírita** ..... 26

Em que consiste ..... 26
Princípios para uma sã crítica ..... 27
A falta de unanimidade entre os espíritas ..... 30
O próprio A. Kardec recębeu mensagens contrárias à Reencarnação ..... 33

**III. O Argumento Histórico** ..... 37

Exposição do argumento ..... 37
O testemunho dos Vedas ..... 39
O Budismo ..... 39
No Egito ..... 40
Na Grécia ..... 41
Em Roma ..... 42

Na Pérsia ..... 42
Conclusão ..... 43

**IV. O Argumento Cristão** ..... 46

Em que consiste ..... 46
Conspecto dos pontos essenciais da doutrina reencarnacionista ..... 48
Ensinou Cristo a pluralidade das vidas terrestres? .... 49
Ensinou Jesus a lei do progresso irreprimível e universal para a perfeição? ..... 52
Ensinou Cristo a necessidade de conquistar a perfeição final por esforços e méritos pessoais? ..... 55
Ensinou Jesus uma vida definitivamente independente do corpo? ..... 59
Mas João Batista seria a Reencarnação do profeta Elias! ..... 62
Mas Jesus disse a Nicodemos... ..... 63
Conclusão ..... 64

**V. O Argumento Patrístico** ..... 68

Exposição do argumento ..... 68
Algumas observações gerais ..... 70
Orígenes ..... 74
Clemente de Alexandria ..... 76
Tertuliano ..... 76
S. Gregório de Nissa ..... 77
S. Jerônimo ..... 77
S. Agostinho ..... 78
S. Hipólito ..... 79
Minucius Félix ..... 79
S. Irineu ..... 80
S. Justino ..... 80
Conclusão ..... 80

**VI. O Argumento dos Fatos Psicológicos** ..... 81

Vejamos os fatos ..... 81
1) As "provas experimentais" pelos sonos hipnóticos . 83
2) Os gênios ..... 87
3) As crianças-prodígios ..... 88
4) As reminiscências ..... 90
5) As recordações das crianças ..... 91
6) Os iniciados ..... 91

7) As semelhanças ..... 93
8) Os sonhos ..... 94
9) A paremnésia ..... 96
10) As tendências e inclinações ..... 97
11) As simpatias e antipatias ..... 98
12) Os instintos ..... 100
O problema do esquecimento ..... 101
A ineficácia da sanção reencarnacionista ..... 102

**VII. O Argumento Filosófico** ..... 104

O problema das desigualdades ..... 104
O preconceito da igualdade inicial ..... 106
O problema do mal ..... 108
Crueldades e injustiças na solução reencarnacionista .. 109
A origem do mal ..... 111
A terra não é um paraíso! ..... 112
A lei do Karma ..... 114
Crítica da lei do Karma ..... 115
Misericórdia e justiça de Deus ..... 118

CONCLUSÃO ..... 121

## Outras brochuras de Frei Boaventura, O. F. M., sobre o Espiritismo:

1) **Por que a Igreja condena o Espiritismo.** Brochura de 48 pp., por Cr$ 4,00. — Tem duas partes: Na primeira se comenta o recente documento em que o Episcopado Nacional condenou o Espiritismo; na segunda o A. expõe as razões le tão severa condenação. Em linguagem fácil o A. compendiou assim em poucas páginas seus muitos estudos sobre a heresia espírita.

2) **Material para Instruções sobre a Heresia Espírita.** Primeiro ciclo. Brochura de 64 pp., por Cr$ 5,00. — Todos os vigários, missionários populares, conferencistas, professores de religião, militantes da Ação Católica, catequistas, etc., que lidam com espíritas ou com as vítimas da propaganda espírita, devem possuir este opúsculo, em que encontrarão material sólido e seguro para 20 instruções sobre a posição da Igreja perante o Espiritismo.

3) **Material para Instruções sobre a Heresia Espírita.** Segundo ciclo. Brochura de 96 pp., por Cr$ 8,00. — Aí encontrarão riquíssimo, bem documentado e interessante material para mais 25 instruções em que o A. focaliza as principais heresias da doutrina espírita, repetindo, ao mesmo tempo, as verdades fundamentais da doutrina cristã. Contém ainda, em apêndice, um comentário completo da Profissão de Fé e do Juramento Antiespírita prescrito pelo Episcopado Nacional para todos os membros das Associações Religiosas.

4) **Resposta aos Espíritas.** Brochura de 144 pp., por Cr$ 12,00. — A "Campanha contra a Heresia Espírita", promulgada pelos Bispos do Brasil, determina que se dê aos catequistas, militantes da A. C. e aos membros das Associações Religiosas formação doutrinal segura, "tornando-os aptos a refutar as acusações que os espíritas fazem contra a Igreja". Nesta brochura o A. dá resposta clara e concisa às mais repetidas objeções espíritas. Não é livro de polêmica, mas de instrução prática e popular.

5) **Posição Católica perante a Umbanda.** Brochura de 88 pp., por Cr$ 8,00. — E' o primeiro e único livro que toma uma posição católica frente à espantosa proliferação desses centros de superstição, leviandade, depravação, degradação moral e loucura, em que se misturam práticas fetichistas e ritos católicos, deuses africanos e Santos nossos, doutrinas espíritas e ensinamentos cristãos, num sincretismo bárbaro de necroman-

cia, magia, politeísmo, demonolatria e heresia. E' a Umbanda com seus terreiros de macumba, candomblê e batuque, onde se fabricam despachos e feitiços e para onde acorrem pessoas de todas as cores e condições sociais. Senhor de numerosos livros, jornais e revistas sobre Umbanda, o A. visitou ainda pessoalmente muitos terreiros e, incógnito, assistiu às sessões de Umbanda. E' um livro destinado a ser difundido amplamente.

6) **O Livro Negro do Espiritismo.** Brochura de 104 pp., por Cr$ 10,00. — Cresce assustadoramente o número de brasileiros que vão aos centros espíritas e frequentam os terreiros de Umbanda para evocar os mortos ou outros espíritos do além. Com impressionante documentação, autêntico Livro Negro da Necromancia, o A. mostra nas três partes desta brochura que a prática da evocação é 1) racionalmente inútil (estudando a credibilidade do médium, dos espíritos que se comunicam e da Codificação), 2) divinamente proibida e 3) naturalmente prejudicial. Um inquérito pessoal e inédito entre os psiquiatras do Rio de Janeiro, que com absoluta unanimidade denunciam os males naturais provocados pelo Espiritismo, é um tremendo e irretorquível libelo contra a necromancia, o que, por si só, justifica plenamente o esquecido mandamento divino: "Não consultarás os mortos".

* * *

*Ajude também Você na Campanha Nacional de esclarecimento dos católicos sobre o Espiritismo, a Umbanda, a Necromancia e a Reencarnação, adquirindo e difundindo os seguintes folhetos da autoria de* Frei Boaventura, O. F. M.:

**Por que o Católico não pode ser Espírita.** 16 pp. — Expõe brevemente razões por que o católico não pode ser espírita. Deve ser difundido por todas as paróquias e em todas as igrejas. Tabela: 10 exs.: Cr$ 5,00; 100 exs.: Cr$ 45,00; 500 exs.: Cr$ 200,00; 1.000 exs.: Cr$ 350,00.

**Por que não admito a Reencarnação. 16 pp.** — A teoria da reencarnação é a fonte das inúmeras heresias espíritas. Este folheto mostra como a reencarnação é frontalmente oposta à doutrina cristã. Estilo popular, simples e claro. Tabela: 10 exs.: Cr$ 5,00; 100 exs.: Cr$ 45,00; 500 exs.: Cr$ 200,00; 1.000 exs.: Cr$ 350,00.

**O Católico perante a Umbanda. 16 pp.** — São normas práticas de uma atitude cristã perante a Umbanda, seus fautores, suas doutrinas e suas práticas supersticiosas. Tabela: 10 exs.: Cr$ 5,00; 100 exs.: Cr$ 45,00; 500 exs.: Cr$ 200,00; 1.000 exs.: Cr$ 350,00.

Pedidos à EDITORA VOZES LTDA.
Caixa Postal, 23 — Petrópolis, R. J.

**Livros de Orientação Católica sobre o Espiritismo:**

**As Fraudes Espíritas e os Fenômenos Metapsíquicos,** pelo Pe. Carlos Heredia, S. J. 1 vol. br. 150×230 mm, 367 pp. Cr$ 40,00.

**Estudo Crítico das Ciências Ocultas,** por Filipe Machado Carrion. 1 vol. br. 140×215 mm, 175 pp. Cr$ 15,00.

**Os Segredos do Espiritismo,** pelo Pe. Júlio Maria. 1 vol. br. 125×195 mm, 272 pp. Cr$ 25,00

**Tolices de Allan Kardec,** por Justino Mendes. 1 vol. br. 135×190 mm, 199 pp. Cr$ 20,00.

**A Ilusão Espírita,** por Ramos de Oliveira. 1 vol. br. 135×190 mm, 101 pp. Cr$ 10,00.

**Por que a Igreja condenou o Espiritismo,** por Frei Boaventura, O. F. M. 1 vol. br. 125×180 mm, 48 pp. Cr$ 4,00

**Material para Instrução sobre a Heresia Espírita (Primeiro Ciclo),** por Frei Boaventura, O. F. M., 1 vol. br. 125×180 mm, 64 pp. Cr$ 5,00.

**Material para Instrução sobre a Heresia Espírita (Segundo Ciclo),** por Frei Boaventura, O. F. M., 1 vol. br. 125×180 mm, 96 pp. Cr$ 8,00

**Resposta aos Espíritas,** por Frei Boaventura, O. F. M., 1 vol. br. 125×180 mm, 144 pp. Cr$ 12,00.

**Posição Católica perante a Umbanda,** por Frei Boaventura, O. F. M., 1 vol. br. 125×180 mm, 88 pp. Cr$ 8,00.

**Por que o católico não pode ser Espírita,** por Frei Boaventura, O. F. M. Folheto de 16 pp. Tabela: 10 exs. Cr$ 5,00; 100 exs. 45,00; 500 exs. 200,00; 1.000 exs. 350,00.

**Por que não admito a Reencarnação,** por Frei Boaventura, O. F. M. Folheto de 16 pp. Tabela: 10 exs. Cr$ 5,00; 100 exs. 45,00; 500 exs. 200,00; 1.000 exs. 350,00.

Pedidos à EDITORA VOZES LIMITADA
Caixa Postal 23 — Petrópolis, R. J.

Palavra telegráfica — **DEBA**